



Copyright ©2019 By Rô Mierling e Autores Diversos

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

EDITORA ILLUMINARE
Caixa Postal 49 — Torres — RS — 95560-000
www.editorailluminare.com.br

Edição
Laura Salles

Revisão
Milena Moraes

Diagramação
Sarah Schoenberg

Capa
Sarah Schoenberg e Rô Mierling

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

MIERLING, Rô. Org.

R192. Contos de Halloween. Rô Mierling, Org.. Torres: Editora Illuminare, 2019.

1. Contos. I. Título.
ISBN 978.85.85005-63-4
CDD: 869.4.
CDU: 821.134.3-3

RÔ MIERLING

E AUTORES SELECIONADOS

CONTOS DE
HALLOWEEN

Editora Illuminare
Brasil / Argentina
2019



O VALE DA SOMBRA DA MORTE

RÔ MIERLING

Mais um lançamento. Outro encontro com leitores. Essa exatamente no dia 31 de outubro, o tal Halloween. Outra noite em que percebo que não sou nada do que um dia sonhei em ser. Eram 15 pessoas na livraria. Eu contei. E das 15 pessoas que estavam lá naquela noite, sete vieram falar comigo, 3 me conheciam e só uma comprou um livro meu. Eu fiquei sentada lá por mais uma hora. Sorrindo (forçado), não adiantou. Meu sorriso é uma merda.

Sou uma escritora de terceira categoria, que escreve contos de terror barato. Alguém um dia disse que gostava do que eu escrevia e eu acreditei.

Vendi o suficiente para pagar algumas contas durante os cinco anos em que me dediquei a escrita, e por delírios, ou comodismo, fui me deixando levar por essa “carreira”.

Cresci numa cidade do interior, assombrada por uma religião de um deus infernal que castigava a quem raspava as axilas. Com 10 anos eu achava que estava possuída já que me recusava a acreditar ou cumprir o que exigiam de mim. Mas mesmo que me sacudissem, gritassem, esbravejassem, aquilo não saiu de mim. Só piorou, pelo visto.

Saí de casa, vivi o mundo: drogas, sexo, ruas, vícios, dos mais loucos. E um dia, muito bêbada escrevi um conto e um louco gostou. Reuni mais contos e outro louco publicou e cá estou eu.

Não acredito em fantasmas, em religiões, em Deus ou no inferno. Acredito em merdas, desastres e dívidas.

Putá merda como eu acredito em dívidas. A coisa fica pior a cada dia.

Eu nunca fui ligada em moda, ou coisas caras, mas a noite custa caro. Odeio bebida barata e perfume vagabundo, o resto pouco me importa.

Mas o que me importa custa caro, e meus contos de terceira categoria não estavam à altura dos meus custos de primeira. E as dívidas foram chegando e se tornaram minha companhia por longos anos.

E quando aquele homem entrou na livraria, no final da noite, quando eu já estava recolhendo meus livros, eu simplesmente me fiz de surda:

—Você é aquela moça que escreve sobre demônios, não é?

Eu estava acostumada com leitores que confundem o autor com a vivência real. E a noite estava no fim, eu estava cansada e com fome. Não tinha grana para aquele bife enorme que vendiam no La Pipeta, um local que serve a melhor carne de Buenos Aires, nem tão cara, mesmo assim, era além do que eu podia pagar.

Eu contei como fui parar em Buenos Aires? Não? Nem queiram saber. É, no mínimo, deprimente.

Voltemos ao final da noite de Halloween e ao homem de voz desagradável.

Ele repetiu a pergunta:

— Você é aquela moça que escreve sobre demônios, não é?

Eu, sem ter como fugir, respondi:

— Sim, acho que sim. Deseja um livro?

— Não. Já li seus livros. Quero que venha comigo conhecer um lugar. É um velho hotel. Desabitado atualmente. Mas lá aconteceram coisas muito ruins. Sei que vai querer conhecer e escrever sobre o local

e hoje é uma noite especial. Tem alguém lá te esperando e pode pagar bem só para você ir conhecer o local.

— Desculpe senhor. Escrevo contos de terror, mas não são reais em sua maioria. São frutos de imaginação – disse eu rindo de forma cansada.

Ele não se deu por satisfeito:

— Acredite, você precisa ir lá. Precisa conhecer o local.

Olhei para ele de forma mais atenta e percebi o sofrimento de anos em seu semblante. Uma feição carregada de dor e desespero.

— Por que preciso ir lá? – Perguntei.

— Porque me mandaram te buscar – ele respondeu em voz baixa.

— Quem mandou me buscar? - Indaguei, achando que aquilo estava ficando desagradável.

— Não importa. Você precisa ir lá nessa noite. Essa foi uma ordem que recebi e preciso cumprir, então só posso te pedir: por favor, vamos até lá. Você visita o local, recebe uma boa grana e se quiser escrever algo sobre ele... Pode dar uma história boa - era como se ele implorasse de forma descontrolada.

Eu estava tão cansada, com fome e com uma vontade enorme de sair dali, então concordei.

Terminei de recolher minhas coisas, acertei detalhes com o gerente da livraria e saí. O senhor estava lá fora, perto de um carro que eu nem sabia que ainda fabricavam. Ele me esperava. Eu olhei para os dois lados, a rua estava meio deserta, passei a língua nos lábios, engoli em seco e pela primeira vez em muito tempo, senti algo similar a medo. Mas não havia do que ter medo, porque não existem coisas sobrenaturais, afinal não existe “um deus que possa nos proteger do mal”.

E como já vivi coisas completamente sem sentido e razão, entrei no carro. Ele dirigiu em silêncio por mais de dez minutos, por ruas estreitas e escuras, prédios antigos e alguns abandonados e parou na frente de um velho prédio, com paredes sujas e pichadas.

— É aqui moça, venha comigo – disse o velho homem trancando o carro e indo em direção ao prédio.

Eu só podia estar ficando ainda mais louca por estar ali. Mas o velho era frágil, pequeno, não oferecia risco e quem sabe isso não daria uma boa história?

Eu o segui. Ele abriu uma grande e velha porta, acendeu a luz e me esperou. Eu entrei. Ele fechou a porta com duas voltas na chave. Eu rapidamente pensei:

“Para que duas voltas na chave? Quem iria querer entrar ali?”

Ele subiu as escadas e eu fui atrás dele. Tinham baratas pelo chão e tudo fedia.

Sim, sou uma pessoa com ausência de raciocínio normal, não tem outra explicação para eu estar ali.

Sigamos.

Depois de três lances de escada, ele parou na frente de uma porta com a marcação C6.

— Esse é o quarto. Você deve entrar sozinha. Entre e fique quanto tempo desejar. Fecharei assim que você entrar. Quando quiser sair basta bater na porta, eu abro e vamos embora.

Aquilo era ridículo.

— Senhor, veja bem. Eu vim até aqui com você. Respeito sua idade. Sim, escrevo histórias de terror, mas porque eu iria querer entrar no quarto e ficar ali dentro? Você vai fechar a porta e eu ficarei lá dentro, não faz sentido. Veja. Eu vim com você, já vi o local, já posso escrever algo sobre ele e ainda dedico para o senhor que tal? Pode me pagar e podemos ir?

— Não! Você deve entrar. AGORA! — A voz dele ficou mais irritante e eu não estava gostado mais daquilo, se é que em algum momento eu gostei.

Ele tirou do bolso um pacote com uma certa quantidade de dinheiro que me sustentaria por ao menos dois meses. Era tentador. Mas eu não tinha certeza...

— Certo, eu vou descer e vou embora, não precisa me acompanhar — eu respondi.

E antes que eu chegasse na escada ele sussurrou:

— Você é covarde. Diz que não acredita no sobrenatural, mas é covarde, tem medo.

Eu me virei e dei um sorriso irônico para o velho.

— O que você sabe de mim? Eu não tenho medo, só é perda de tempo, esse lugar fedea.

— Entre. Fique um minuto, dois minutos e vamos embora — ele agora suplicava de novo, como se fosse algo que ele tivesse que fazer.

Resignada para terminar com aquela noite cada vez mais insólita, eu concordei.

— Ok, vamos com isso. Eu entro, fico uns minutos, bato na porta, você abre e vamos embora. Se me trancar lá dentro e não abrir eu chamo a polícia.

Não sei como eu chamaria a polícia, porque me recuso a usar celulares, mas ele não sabia disso e eu entrei no tal quarto depois de pegar o pacote de dinheiro.

Quase imediatamente após eu tatear a parede para achar o interruptor e a luz se acender, ouvi ele trancando a porta.

O quarto era simples: cama de solteiro, uma mesinha, uma cadeira, um abajur. Sem frigobar. Um tapete e uns quadros cafonas. Uma porta que dava para um banheiro imundo e mais nada.

Eu fiquei li parada na entrada do quarto, chego a me lembrar do cheiro, e do sorriso imbecil que dei. Só eu passava por situações como aquela, tão sem sentido – era o que vinha a minha mente.

Alguns segundos passaram, e comecei a sentir um cheiro cada vez mais forte: era ácido, ardente e o lugar estava quente. Mais quente do que quando entrei. Percebi então que não tinha janelas.

Que merda de quarto não tem janelas?

Olhei no meu relógio e não fazia nem um minuto que eu estava ali. Mas não era legal. Era estranho, minhas costas coçavam e em volta dos meus lábios um ressecamento estranho começou.

Eu andei pelo quarto, não sei bem quantos passos foram, mas algo estava errado. Eu estava tonta, as paredes oscilavam e eu me sentei na cama. Foi quando tudo começou de verdade.

Do silêncio que era antes, agora eu escutava as batidas do meu coração. Quem escuta o próprio coração? Em alto som. TUM TUM....

PUTA QUE PARIU. Era um ruído denso, forte e vinha de dentro de mim. Eu tentei ficar em pé e não consegui.

Tentei falar e minha voz não saiu. E esquentava, mais e mais. Eu sentia o suor descendo pelas minhas costas e de repente a porta do banheiro abriu e “ele” veio até mim. Usava um paletó escuro, cabelos pretos, pele branca e sorria.

— Quem é você? O que faz aqui? - Eu pensei ter dito, mas não havia som.

Ele veio, se aproximou e tocou minha testa.

— Minha menina rebelde - a voz dele era suave e ao mesmo tempo arrepiava todo meu corpo. Algo ruim estava dentro de mim, eu não conseguia respirar. Meu peito doía. Eu queria me levantar, correr, ir até

a porta, fazer as tais batidas e sair. Mas nada disso foi possível. Eu estava ali, sem poder me mover.

— Você sabe que eu acredito em você. Você sabe que pessoas como você me ajudam a eliminar a fé dos outros. Sabe disso né?

A voz dele ondulava pelo quarto enquanto ele caminhava com passos suaves pelo tapete. O calor era cada vez mais insuportável e eu só queria respirar. Mas não podia. Comecei a sentir minha garganta fechar, agarrei a colcha com força, com as duas mãos, minhas pernas esticaram e eu queria correr. Mas ainda não.

Ele voltou para perto de mim, parou na minha frente se abaixou e me olhou nos olhos: e todo meu inferno veio a mim. Todas as vezes em que eu me droguei, que fiquei bêbada, que roubei, que chutei pessoas nas ruas, que tentei queimar aquele indigente no banco da praça. As vezes que menti, enganei e que zombei da fé de outros. As imagens vinham na minha mente muito mais rápido do que em um filme, atravessando meu peito e me fazendo arquejar.

Eu caí da cama para o chão. O cheiro de mofo do tapete é algo que nunca vou esquecer. Tinha urina e algo mais naquele tapete. Um cheiro de morte e de desespero. Eu me encolhi, porque não conseguia me levantar, a minha respiração era cada vez mais reduzida e cada ar que miseravelmente entrava nos meus pulmões ardia como brasa. Meus lábios racharam, meus olhos não conseguiam se fechar. A secura e quentura do quarto beiravam o insuportável.

E eu soube que ia morrer e que minha vida miserável ia se perder sem que ninguém desse por minha falta. Uma pessoa desprezível, egoísta, sem sentimentos ou esperanças.

E depois de alguns segundos longos, os mais longos da minha vida, eu consegui fechar os olhos e letras apareceram na minha frente. Apenas letras ondulantes enquanto eu sentia meu corpo arder cada vez mais. As letras oscilavam sem fazer sentido, dançando a minha volta. Eu abri os olhos. Ele ainda estava lá, parado olhando para mim, sorrindo com um olhar de ironia.

— Venha minha pequena rebelde, venha para mim – a voz dele era doce e quase acolhedora, mas ao mesmo tempo doía nos meus ouvidos como agulhas.

Eu fechei os olhos e as letras dançantes começaram a se organizar. Era uma frase. Eu ainda não podia ler, mas era uma frase, eu sabia. E eu forcei os olhos para que ficassem fechados até que eu conseguisse ler a mensagem. E em meio as ondulações, algo fez sentido. Eu tinha

lido aquilo muitas e muitas vezes quando era criança. Centenas de vezes seguidas. Mas nunca fez sentido.

E então eu soube por que não fazia sentido.

Porque enquanto eu era criança, homens me forçavam a não entender o que a mensagem queria dizer. Homens que interpretavam a mensagem por mim.

Mas agora eu podia ler e entender por mim mesma: “Ainda que eu andasse pelo *vale da sombra da morte*, não temeria mal algum, porque Tu estás comigo”.

E eu comecei a rir. Primeiro foi um riso bobo, depois se tornou um riso aberto e enfim veio um riso demente e gritante que ecoou pelo quarto.

Eu estava lembrando de uma passagem da Bíblia. Eram essas letras que orbitavam a minha volta enquanto aquela criatura me olhava com seus olhos negros e devoradores.

Eu abri os olhos e consegui me mover aos poucos. Sentei-me na cama e vi que ele ainda estava no quarto, mas afastado e, agora com semblante não tão confiante. Ele caminhava para trás e o calor já não era mais sufocante.

E eu repeti em voz alta a passagem que eu lia em minha mente:

“Ainda que eu andasse pelo *vale da sombra da morte*, não temeria mal algum, porque Tu estás comigo”.

Com um pouco de esforço eu fiquei de pé, fechei os olhos e respirei profundamente, pedindo dentro de mim e consciente do tão pequena que eu era, perdão por tudo que tinha feito com minha vida. Foi um momento intimamente doloroso e eu sentia as lágrimas vindo ao meu rosto de forma intensa. Odeio chorar. Mas naquela noite foi impossível para mim e eu senti meu corpo se sacudir entre soluços e lágrimas.

E o calor do quarto se foi aos poucos. Eu abri os olhos e o quarto era o mesmo de antes. No tapete, vi uma mancha enorme, fruto do mais puro desespero. Sim, era urina e sim, era minha misturada com lágrimas de horror e medo. Mas também era de muitos outros antes de mim. Isso eu tinha certeza. Percebi que aquele era um lugar limiar entre o bem e o mal, o acreditar ou o rejeitar.

Fui até a porta e bati. Ninguém me respondeu. Bati de novo. Nada. E quando já estava pensando que tinha sido trancada ali, tentei a maçaneta e a porta abriu.

Não havia ninguém ali.

Eu desci as escadas e vi a porta do prédio aberta. Na rua, nenhum movimento e ao longe o sol, tímido, nascia abandonando aquela noite de Halloween. Um sol diferente, mais iluminado, mais completo estava no céu e meu coração se encheu de uma paz que eu nunca tinha sentido. Segui rua abaixo caminhando, e percebi que a angústia que sempre morou em mim, tinha ficado para trás.

Nunca esqueci aquela noite e essa é a primeira vez que escrevo sobre ela. Ainda sou uma pessoa errante e errada, mas agora eu sei: existe algo muito maior do que eu no universo e não é uma questão de querer acreditar, é uma questão maior que nós, pois já dizia o provérbio português: “contra fatos não há argumentos”.



OS MENINOS

ADA SCHNEIDER

Aquela era mais uma noite com neblina e um ar mesclado de mistério, medo e travessuras. Era mais uma noite de Halloween, com festividade de origem celta.

Julia sempre achou estranho, que logo em um país predominantemente protestante, tivesse tanto valor a cultura de uma festa que muitos consideravam pagã, o aniversário do Diabo, como dizia sua mãe, quando ela era pequena. Ela tinha medo do que a mãe contava e jamais abria a porta nessas noites.

Mas o tempo passou, o câncer levou sua mãe, e um motorista bêbado conduziu seu pai a eternidade, seja lá qual for. Como filha única, ela recebeu uma pequena herança suficiente para uma boa faculdade e para pagar aquele pequeno apartamento.

Só tinha um “porém” que sempre desagradou a Julia: o seu apartamento ficava num prédio de 4 andares, pequeno, simples, confortável até. Mas sem elevador, sem porteiro, e por consequência,

livre para quem desejasse entrar atrás de um morador que tivesse a chave da portaria. O intruso poderia inventar qualquer desculpa, eram oito apartamentos por andar, muitos moradores, logo não era possível saber quem realmente morava ali.

E naquela noite a campainha do apartamento de Julia tocou. Ela tinha brigado com o namorado, suas amigas estavam em festas fingindo serem bruxas, e ela estava tentando estudar para suas provas. Mas a campainha foi estridente, várias e várias vezes, sem ter como ignorar.

Julia sabia que, ou era engano, algum bêbado, pois já era perto da meia-noite ou crianças, pedindo doces, quer fossem do prédio, quer fossem algumas que conseguiram entrar com algum morador.

Ela levantou do sofá azul jogando sua manta bege no chão, colocou os chinelos e foi ver quem era. Com a corrente colocada na porta, ela abriu só uma brecha e viu os dois meninos.

Eles estavam vestidos de paletó e gravata, calças pretas, blusas sociais brancas.

“Que merda será essa?” – Se perguntou Julia.

– O que você querem?

– Doces ou travessuras? – Eles disseram.

– Vocês não deviam estar fantasiados? – Ela perguntou.

– Estamos fantasiados de bons meninos – eles disseram – somos só meninos bons, queríamos um pouco de doce, nossa mãe não pode comprar.

Julia cerra os olhos desconfiada, os meninos tinham em torno de oito e dez anos, e ela achou até engraçado.

“Vestidos de bons meninos. Coisa louca!” – Pensou Julia.

Mas ela não tinha muitos doces em casa, como sempre, nunca abria a porta nessa noite. Não mais por medo, mas porque não gostava dessa noite e fim. Sua mãe morreu de câncer exatamente numa noite de 31 de outubro. Isso não era agradável.

Mas, os meninos eram loiros, com lindos olhos azuis, pareciam gêmeos, se não fosse a diferença de tamanho e tinham voz suave, enfim.

Julia foi até o armário, procurou, procurou e achou uma caixa de chocolate e duas sacolas de balas que usava como método para relaxar: açúcar.

Ela voltou a porta e tentou passar os doces pela pequena brecha, estando a corrente ainda presa da porta a parede, mas o pacote não passava. Ela então, pensou um pouco e não conseguiu ver nada de mal em abrir a porta. E assim fez.

Com a porta aberta, Julia esticou o pacote com a caixa de chocolate e as balas:

– Peguem, vão colher mais doces, vocês são bem engraçados com essa fantasia de bons meninos. Criativo.

Os meninos receberam o pacote, mas não se mexeram. E Julia ficou ali parada olhando para eles, que sorriam de forma angelical.

– Vão, podem ir. A porta lá embaixo abre por dentro. Ou batam em outros apartamentos, vão, vão.

Mas eles não se moviam. Ficavam ali, parados, sorrindo com um leve inclinar de cabeça.

Julia achou aquilo no mínimo, bizarro, e foi fechando devagar a porta.

– Tchau meninos – falou ela com voz calma.

– Pode me dar um copo de água? – Perguntou o menino maior.

Julia se sentiu estranha em negar, afinal, era só água, e se sentiu desconfortável em fechar a porta com a corrente para ir buscar a água e convidou os meninos a esperar um minuto.

Quando ela voltou da cozinha com a água, os meninos estavam no centro da sua sala olhando em volta, tocando de leve nos objetos.

– Vocês não deviam ter entrado, peguem a água e vão por favor, tenho muito o que estudar ainda.

O menino mais alto, que estava de costas, se virou e Julia viu que ele tinha uma faca, de tamanho médio na mão.

Ela achou aquela cena cada vez mais surreal. O menino menor se jogou com força em cima dela enquanto ela segurava uma jarra de água e um copo. Um barulho e algo se quebrou. O menino que estava em cima de Julia rapidamente olhou em volta e pegou um caco da garrafa quebrada e enfiou no pescoço de Julia. Ela colocou a mão em cima do ferimento e chutou o menino com todas as suas forças.

“Isso não pode estar acontecendo!” – Ela pensou enquanto tentava se levantar do chão.

O menino maior correu e empurrou com toda a força a faca na barriga de Julia. Ela caiu de novo, tudo girando, ela tonta e os dois meninos em cima dela.

“Isso só pode ser um pesadelo!” – Ela gritava dentro de si.

Mas os meninos não paravam. O maior com a faca e o menor com parte da garrafa quebrada: estocadas, uma atrás da outra. O tapete ficou todo encharcado e Julia perdendo as forças. Ela não era uma

grande mulher, era baixa, magra, mas jamais se imaginou numa situação como aquela.

Foram 19, 25, 37 facadas que o menino maior deu em todo o corpo de Julia, enquanto o menor abria grandes rasgos nas pernas, ventre e pescoço de Julia com seu caco de garrafa.

“Estou morrendo. Nas mãos de crianças vestidas de bons meninos. Estou morrendo, não posso acreditar, estou morr...” – Julia então revirou os olhos e a última coisa que viu foi os dois meninos em pé ao lado de seu corpo, um de cada lado, cobertos de sangue, mas com lindos sorrisos nos rostos e cabeças levemente inclinadas.

– Feliz Halloween moça – o mais velho disse. E Julia então parou de respirar.

Os meninos foram até o banheiro, se limparam um pouco e saíram do apartamento fechando a porta, deixando no chão, ao lado do corpo de Julia, os doces.

Logo na portaria, antes de sair, eles encontraram Dona Elvira, uma senhora paroquiana.

– Meninos, que fantasia engraçada, parecem até que vieram da igreja e foram atropelados – disse ela rindo vendo-os com manchas de sangue nas roupas – querem uns doces? – Perguntou ela.

Ao ouvirem a pergunta, os meninos se olharam, sorriram e balançaram a cabeça em sinal positivo, voltando para dentro do prédio e subindo as escadas atrás da Dona Elvira.

– Está uma noite animada lá fora, e no meu apartamento, como estou só, vocês vão poder ficar à vontade comendo doces com chocolate quente, o que acha? - Perguntou a doce senhora.



DIA DE PECADO

ANNA SHUMANN

Faltava apenas uma semana para o dia D. Olivia esperava ansiosamente por aquele dia durante todo o ano. Seus pais, altamente religiosos, condenavam o dia das bruxas, o Halloween. Mas Olivia não.

Até seus 14 anos, ela temia esse dia, acreditava piamente que nessa data era o aniversário de Satanás. Mas com o passar dos tempos, Olivia, que lia muito, abriu sua mente e percebeu que aquele dia podia ser diferente, especial.

Tudo começou num grupo criado pelo Whatsapp. Era um grupo de estudos, onde trocavam informações sobre prova, trabalhos, etc., mas com o passar dos dias, o grupo passou a ser mais que isso. Fofocas, animosidades, brincadeiras, aniversários e festas eram marcados nesse grupo, mas não era qualquer um que podia entrar. E Olivia soube, numa

conversa que ouviu no banheiro, que esse grupo existia, e só ficou satisfeita depois que a colocaram no grupo.

Ela era uma menina quase mulher, não aparentava seus 15 anos, e sim no mínimo 18. Seios já fartos, cintura fina, bumbum avantajado e pernas grossas. Olhos verdes emoldurados por um cabelo ondulado e muito, muito negro. Sua pele branca era quase translúcida, fazendo dela uma menina-mulher muito linda, mas tímida e reclusa devido a religiosidade de seus pais.

Mas quando ela conseguiu entrar no grupo chamado Privados Para a Noite, tudo mudou. Ela passou a querer se sentir, falar e agir como as meninas do grupo. Ela ajudava o pai na padaria que ele tinha e sempre ganhava no final da semana, um valor fixo em dinheiro, mesmo que pouco. Ela economizou e comprou umas roupas como as que as meninas do grupo usavam: corpete de couro, saia vermelha, botas, meias arrastão, e um conjunto de maquiagem, sem falar no perfume especial. E quando tinha uma festa marcada, sempre após a meia-noite, ela saía pela janela vestida como Liv e não mais como a simples Olivia. E se divertia em ambientes cheios de fumaça, bebida e drogas. Ninguém era de ninguém, e ninguém falava nada sobre ninguém no dia seguinte. Era um código do grupo. Festas privadas, muita orgia e segredo no final.

Sempre deu certo, e a festa do dia 31 de outubro era especial. O grupo tinha uma programação especial onde meninos levariam drogas e bebidas e as meninas levariam seus corpos. E elas escolheriam a quem se dariam e eles eram obrigados a agradá-las, como se fossem bruxas encantadas. Eles deviam fazer de tudo para satisfazê-las. Era tudo uma grande brincadeira, até que foi longe demais.

E naquela semana Olivia estava ansiosa para chegar logo o dia em questão. Era especial Um aluno novo tinha chegado na escola, Davi, e ela queria muito encontrar com ele na festa. Como componente do grupo do Privados Para a Noite, ela podia convidar algumas pessoas sob orientação dos moderadores, e ela convidou Davi, um jovem alto, que já estava terminando o secundário, pele morena, cabelos bem escuros e um ar de índio.

E naturalmente ela estendeu a ele o convite para a tal festa de Halloween. E ele aceitou.

Um dia antes da festa, Olivia já estava acelerada, se depilando, fazendo massagem no cabelo, cuidando das unhas, mesmo sem pintar, tudo escondido dos pais, no banheiro, pois esses se preparavam para rezar muito na data fatídica do aniversário do Diabo.

Tudo foi combinado: no dia da festa, Olivia pediu para ir dormir na casa de uma amiga, que era filha de uma colega íntima de sua mãe, ela não teve como recusar. Ambas as mães se asseguravam que as meninas iam apenas conversar e dormir naquela noite dita maldita.

Mas não era bem assim. Quando Olivia chegou na casa de Nora, foi direto para o quarto dela, pintou as unhas de preto, pôs e mãos, preparou sua roupa, e ambas em enfiaram embaixo dos lençóis fingindo que ficariam vendo filmes enquanto a mãe de Nora trazia um lanche e deixava na mesa dando boa noite.

Era cedo ainda, umas sete horas, mas os pais de Nora, já idosos, dormiam cedo. As meninas então trancaram a porta e começaram a se vestir. Olivia toda de preto com apenas uma saia minúscula vermelha, maquiagem pesada e um batom que deixava sua boca carnuda e desejosa.

E antes da meia-noite uma buzina suave se fez ouvir na esquina. Elas saíram pela janela e foram rumo a um carro preto, de um amigo de Nora.

— Rumo a festa, suas gostosas – ele disse quando elas entraram no carro.

A festa seria na casa de um amigo que tinha ficado só em casa, pois os pais eram médicos e viajaram a trabalho: casa liberada. A festa corria solta, não tinha chegado ainda a meia-noite.

Conforme a tradição, os meninos levaram as drogas e bebidas e as meninas os corpos. Olivia, ou melhor, a agora Liv, estava ansiosa pela chegada de Davi. A maioria das meninas já tinha escolhido seus pares e já falavam sobre seus desejos que eles deviam cumprir.

Então Davi chegou, e Liv foi correndo recebê-lo. Ele era tímido, recluso, falou pouco.

Ela animada, já tendo bebidos algumas doses, trouxe algo para ele beber. Ele recusou e perguntou a ela se ela sabia que essa data era singular, uma data de mortos, de demônios e bruxas. Ela riu e disse que os pais dela falavam disso sempre, mas era bobagem, ela era moderna, não acreditava nisso.

Dizendo isso, ela puxou ele pela mão e anunciou a todos que ele era seu escolhido. Ele não tinha trazido nada, nem drogas nem bebidas, o que causou certa estranheza, mesmo assim, com o anúncio de Liv, todos aplaudiram e ela o puxou para um canto.

Ele sabia mais ou menos com funcionava a festa.

— Não vou entrar nessa de realizar seus desejos - ele disse.

— Não precisa, só vem e fica comigo - disse Liv.

Eles foram a uma porta que dava para um grande jardim, se encostaram numa mureta e ela ofereceu seus lábios para um beijo e ele mostrou que não era tão tímido assim. Apertou ela contra seu corpo, subindo as mãos pelo bumbum dela, costas, puxando de leve seus cabelos para trás e beijando seu pescoço, mordendo de leve, descendo seus lábios para os seios dela, abrindo sua blusa, sugando seus mamilos.

Ela em êxtase, gemia, enquanto ele a apertava cada vez mais, fazendo-a sentir seu membro duro contra ela. Ela queria isso, muito.

Então uma das mãos dela foi tateando em busca de algo que ela sabia estar ali. Um punhal. Eles continuaram no entrelace, ela com uma das mãos dentro da calça dele e a outra no punhal atrás das costas.

Ele estava vulnerável, pronto para o sacrifício, quando ela abriu a garganta dele de um lado ao outro, encostando sua boca no sangue que jorrava, bebendo, lambendo, sugando.

Quando se deu por satisfeita, o corpo dele caiu por cima das plantas da varanda, e ela foi chamar um dos amigos do grupo para ajudá-la a empacotar o corpo e jogar em algum rio amarrado em pedras.

Ela tinha vencido mais uma noite de Halloween, ganhado mais vida com aquele sangue novo, e voltando a festa após se limpar, olhou para uma das moderadoras do grupo e fez um pequeno sinal positivo, mostrando que conseguiu, aumentando assim, no grupo do Whatzapp, seu poder, sua fama e principalmente, sua importância.

Ao terminar a festa, ela foi ao banheiro da casa, trocou de roupa, colocou tudo num saco preto e na volta para casa, no mesmo carro que a levou, parou e jogou o saco num rio abaixo de uma ponte que eles sempre passavam para ir à casa do amigo. E aquele saco se uniu a outros dos anos anteriores, com roupas ensanguentadas e corpos mutilados, onde meninas como Liv liberavam seus mais íntimos desejos mostrando que Halloween era na verdade a festa da liberação dos seus profundos instintos.



DESAFIO

ADNELSON CAMPOS

Peter lançou um desafio para a turma, seria um Halloween diferente. Depois de percorrerem as ruas do bairro, como fazem todos os simples mortais, já bem tarde da noite iriam até o cemitério onde aconteceria uma espécie de disputa. Quando chegassem lá ele explicaria como funcionava.

– Quem aceita levanta a mão! – Gritou Peter.

Todos concordaram, menos Bruno que continuou cabisbaixo.

– Você não vai Bruno? Está com medo? – Questionou Jana.

– O medo é que nos mantém vivos – argumentou Bruno.

– Mas se não o deixarmos um pouco de lado, também não se vive! – Disse Peter.

– Vejam que o cemitério é um local sagrado. Meu bisavô era índio e eles só voltavam a um Campo Santo para enterrar um outro morto e nos Dia dos Mortos - observou Bruno.

– Que ultrapassado! Hoje em dia há até turismo no cemitério à noite – afirmou Marta.

– Você não precisa fazer nada de errado. Pensando bem, você guiará o desafio. Assim, respeitaremos as suas regras – Propôs Peter a Bruno.

– Está bem, não vou estragar a noite de vocês. Somos companheiros, não somos? Mas saibam que o cemitério é um lugar de respeito. Não se deve brincar com os mortos, ainda mais no Dia das Bruxas.

– Você acredita em bruxas Bruno? – Perguntou Alfredo.

– Eu conheci uma. Minha mãe sempre me levava na casa dela para curar algumas coisinhas. Ela gostava de contar histórias. Uma coisa que aprendi com ela é que neste Halloween é preciso ainda mais cuidado. Não é sempre que ele coincide com uma noite de lua cheia. A lua amplia os poderes do sobrenatural!

– Até senti um arrepio. Olhem meu braço! – Disse Marta.

– São os avisos – advertiu Bruno.

Combinaram o encontro para as 23 horas. Todos deveriam comparecer fantasiados e mascarados e em hipótese alguma tirariam a máscara. Era a primeira regra.

No horário marcado, todos chegaram. Havia uma pessoa inesperada entre eles.

– Ei pessoal! Não está sobrando uma pessoa no grupo? – Perguntou Peter.

– Ah! Sim, eu sou Brenda, conheci a Jana no caminho para cá. Ela me falou do desafio. Sabe, eu sou meio bruxa. Posso participar da brincadeira.

– E quem disse que é brincadeira? – Questionou Peter.

– Ai que medo! – Zombou Brenda.

– Vamos ver se tem toda essa coragem bruxinha do chapéu vermelho – argumentou Alfredo, tentando intimidar a novata.

Peter começou explicando que todos teriam que realizar uma prova, enfrentando o medo. Aquele que não conseguisse, passaria três horas sozinho no cemitério. Antes todos teriam que jurar obediência as regras, sobrepondo uns as mãos dos outros. Assim todos fizeram.

– Como combinamos, o Bruno é o líder do desafio, então ele escolhe o primeiro desafiado – definiu Peter.

– Eu escolho você Alfredo. Você deve seguir a linha da direita do Cruzeiro, ir até o fim do terreno e gravar o nome da pessoa enterrada lá. Depois voltar aqui e fazer uma oração por ela.

– Muito respeitador o nosso Bruno, meio índio e conhecido de Bruxa! É moleza! Afirmou Alfredo.

Na metade do caminho, Alfredo pareceu ouvir um sussurro. Sentiu-se paralisado por um instante, respirou fundo e seguiu em frente. Chegou ao último túmulo e acendeu a lanterna do celular para ler a lápide. Tremeu quando viu o nome, mas acreditou que era só uma coincidência. Com passos rápidos voltou ao Cruzeiro.

– Aí Alfredo! Com essa velocidade poderia ser campeão na marcha atlética – brincou Peter.

– Cumpri minha prova, mas foi uma brincadeira idiota, Bruno. O nome da pessoa enterrada lá é Brenda!

Todos olharam para a novata.

– Esperem aí! Eu acabei de conhecer vocês. Querem tirar uma da minha cara?

– Falo sério, o nome na lápide era Brenda – afirmou Alfredo – me deixa ver o seu rosto?

– Temos que cumprir as regras. Nada de tirar a máscara. Quem me garante que você é o Alfredo mesmo? – Provocou Jana.

– Complete a prova, Alfredo. Faça a oração! – Ordenou Bruno.

– Está bem, mas farei em voz baixa – pediu Alfredo.

– Tremendo na base! – Disse Peter.

– Agora é a sua vez de lançar o desafio, Alfredo – determinou Bruno.

– Eu escolho a Jana. Você deve encontrar alguma flor, como um copo de leite, desde que ela tenha acumulado um pouco da água da chuva que caiu sobre o cemitério. Vai trazê-la até aqui e tomar um gole da água.

– Que nojento! Eu não vou fazer isso – recusou Jana.

– Então será a primeira a ficar aqui por três horas – apontou Bruno.

– Não é tão nojento assim, as fores são limpinhas e depois de tanta chuva, a água deve ser também – apoiou Marta.

– Está certo, Alfredo. Mas me lembrarei disso algum dia.

Jana logo encontrou a plantinha e cumpriu a tarefa.

– Eu escolho o Bruno – optou Jana. Você deve encontrar uma cruz caída, fotografar, reerguê-la e tirar outra foto.

Bruno cumpriu a tarefa e mostrou as fotografias aos amigos.

– Que é isto? Só tem Brenda enterrada neste cemitério! –

Questionou Peter.

– Estou começando a ficar com medo – disse Jana.

– Não se preocupe, você já cumpriu a sua tarefa, está *livrinha* para voltar para casa – disse Brenda.

– Toma cuidado! Você pode ser a próxima a ficar por aqui Brenda – disse Peter.

– E quem me fará companhia, você?

– Nem brinca!

– Começou a tremer, senhor coragem? – Zombou Alfredo

– É a vez do Bruno escolher.

– Eu escolho a Marta. Ela tem que ficar por cinco minutos em frente ao cruzeiro, com os olhos vendados, enquanto nós ficamos em silêncio.

– Pensei que você fosse meu amigo, Bruno!

– E sou. Você nem precisa sair daqui. Está protegida!

Jana vendou Marta. Todos ficaram em silêncio. Alfredo e Peter fizeram o máximo esforço para não rir, quase urinando nas calças.

Aqueles foram os cinco minutos mais longos da vida de Marta. Ela parecia ouvir cada ruído por menor que fosse. Chegou até a pensar que estava sentindo o terreno afundando nas covas recém cobertas. Um grilo insistia com aquele zumbido irritante. Deu um pulo quando algo puxou a barra da sua calça. Era Jana avisando que o tempo acabara e aproveitando para assustá-la.

– Achou que era algum morto lhe puxando para a cova? – Perguntou Peter.

– O respeito, Peter, o respeito – repreendeu Bruno.

Marta escolheu Brenda.

– Vamos aproveitar a sua fantasia. Você deve simular a preparação de uma poção mágica, usando água e ingredientes que encontrar no cemitério, pelo menos cinco. Depois, deve lavar as mãos nesta poção e o seu desafiado deve colocar suas mãos nesta poção também.

– Peraí, você sabe que ela só tem a mim como opção, não é justo. Eu vou cumprir duas provas! – Resmungou Peter.

– Regras são regras – lembrou Bruno.

Peter não teve argumentos. Restou-lhe esperar.

Brenda parecia uma bruxa mesmo. Enxergava muito bem com a noite iluminada pela Lua Cheia. Arrancou a raiz de uma planta esquisita, achou uma pele de sapo ressecada, tirou uma lasca de madeira de uma pequena cruz caída, juntou uma pedra colorida que encontrou no terreno e acrescentou a água de um vaso de um túmulo próximo do cruzeiro e colocou num velho balde usado pelos pedreiros.

Todos se arrepiaram quando ela começou uma espécie de ritual. Parecia usar uma língua estranha. Todos dariam tudo para ver a expressão de seu rosto.

Ao final lavou as mãos e em silêncio ofereceu ao Peter. O garoto hesitou, mas vendo o riso no rosto dos amigos, fechou os olhos por um instante e enfiou a mão no balde.

Ele esperava sentir algo diferente, mas nada aconteceu. Olhou para as mãos por alguns instantes e começou a gritar. Todos ficaram apavorados, com exceção de Brenda.

– O bobão, pode parar de gritar! – Disse Brenda.

Peter começou a gargalhar com o pavor instaurado.

– Idiota! – Xingou Marta – Tomara que a Brenda lhe escolha uma bela prova!

– O meu desafio é simples. Vá até o túmulo onde o Alfredo encontrou a lápide com o nome Brenda. Suba nele e grite: “Brenda, estou aqui, de livre e espontânea vontade. Me entrego em seus braços!”

– Eu, gritar como um idiota!

– Acho melhor que você não vá, Peter. Meu bisavô dizia que a maior falta de respeito é pisar na cova de alguém. Quem faz isso, corre o risco de ser puxado para baixo, e ficar lá, na cova – recomendou Bruno.

– Que besteira, Bruno. Lembre você que fui eu quem propus o desafio. Está bem, dona Brenda, observe.

Peter seguiu encenando e fazendo pose de valente, de vez em quando olhava para trás e acenava para os amigos. Todos ficaram apreensivos. Bruno virou-se para não ver.

Quando chegou no túmulo, Peter não só pisou, mas pulou sobre a placa de granito que recobria a cova. Repetiu as palavras recomendadas por Brenda.

Todos esperavam que algo ocorresse, mas nada aconteceu.

Peter voltou com ainda mais pose, pronto para gozar dos amigos.

– Pessoal, quando gritei, algo puxou a minha perna. Eu simplesmente pisei a mão e os ossinhos saíram rolando! – Gargalhou.

Bruno rezava. Foi provocado por Peter.

– Pode parar, estou aqui, Vivinho da Silva. Gostaram do desafio?

Ninguém respondeu. Faltava alguém no grupo.

– Cadê a Brenda? – Perguntou Peter – Já sei, ficou com medinho – completou.

Todos ficaram intrigados. Não conheceram o rosto de Brenda. Seria provável que ela os procurasse no dia seguinte. Quem sabe o nome dela nem fosse Brenda.

Todos voltaram para casa tranquilos por não terem que ficar sozinhos no cemitério. Também por não ter acontecido nada de errado, afinal nas séries de TV sempre aconteciam tragédias com grupos de adolescentes.

Peter chegou em casa e escreveu num grupo de amigos a experiência vivida. Surpreendeu-se com um comentário recebido: “Há dezenove anos, num Dia das Bruxas, também de lua cheia, uma garota chamada Brenda, morreu depois de engolir um doce envenenado que lhe foi entregue por uma pessoa fantasiada de bruxa de chapéu vermelho.”

“Com certeza algum dos amigos contara a história para o Pedro que mandou a mensagem para tentar assustá-lo” - pensou.

Peter deitou-se. O silêncio tomou conta da noite. Ele ainda lia mensagens no telefone quando as luzes da rua se apagaram. Na sequência ele começou a ouvir um sussurro que parecia brotar do chão, embaixo do seu quarto: Peter, eu ouço o seu apelo, venha para os meus braços!

O chão começou a tremer. Ele pensava em gritar, mas sua voz não saía. Tentou correr, paralisou-se em pé ao lado da cama. Um corpo definhado surgiu e começou arrancar-lhe as partes do corpo, recompondo a própria estrutura.

No dia seguinte, Brenda procurou a turma. Passou a viver a vida que Peter não tinha mais.



MEU PRIMEIRO DIA

ALANE BRITO

Eu já tinha percebido que o meu pai não é uma boa pessoa. É difícil não notar esse tipo de coisa quando se mora sozinho com alguém durante mais de quinze anos. Somos apenas nós dois desde sempre, minha mãe morreu quando nasci.

Ele é de poucas palavras, reservado e muito metódico. Tudo que faz tem que existir um padrão, o que às vezes é irritante. A cor do prato precisa ser a mesma do copo, o papel higiênico desenrolar para cima, e assim vai. Temos hora para absolutamente qualquer coisa, e se eu não vivesse de acordo com suas obsessões, estaria ferrado. Eu via uma face nele que as pessoas de fora não conhecem, pois, diante dos outros, é apenas o simpático zelador do colégio onde eu estudo.

Onde escolhia as suas vítimas.

Meu pai é um psicopata.

Nessa tarde de sábado, dia 31 de outubro, ele me chama para uma “conversa de pai e filho” e me conta sobre as pessoas que matou.

É um dia simbólico, segundo me disse, pois foi quando tirou a vida de sua primeira vítima. Não sei se é ironia do destino, mas além de ser o meu aniversário, o Halloween sempre foi a data comemorativa que mais gosto, só que agora que descobri que meu próprio pai é um personagem real de filmes de terror, não sei mais o que pensar.

Depois do comunicado, orgulhoso, ele pega um caderno na gaveta de cuecas e me entrega. É uma espécie de cadastro escrito à mão com um capricho que não usa habitualmente, onde ele anotava o nome de cada um de seus infelizes escolhidos.

Alan Cole, 16 anos, maio de 1952; Brenda Haigh, 18 anos, fevereiro de 1955; Carl Gein, 17 anos, janeiro de 1958; Daniella Nilsen, 26 anos, abril de 1963; Eliot Holmes, 35 anos, janeiro de 1965; Fionna Mullin, 17 anos, julho de 1965.

Releio esses nomes tantas vezes que ficam gravados em minha cabeça sem que me esforce.

Em seguida, me explica com naturalidade que os quatro primeiros ele matou ainda na outra cidade onde morávamos, e então me dei conta de que a razão para termos nos mudado há três anos foi para fugir da possibilidade dele se tornar um suspeito.

Agora, segundo ele, precisa de um ajudante, alguém especialmente para ajudá-lo a se livrar dos corpos, e a vaga é minha, pois eu tinha finalmente completado dezesseis anos, a idade que me torna “consciente para a vida real”. Idade, entretanto, que também torna as pessoas vítimas em potencial. “Não sou matador de crianças”, justificou.

Só que, bom, eu não tenho muita certeza se estou habilitado para o serviço.

Durante uns instantes reflito sobre tal proposta, muita coisa começa a se encaixar, como o motivo de morarmos a dois quilômetros da cidade numa casa que ninguém quer. Fico apavorado, nunca tinha sentido tanto medo do meu pai, pergunto-me o tempo todo se herdei os seus genes assassinos e a primeira decisão que tomo é a de ficar o mais longe possível dele.

Isso até ele me contar que já tinha executado sua vítima mais recente nesta manhã. Eu a conhecia, era secretária do diretor do colégio que a cidade toda estava procurando há dois dias, a polícia, inclusive, veio aqui em casa ontem.

Adelle Hecox, 25 anos, maio de 1966, faço uma nota mental automaticamente.

Então me assusto com uma inesperada sensação. A de que preciso muito ver como isso funciona.

O que eu fiz no dia das bruxas? Tomei muito refrigerante, comi doces até vomitar, desovei um corpo...

Há uma cabana velha nos fundos da nossa casa onde eu era proibido de me aproximar até algumas horas atrás. Sinto-me um idiota por nunca ter desconfiado que houvesse um motivo maior além de ser o depósito de ferramentas perigosas. Eu obedecia estritamente a ordem de manter distância, porque a minha imaginação alertava que um machado voaria na minha testa só pela possibilidade de eu abrir a porta de maneira errada.

Ainda é dia. Fico parado por um instante diante dela. Então respiro fundo e começo a me aproximar, ponderando sobre alguns detalhes que não fazem sentido nessa história, que não se encaixam. Mas quando abro a porta e dou os primeiros passos no seu interior, o pensamento foge de minha mente por causa do cheiro nauseabundo de urina, fezes e sabe-se lá mais o quê que penetram violentamente em minhas narinas despreparadas. Recuo num rompante e me viro para o lado para vomitar.

Assim que meu estômago estabiliza, olho para trás certo de que meu pai está vendo tudo, e quando me deparo com ele parado no vão da porta dos fundos, sinto muita vergonha.

Passo a manga do casaco na boca para limpar o resto do vômito e trato de voltar para dentro da cabana, preferindo nem tentar imaginar o que está se passando na cabeça dele. Quando entro e o cheiro ameaça me golpear mais uma vez, procuro respirar devagar. Alguns passos a mais e avisto o volume do corpo atrás de umas caixas bem no fundo da construção, de costas para mim, num canto mais escuro. A primeira coisa que identifico são seus pés descalços. Deles, parto para as canelas nuas, a saia do vestido cobrindo até a altura dos joelhos, então meus olhos deslizaram na curva de seu tronco deitado de lado, até chegar na cabeça tombada, os cabelos loiros desgrenhados. Meu estômago ameaça manifestar seu descontentamento de novo, mas consigo controlar. Abaixo-me ao lado dela, e estremeço. Um lamento por uma vida tão jovem ter sido interrompida por mãos familiares infla dolorosamente dentro do meu peito, de algum modo recebo o peso da culpa.

De que maneira ele a matou?

Não pude deixar de questionar, e é uma curiosidade que me incomoda sobremaneira. Se eu fosse realmente seguir os passos do homem que me criou, eu deveria me sentir tão mal diante de um corpo?

É a minha primeira vez, ora!

Quero mostrar um bom serviço para o meu pai para ele se orgulhar de mim, apesar de não ter muita certeza se anseio realmente por esse tipo de aprovação.

Coloco-me de pé em busca de alguma lona ou qualquer coisa para cobri-la.

— Leve do jeito que está. — Estremeço quando ouço a voz do meu pai às minhas costas, é como se tivesse lido a minha mente. — Dará no mesmo se alguém te flagrar carregando-a assim ou um embrulho do tamanho de um corpo.

Eu ia falar que é só para não ter que ficar olhando para o rosto dela, mas preferi só assentir com a cabeça.

— Para onde eu a levo?

— Siga por esta trilha — diz, apontando para os fundos da cabana onde há um caminho. Sei que a um quilômetro tem um rio e sinto um arrepio quando me dou conta do que terei que fazer com a moça. — Prenda ela a alguma pedra e jogue no fundo do rio. Só volte quando tiver certeza que afundou. Tente não deixar nenhum vestígio que sirva de pista.

Confirmo com a cabeça novamente e, sem pensar muito, pego um rolo de fio de cima de uma prateleira e o coloco em volta do meu braço, depois enfio um alicate no bolso de trás da calça. Em seguida, seguro a moça no colo e saio. Pela primeira vez desde que nos mudamos para aquela casa fico feliz por não ter uma viva alma por perto.

Sou capaz de carregá-la por apenas alguns metros. O corpo balançava lânguido em meus braços, e eu tentava me lembrar sobre detalhes relacionados ao rigor mortis, temperatura corporal de um defunto, e está tudo muito estranho. Ela não está rígida e gelada como eu esperava. Mas esta é a primeira vez que toco em uma pessoa morta, não tenho nada em que me basear a não ser teorias. Então toda essa reflexão macabra começa a alimentar uma onda de pânico dentro de mim. Minhas pernas estão ficando bambas, meu coração acelerado. Coloco o corpo no chão, com cuidado. De pé, respiro fundo. Sei que não posso relaxar, tenho que fingir que estou tranquilo, pois não me resta dúvida alguma de que meu pai está me vigiando com seus

binóculos. O que estou fazendo é um teste de admissão para um serviço de extrema dificuldade, não poderia esperar o contrário.

Sem perder mais tempo eu me encurvo, seguro debaixo dos braços dela e a arrasto. É algo estranho para se fazer em qualquer circunstância, mas assim, à luz do dia parece tornar tudo ainda pior, mais imprudente, mais ousado.

Avisto o rio e me apresso, preciso acabar logo com isso. Logo que alcanço a margem, deixo a moça deitada e vou em busca da pedra. Escolho uma de tamanho razoável e volto para perto dela.

Logo que desenrolo o fio e passo ao redor da cintura de Adelle Hecox, caio para trás de susto no momento que ela abre os olhos de uma vez, aspirando o ar com força.

— Ai, meu Deus, ai, meu Deus! — Exclamo. A moça que está com expressão assombrada. Parece em choque, imóvel. Quando seus olhos me encontram, percebo que começará a gritar, portanto, avanço em sua direção e tapo a boca dela. — Shhh! Shhh! Não faça isso, não faça isso!

A decisão que tomo diante dessa nova situação é muito mais fácil e rápida do que a de me tornar parceiro de crime do meu pai. Ela está viva, então eu a ajudarei a fugir dele.

Sinto muito, pai, acho que não tenho vocação para ser psicopata.

— Preciso que fique quieta! Está me entendendo? — Ela me encara com os olhos arregalados, o corpo treme, respira ruidosamente pelas narinas. — Sou eu, George Davis, você me conhece! Não vou deixá-lo te machucar mais, ok? Balance a cabeça se estiver me entendendo.

Espero uns instantes, e quando acho que ela não havia compreendido, faz o que pedi.

— Eu vou ajudar você a fugir, não tenha medo. — Disfarçadamente olho para trás para conferir se estávamos num ponto que favorecesse o campo de visão do meu pai e, por sorte, há muitos arbustos ao nosso redor. Mesmo certo de que se tivesse percebido alguma coisa já estaria vindo em nossa direção, ainda assim não me sinto seguro. — Não se levante. Acho que ele está me vigiando, continue deitada. Vou te arrastar um pouco mais.

E é o que faço. Afasto-me até me sentir totalmente oculto pela mata. Adelle fica praticamente dentro de um conjunto de arbustos de folhagem densa.

— Você está bem? — Sinto-me desconfortável quando olho para a marca arroxeadada ao redor do seu pescoço.

Logo entendo o que meu pai tinha feito.

— Me tire daqui, por favor, me tire daqui — pede, aflita. No mesmo momento começa a chorar. — O zelador tentou me matar — solução. — Ele me bateu e me enforcou com as mãos, ele me enforcou, me enforcou!

Nem percebo quando a abraço, comovido. O corpo dela estremece e dá solavancos enquanto chora compulsivamente.

— Você é filho dele! — Ela cai em si e tenta me empurrar. — Você é filho dele!

Seguro em seus braços procurando ser o mais gentil que a situação pode permitir.

— Mas eu vou te ajudar! Prometo! Fique calma!

— Por favor, não me machuque, por favor... — pede, exausta.

Torno a abraçá-la.

— Agora está tudo bem — insisto. — Você vai voltar para casa, mas preciso que faça uma coisa... — Afasto para olhar o rosto dela e ser compreendido. — Tem que se esconder aqui até eu voltar.

— Não, não, não... — fala com os olhos arregalados. — Por favor, não.

— Escute! Se sairmos daqui juntos agora, ele vai ver e não sei se conseguirei te salvar. Vou esperar ele dormir e volto para te levar. A não ser que saiba ir embora sozinha... — falo, esperançoso. Mas ela nega com a cabeça veementemente. — Tudo bem... Fique aqui, quieta. Assim que eu puder eu volto.

— Por favor, volte mesmo. — Segura uma de minhas mãos com as duas dela.

— Volto! Prometo. Só não saia daqui.

Eu me levanto e volto pela trilha, apressado. Meu coração está descontrolado e enquanto me aproximo de casa, sinto um pavor absurdo da possibilidade do meu pai já saber o que tinha acontecido ou perceber que eu estou escondendo alguma coisa.

Quando chego, vejo o seu vulto na janela do andar superior e confirmo que estava realmente me vigiando. Entro esperando ser recebido a balas, mas o que vejo é ele descendo a escada tranquilamente.

— E então? — Pergunta, parando na metade dos degraus.

Está me testando?

— Fiz como mandou. — Não consigo olhar nos olhos dele. Resolvo usar outra tática para disfarçar meu nervosismo. Mostro uma careta. — Preciso confessar, pai. Não me senti muito bem fazendo aquilo...

Ele abre um sorriso torto.

— Você se acostuma. Se saiu bem para sua primeira vez.

— É sério? — O encaro.

— É. Na próxima será mais fácil.

Sinto um frio na espinha só de imaginar outro corpo — agora morto, de fato — na cabana dos fundos.

Meu pai está calmo demais sentado à mesa durante o jantar. E isso é de fato doentio. Meu estômago não se estabilizou ainda, por isso não consigo comer muito. Assim que termino, procuro não ir para a cama antes do horário costumeiro e é bem difícil esperar que ele adormeça, porque todas as noites sempre vai para o quarto depois de mim, quando eu já peguei no sono. Por essa razão eu não sei quanto tempo preciso esperar.

Às onze e meia a casa finalmente parece adormecida. Ainda aguardo mais alguns minutos antes de me encorajar a sair. Visto o casaco, depois boto a cabeça para fora do quarto e olho ao redor.

Escuridão.

Silêncio.

Caminho livre.

Saio de casa com tanto cuidado que tenho a impressão de estar flutuando em alguns momentos.

A sensação de voltar para a trilha é pior do que imaginei. O piado das corujas me dá arrepios. Olho para trás repetidas vezes, apavorado. O estereótipo de uma noite de Halloween.

Quando já estou próximo do rio, enquanto cogito nas consequências de levar a moça para a cidade, na reação do meu pai assim que ligar os pontos e perceber que tem dedo meu nessa história, volto a pensar sobre a falta de sentido em uma questão que havia levantado mais cedo, se existe mesmo fundamento.

Alan Cole, Brenda Haigh, Carl Gein, Daniella Nilsen, Eliot Holmes, Fionna Mullin, Adelle Hecox...

Há um detalhe fora do padrão nela. E como eu disse no início, meu pai é obcecado por seguir uma lógica em tudo o que fazia.

Letras do alfabeto, A, B, C, D, E, F, A (?)... Homem, mulher, homem, mulher, homem, mulher, mulher (?)...

Adelle é uma peça errada do quebra-cabeças.

Além disso, ela está viva... Qual a possibilidade de um assassino com tanta experiência não fazer o “trabalho” direito?

A poucos passos dos arbustos onde a deixei chego à conclusão de que outra pessoa se encaixa melhor no padrão.

Eu.

Cesso os passos sentindo uma onda de frio percorrer todo o meu corpo. Quando me viro para fugir, dou de cara com a jovem secretária do diretor quase colada em mim e sinto uma dolorosa espetada na barriga. Olho para baixo e vejo, incrédulo, a mão dela retirando a faca que havia acabado de enfiar em mim.

Caio de joelhos, pressionando o local da ferida. Nenhuma palavra que penso em dizer tem alguma relevância. Apenas olho atordoado para a moça, que sorri, extasiada com o que tinha feito. Então meu pai surge não sei de onde.

Balança a cabeça em negativa enquanto se aproxima de mim.

— Era para ser você, seu idiota! — Diz assim que para em minha frente. — Era uma competição entre vocês dois, Adelle queria a sua vaga. — Aponta para ela com a mão espalmada, visivelmente insatisfeito com o desfecho da disputa. — Estamos juntos há um tempo, mesmo assim, independente de sentimentalismo, fui enfático quando falei que só aceitaria a ajuda dela nessas condições e ela aceitou! Era para tê-la matado assim que percebeu que estava viva e não a ajudar! — Faz um estalido com a boca, tornando a menear a cabeça. — Seria a sua primeira vítima, mas foi mole demais! Agora você sabe o que tenho que fazer...

— O seu próprio filho? — Pergunto ainda sem acreditar na sua decisão.

— A ideia foi minha — manifesta-se a moça eufórica, erguendo a mão com a faca ensanguentada. — Ele queria matar alguém e você se encaixa direitinho. Viu a lista dele? Concorde, não é?

Concordo.

— Não posso deixar testemunhas, você deve saber — meu pai continua dando mais um passo em minha direção.

Suas mãos estão a centímetros de meu pescoço. Sei o que acontecerá agora.

George Davis, 16 anos, maio de 1966.

Faço uma nota mental.



EXTASE MORTAL

BELLA DIEHL

Agnus estava cansado de fechar a janela que batia incessantemente.

“Eu devia arrumar essa porcaria” – ele pensou.

Mas não naquela noite. Ele esperava por Eva, uma preciosa e espetacular menina, que ele tinha conhecido numa estação de trem.

Tudo bem, ele tinha dito que tinha bem menos idade, quando tinha na verdade 45 anos, mas por ter pegado muito peso na juventude, tinha um corpo definido, apesar de dores precoces nas juntas e sinais da idade no rosto. Ele era casado e tinha um filho, mas ela não precisava saber. Ela tinha vinte anos e tinha recém começado na vida.

Eles se encontraram numa estação de trem quando ambos perderam um comboio que passou. E depois de uma conversa, foram meses de sedução, ouvindo-a reclamar da família, em seu estado final de adolescente. Ela tinha feito um cursinho medíocre de inglês. E dava aula para idiotas que acreditavam que ela realmente sabia inglês, tudo,

um grande embuste, mas ele se encantou por uma ninfeta ter interesse nele.

O casamento de Agnus estava, para ele, desgastado, apesar de tudo que ele tinha, ter vindo da esposa: a força para crescer, estudar, mudar, até de país mudaram, ele aprendeu novas línguas, tudo impulsionado pela esposa, mas a parte de “baixo” falou mais alto quando num dia tentando pegar um trem, ele via a sua presa. Era pequena, leve como uma pluma, cabelos tingidos, e aquela língua estrangeira embolada. Ela se encantou por ele, sendo tão “culto e internacional” e achou que tinha um novo namorado.

E naquela noite de 31 de outubro, ele, alheio a bobagem de noite de Halloween, só queria se dar bem e enfim, sentir aquele gosto que ela devia ter de fruta fresca, se é que tinha.

Ele disse a esposa que ia trabalhar até tarde e num quartinho de um colega, esperava por Eva. Ela demorou mais do que ele esperava, crianças começaram a bater na porta e pedir doces, ele com tesão, não queria saber de crianças e doces e sim de transar com algo novo, após tantos anos de casamento e fidelidade. Queria só gozar diferente. Mas ela demorava e demorava. Uma batida na porta, sem dizer a tal frase idiota “doces ou travessuras”.

“Era ela” – ele pensou. E correndo, abriu a porta que dava para um corredor sujo e imundo. Afinal ele não podia escolher um lugar melhor.

Uma menina ruiva estava a sua porta vestida de chapeuzinho vermelho e sorrindo, com um sorriso banguela onde faltavam dois dentes disse a frase tão corriqueira:

– Doces ou travessuras?

Ele ficou ali, feito idiota olhando para aquela menina de uns 11 anos, com blusa colada, peitinhos nascendo, barriga reta e pernas de fora já fortificadas por alguma atividade física. A saia vermelha acompanhada da capa e capuz, mal cobria suas pernas.

Ele ficou olhando e pensando, olhou em volta e nada de Eva e ele cheio de tesão. Ele tinha tomado banho, estava só de short de dormir, e sentiu a ereção.

A menina continuava a sorrir e repetir a frase. Ele não sabia, mas ela tinha um leve problema de retardo psicológico. A mãe da menina havia proibido ela de sair sozinha e ela saiu pela janela, para provar no dia seguinte na escola, que podia pegar mais doces que as outras. Agnus ficou olhando aqueles peitinhos, que começaram a endurecer, quer pelo

vento frio que passou quer de nervoso adolescente. Aquelas pernas que mais acima podiam esconder uma racha novinha, lacrada, apertada e chamou a menina para entrar no seu quarto.

Ela entrou no quarto dele, ainda sorrindo. E ele a estuprou de várias formas, perdendo totalmente a razão, a noção das coisas.

Do outro lado da cidade, Sarah foi ver se a filha já estava dormindo no seu quarto, mas encontrou a cama vazia e a janela aberta. O desespero tomou conta de todo o seu ser. Chamou o marido, queria chamar a polícia, mas essa alegou que naquela noite de Halloween era preciso esperar 24, quiçá 48 horas por ser noite de brincadeiras e diversões a menina devia ter ido para casa de uma amiga, comentou a polícia.

E quando Eva, a falsa loira ardente, desejosa pela suposta segurança do homem mais velho, chegou ao quatinho de Agnus, a porta estava semiaberta e ela viu a cena: a menina embaixo de Agnus e ele com suas mãos fortes no pescoço dela, terminando de matá-la.

Eva ficou estática, na porta, horrorizada. E não conseguiu correr.

Agnus pulou da cama, puxou Eva para dentro do quarto e bateu com cabeça dela na parede. Ela desmaiou. Ele tranquilamente, como se nada tivesse acontecido, foi tomar um demorado banho e na volta, aproveitou para experimentar Eva que tanto o seduziu.

No final da noite, foram dois corpos jogados dentro de uma lixeira não muito longe do tal quatinho e Agnus voltou para casa, para sua esposa e filho.



HALLOWEEN: A ORIGEM

CARLOS MORAES

Séculos atrás, numa pequena cidade no interior da Irlanda, uma bonita mulher de nome Smirnia estava amarrada a uma estaca preste a ser queimada como bruxa.

Era o dia 31 de outubro, o Halloween, ou Dia das Bruxas, como é conhecido no Brasil, mas que surgiu entre os Celtas (na região onde hoje fica a Irlanda) a mais de 2500 anos. O nome “Halloween” é uma contração do termo "All hallows' eve", que significa “véspera de todos os santos”, no inglês antigo.

Na Idade Média, a tradição foi motivo de perseguição e condenação (à fogueira) por parte da Igreja, tendo sido adotado o nome de “Dia das Bruxas” na época da Inquisição.

Uma pequena multidão dos habitantes cercava o lugar e ouvia Smirnia esbravejar que não era bruxa, e que aquilo era uma injustiça.

Ao entardecer, chegaram às autoridades locais, entre elas uma mulher de nome Elizabeth que tinha feito a denúncia contra Smirnia. Ao vê-la Smirnia esbravejou:

– Elizabeth! Por sua causa estou sendo cremada como bruxa e assim eu rogo uma maldição para que todas as filhas mulheres da sua família nasçam com uma marca e aparência de bruxa.

Às 18 horas atearam fogo a madeira da fogueira que começou a crepitar. Smirnia começou a esbravejar num linguajar estranho para os presentes:

– “Gelum tempestas... ignis extinguere et eliminare...”

A medida que o fogo aumentava, o céu começou a ficar encoberto por nuvens escuras, uma chuva forte e densa teve início, um vento forte e gélido começou a soprar obrigando aos que estavam assistindo ao espetáculo se retirarem para suas casas. O local ficou deserto, o fogo que tinha começado a alcançar Smirnia, foi aos poucos apagando, o céu escureceu e uma tormenta caiu sobre a cidade. No dia seguinte, o sol iluminava tudo que restou da fogueira, mas o corpo da bruxa tinha desaparecido. Todos falavam sobre a maldição da bruxa contra Elizabeth, comentando também que tinha sido por ciúme de sua beleza que ela a tinha incriminado.

Após o acontecido, a família de Smirnia mudou-se para outra cidade, pois sua casa ficou conhecida como “casa da bruxa” e ano após ano várias famílias ocuparam a residência, mas permaneciam por pouco tempo devido às hostilidades dos habitantes para com seus moradores.

Elizabeth Edgeworth não era bonita, tinha uma aparência feia por causa de uma mancha escura em seu rosto, e por coincidência ou não, após a maldição de Smirnia, todas as descendentes do sexo feminino do clã Edgeworth, nasceram com uma mancha semelhante. Muitas acreditando ser a maldição da bruxa entraram em depressão e morreram, outras cometeram suicídio ou afastaram-se da convivência entrando para conventos com a finalidade de esconder seus rostos.

Séculos depois, no dia 31 de outubro, a pequena cidade no interior da Irlanda, estava em festa. Era “Halloween”. As crianças usavam fantasias e batiam nas portas das casas dizendo a tradicional frase: “doce ou travessura?” (trick or treat, em inglês).

As descendentes do clã Edgeworth agora são Sarah e Elizabeth, mãe e filha respectivamente. Ambas com mancha no rosto, porém adaptadas à vida em sociedade. Ambas sofreram “bulliyng”, mas conseguiram seguir em frente e Elizabeth com seus amigos seguindo as tradições

desse dia, passaram em todas as casas da rua, com exceção da famosa casa da bruxa, afastada uns cem metros das outras. Elizabeth insistiu com seus amigos:

– Só falta a casa da bruxa, vamos até lá!

O grupo estava indeciso, a maioria tinha medo, relutam, mas ela insistiu mais uma vez:

– Só falta essa, se vocês não forem eu vou sozinha.

Elizabeth tem dez anos, é ruiva, mas seu cabelo não é liso, sua pele branca, parece ter ferrugem. É a líder do grupo, uma força estranha a impulsiona em direção a casa no final da rua, começa a andar e aos poucos os outros a foram seguindo.

São 18 horas, o entardecer claro começa a escurecer a medida que se aproximam da casa. Um vento gélido começa a soprar e uma chuva fina cai por toda a cidade.

Chegam à porta da casa, batem e quando ela abre o grupo todo fica estarecido, imóvel, como se estivessem congelados, pois à sua frente acabara de aparecer uma verdadeira bruxa, vestida de preto, segurando um bastão à guisa de bengala. Sua roupa parecia e tinha cheiro de queimada, seus braços pareciam ter queimaduras e exalavam o cheiro de carne queimada.

A única que demonstrava tranquilidade entre as crianças era Elizabeth, que olhou firme nos olhos da bruxa e exclamou com uma voz um pouco diferente da sua:

– Eu te peço perdão pelo mal que causei e se fosse possível voltar ao passado nada daquilo teria acontecido.

Neste exato momento, um raio irrompeu do céu até aquele pequeno grupo em frente à casa da bruxa e os que ali estavam presenciaram uma cena impressionante e inesquecível. A bruxa e Elizabeth foram aos poucos sofrendo uma metamorfose. Os cabelos crespos de Elizabeth passaram a serem sedosos, de sua pele desapareceram as manchas de ferrugem, bem como a mancha de seu rosto. Do outro lado, a bruxa transformara-se numa linda mulher e após colocar as mãos na cabeça de Elizabeth e beijá-la, foi aos poucos evanescendo até desaparecer por completo.



DOCES OU TRAVESSURAS

CARLOS ALBERTO BETINHO

Como acontece em todos os anos, cinco colegas saem fantasiados no dia 31 de outubro para conseguirem doces nas casas de seus vizinhos. A pergunta é sempre a mesma: doces ou travessuras?

Após visitarem diversas casas, ficaram surpresos ao chegarem no início da noite, no final da última rua e contemplarem a linda casa que deu lugar ao casarão antigo e que no ano passado rendeu muita diversão ao grupo que aprontou muitas travessuras porque o proprietário não possuía doces para fornecer.

Eles simplesmente picharam os muros e paredes da casa e ainda colocaram fogo na casa do cachorro. E se não fosse suficiente, ainda pegaram todos os lixos da vizinhança e colocaram em frete a casa.

Ao tocarem a campainha, um senhor de meia idade abriu a porta e antes que os meninos falassem a frase completa, ele respondeu:

– Doces, chega de travessuras.

O senhor convidou-os para entrarem porque já os esperava e preparou uma mesa cheia de doces e uma surpresa bem agradável para aquele momento.

Desarmados com a recepção, os meninos não acharam nada demais entrarem, saborearem os doces e ainda queria saber qual era a agradável surpresa. Entraram e encontraram uma linda sala decorada com móveis novos, quadros lindos e um enorme lustre com diversas lâmpadas. Sentaram-se à mesa e se fartaram!

Um dos meninos perguntou pela surpresa. O anfitrião disse que iria providenciar e já voltaria. Ao sair da sala e fechar a porta, as luzes do lustre se apagaram, as janelas se fecharam, transformando o ambiente num verdadeiro breu. Assustadas, as crianças correram até a porta para saírem, mas logo perceberam que a porta estava trancada. Começaram a gritar e bater na porta. De repente o local onde pisavam cedeu e eles caíram e foram deslizando numa espécie de escorregador cheio de voltas tal qual um parque de diversão.

Finalmente caíram num cômodo empoeirado e iluminado à luz de velas. Mesmo na penumbra, conseguiram encontrar um interruptor e ligaram-no. Assim que o fizeram, sons estranhos começaram a acontecer, como ruídos de correntes, assovios de vento num dia de tempestade e vozes humanas ao longe, de modo que não conseguiam entender os sussurros.

De repente, olharam para as paredes e viram esqueletos humanos pendurados que começaram a se movimentar. Ao fundo apareceu um enorme cachorro com a boca coberta de sangue e que rosnava para eles. Viram uma outra porta e correram para ela, perseguidos pelo cão enfurecido.

Fecharam a porta e todos faziam força para a manterem fechada, até que perceberam a chave na fechadura e trancaram-na. Ao se virarem para o interior do quarto viram diversos caixões fúnebres. Ao som de uma música horripilante, as tampas começaram a se abrir e de dentro corpos levantando-se. Ao mesmo tempo, ouviram barulho de fechadura abrindo a porta.

Assustados aos extremos viram que a única saída era o buraco do ar condicionado. Conseguiram empurrar um móvel e todos subiram ao mesmo tempo, provocando a queda do móvel. Viraram o móvel e

cada um subia apressadamente, enquanto o cachorro entrava na sala e os zumbis avançavam na direção deles. Quando a última criança ia sair, foi puxada pela perna e caiu novamente no quarto. Os demais gritaram e queriam ajudar o amigo, mas sabiam que a única coisa que podiam fazer era fugir o mais rápido possível.

Acontece que o buraco do ar levava a outro quarto e eles sabiam que alguma coisa assustadora iria acontecer. Tateando a mesa escura, acharam uma lanterna e encontraram um interruptor. Ao acenderem a luz viram num canto da parede centenas de cobras que começaram a se rastejar na direção deles. Sob gritos e choros andavam de costas até que encostaram na parede oposta. O medo era tanto que forçaram a parede e essa girou e os jogou para dentro de outro cômodo, voltando a parede para o lugar e isolando o local do quarto anterior.

Antes de respirarem aliviados, descobriu que eram em número de três, significando que um deles havia ficado no quarto anterior. Todos se sentaram e começaram a chorar, sem saber o que estava acontecendo na casa e como poderiam sair dela. De repente o teto do quarto começou a abrir e um som ensurdecedor, como de uma revoada começou a se ouvir. Eram morcegos. Milhares de morcegos começaram a sobrevoar o teto e cada vez chegavam mais e mais. Foi nesta hora que uma porta se abriu e eles correram para ela e a fecharam, mas somente dois conseguiram sair.

Assombrados olharam ao redor do quarto e viram diversas armaduras vazias que começaram a marchar e apontar as lanças na direção deles. Perceberam que havia um alçapão bem perto deles. Abriram e viram ali a única saída possível. Todavia, somente uma criança caiu no porão. Ainda atordoada pela queda, o menino desmaiou.

Passados alguns minutos, a última criança desperta ainda meio tonta ao som do grande relógio de madeira badalando meia-noite. Mesmo sem distinguir aonde estava, sabia que não se encontrava no porão aonde havia caído. Parecia que estava dopado e com muito esforço tentava recobrar os sentidos. Quando isso aconteceu, viu que está deitado em um enorme sofá com seus outros quatro amigos, que despertam ao mesmo tempo.

Todos se lembraram dos momentos anteriores, mas ninguém possuía forças para levantar-se daquele sofá. Cada um contou sua experiência e se questionavam quem os haviam levado para aquela outra sala clara e arejada. Foi quando perceberam que estavam na mesma sala de quando entraram na casa.

Neste momento, ouviu-se o barulho da maçaneta. Eles voltaram a ficar apavorados pelo o que podia acontecer. A porta se abriu lentamente e entrou o proprietário acompanhado de um enorme cão. Eles agarram-se uns aos outros. Percebendo o desconforto, o anfitrião disse para não terem o cão, pois apesar do tamanho era manso e carinhoso.

Antes que as crianças falassem qualquer coisa, ele mostrou cinco bolsas cheias dos mais variados doces e brinquedos.

Pedindo explicação do que acontecera, o senhor lhes disse que antes dos doces vieram as travessuras e tudo o que viram foi alvo de ilusão de óticas feitas por computador, telas gigantes, robôs controlados por controle remoto. Rindo muito, o feliz morador falou que agora eles estavam quites pelas travessuras que fizeram no ano anterior.

Ainda boquiabertos, sem entenderem bem o que acontecera, pegaram as bolsas, saíram da casa sem se despedirem do homem. Ao chegarem à rua ouviram um barulho estranho e voltaram seus rostos para a casa. Viram o antigo casarão e de sua chaminé saindo centenas de morcegos, fazendo a mais barulhenta e assustadora revoada.



PROGRAMA ESPECIAL DO DIA DE HALLOWEEN

DANILO DISESSA

É 31 de outubro, um homem no alto de seus quarenta anos despeja duas sacolas de mercado sob a mesa. Dentro das sacolas uma quantidade torrencial de doces, são balas, chicletes, pirulitos, cocadas, chocolates, gelatinas e jujubas, todas destinadas para a festividade noturna, esse ano ele aguarda que jovens venham lhe entreter em troca dos tão aguardados doces, mal pode esperar para que aquelas criaturinhas angelicais trajadas com suas fantasias macabras venham fazer-lhe uma visita.

Entre as crianças, ele é conhecido como o homem doce, todos os anos ele permite que as crianças entrem em sua casa e comam a vontade desde que brinquem de travessuras com ele, o homem também separa uma quantia em dinheiro para as crianças mais especiais, essas

especiais vão com ele para seu quarto e saem de lá geralmente sem a fantasia. O que acontece na casa do homem doce é um segredo que as crianças guardam, pois ficar em segredo é o acordo para comer um montão de doces.

Ninguém sabe onde o homem trabalha e como tem dinheiro para comprar os doces e presentear os garotos, as crianças maiores não são aceitas em sua moradia, ele gosta mesmo dos mais tenros, permite que crianças de todos os sexos e raças adentrem sua moradia, porém, para o seu quarto somente são selecionados os garotos. No início ele levou uma garota um pouco mais velha com cerca de quinze anos consigo quando vivia em outro país, porém, a experiência não foi como esperava e a jovem por pouco não conseguiu colocá-lo atrás das grades, a única coisa que impediu foi a família da jovem, essa que devido a costumes conservadores temia a opinião dos vizinhos no envolvimento em um caso como aquele.

O homem doce é caucasiano, por volta de um metro e setenta de altura, ele é dono de uma barriga proeminente, usa óculos com lentes que se assemelham ao fundo de garrafas, costuma se vestir com uma regata branca gasta e um short samba-canção surrado, seu cabelo é ralo pendendo a calvície, seus dentes são amarelados como o milho e as axilas nunca foram depiladas, costuma deixar a barba feita, os pelos de seu nariz ficam expostos fora da cavidade assim como os de sua orelha, suas unhas são proeminentes e o corpo coberto de pelos, a testa enrugada o faz aparentar ter mais anos do que de fato possui, quem o vê costuma imaginar que os seus alimentos favoritos certamente são o álcool e o tabaco, vícios que não larga de modo algum.

O homem doce apesar de rústico possui uma internet rápida e um computador de nova geração, ele não possui rede social e nem gosta de usar o computador para jogos e afins, nesse computador ele armazena uma vasta coleção de pornografia alternativa, seu aparelho vive conectado a *deep web* onde ele pode se deliciar nos fóruns com conteúdos exclusivos. Ele possui uma página que abre todo dia 31 de outubro, uma grande rede de telespectadores sedentos se reúne em seu servidor aguardando o momento em que as várias câmeras de seu quarto se ativarão para iniciar o show, todos os anos diversos jovens com fantasias diferentes são apresentados a eles e o homem doce, o grande anfitrião do programa, goza de grande reputação com estes aficionados do conteúdo alternativo.

As filmagens são feitas ao vivo e por diversos ângulos diferentes, o espectador pode ficar transitando por entre os diversos ângulos ou escolher o seu favorito, dentre as opções existe uma câmera nos óculos do homem que faz com que o espectador se sinta imerso naquela realidade, o conteúdo é muito didático e o homem doce aceita realizar algumas fantasias de seus espectadores por uma contribuição mais generosa, tudo dependeria do que o homem seria capaz de convencer sua presa a realizar e os espectadores confiavam nas habilidades de manejo daquele homem, afinal ele já estava há mais de dez anos produzindo conteúdos para o dia 31 de outubro e o dinheiro que recebia por seu conteúdo era torrencial e não seria exagero dizer que ele conseguia se manter com aquela verba até o ano seguinte.

A casa do sujeito era toda trabalhada para atrair as presas. Na última semana de outubro ele começava a decoração, colocava um espantalho com a cabeça de lanterna em seu quintal, uma enorme aranha de pelúcia era colocada em seu teto com um boneco enrolado em uma teia pendurado, a entrada cercada por abóboras observadoras e acesas, um esqueleto de alguma aula de anatomia ficava sentado em uma cadeira ao lado da porta com a mandíbula deixada cuidadosamente em seu colo, alguns balões vermelhos cheios de gás hélio flutuantes e até mesmo alguns doces colados nas paredes para que as crianças venham pegar.

A decoração interna não deixa a desejar, doces em cada cômodo, paredes pintadas com personagens, iluminação baixa, na sala uma televisão conectada a um aparelho onde milhares de horas de desenhos animados estão armazenados, uma piscina de bolinhas substitui o sofá e as crianças podem assistir a seus programas deitadas, na geladeira as cervejas são substituídas por refrigerantes e leite, os armários abarrotados com cookies e caramelos, o fogão tem o gás encanado e o botijão fica fora da casa, a gaveta dos talheres é trancada, a temperatura é controlada por um aquecedor e na sala uma lareira quentinha com alguns marshmallows aguardavam avidamente por quem tivesse interesse de desbravá-la, os banheiros eram limpos e abastecidos com toalhas secas caso alguma criança necessitasse se banhar, nos corredores ao invés de estátuas ou vasos de plantas, os flipperamas é quem preenchiam aqueles espaços. O andar superior da casa era bloqueado e só era permitida a visita daqueles selecionados, no andar superior havia três quartos, os três suítes e repletos de câmeras, no primeiro o aspecto de masmorra poderia assustar, correntes e

materiais de tortura tomavam conta do cômodo, no quarto ao lado uma enorme cama elástica, um touro mecânico, uma banheira e uma máquina de algodão doce se misturavam a decoração de parque de diversões, o terceiro quarto era o mais comum, possuía uma cama, uma cadeira, um guarda roupas e o computador, geralmente esse quarto era utilizado pelo indivíduo normalmente em seu cotidiano, porém, algumas vezes os espectadores queriam algo mais simulado do cotidiano e por não possuir uma atmosfera fantasiosa era o ideal para esses espectadores que procuravam uma atmosfera mais intimista onde poderiam fantasiar com os lugares cotidianos.

Assistir a um dos programas anuais de Halloween não era barato, as salas eram VIP e durante o ano era possível ter acesso às festas dos anos anteriores, logo o homem doce conseguia ter uma fonte de renda no decorrer do ano se precisasse, porém, o espetáculo prometido era mais do que necessário para encher os bolsos e de quebra satisfazer seus desejos. Se sentia um atleta ou um astro que era bem remunerado para executar uma atividade que via como prazerosa. Por exigência dos telespectadores esse ano o homem estava vestido de mágico, a votação não foi unânime, porém, o dinheiro do solicitante foi superior ao de todos os outros e como de praxe o dinheiro foi a voz a ser ouvida em meio ao turbilhão de vozes contrárias, o traje consistia de um smoking e uma cartola, ainda tinha alguns acessórios como algemas e varinha que poderiam ser usados se assim os espectadores quisessem.

Anoiteceu e o homem já havia arrumado a casa, seu gato preto rodava pelos cômodos com total liberdade, sua única companhia, o homem nunca usava preservativos, apenas lubrificantes e entorpecentes, alguns de seus clientes eram adeptos da necrofilia e ao invés de matar ou desenterrar uma criança, o homem doce preferia drogá-la e executar seu trabalho enquanto a mesma ainda repousava, apesar de não ser sua prática favorita o dinheiro era bastante compensatório, esse ano por sorte nenhum pedido desse foi feito, era o ano mais contido ao que tangia o pedido dos espectadores, o mais excêntrico foi o uniforme de mágico, o quarto selecionado era o convencional, os brinquedinhos foram ignorados e agora só faltava escolher a criança que iria ter o infeliz destino de conhecer o andar superior da casa.

As crianças chegavam em profusão, as fantasias variavam, desde singelos fantasmas de lençóis e vampiros com dentaduras de

plástico, até os mais elaborados cosplays de cultura pop, a cada vez que a campanha tocava o homem se dirigia a porta e esperava pela abordagem dos pequenos.

– Doces ou travessuras? – Diziam em uníssonos os pequenos.

– Nossa que criaturas tenebrosas! Eu que não gostaria de passar por suas travessuras meus pequenos, entrem... minha cozinha, está repleta de doces.

As crianças logo riam da forma como eram abordadas e, mesmo que receosas, não resistiam à piscina de bolinhas que decorava a sala e a promessa de doces em profusão era deveras tentadora, algumas crianças já eram reincidentes, esse ano para azar do homem doce, muitas meninas compareceram, via-se poucas novidades entre os elegíveis e sua noite só não foi um fracasso graças a um convidado que chegou de última hora.

– Doces ou travessuras? – Disse uma criança sozinha munida de uma pequena sacola.

– Rapaz eu não sei você, mas eu não acho que roupa social é algo assustador – respondeu o homem após medir a criança dos pés à cabeça.

– É que eu não sou daqui, não tinha fantasia, mas pensei que poderia ganhar alguns doces mesmo assim – disse o jovem com total transparência.

– Pensando bem acho que esse seu visual mais minimalista pode ser um grande destaque entre vou lhe servir alguns doces no andar de cima – disse o homem lembrando-se da proposta de uma noite minimalista.

A criança adentrou o cômodo sem hesitar, o ambiente parecia de festa, as crianças jogando nos fliperamas, outras vendo desenhos com copos de refrigerante nas mãos, o novato percorria seu olhar e era hipnotizado por aquele ambiente, conseguiu reconhecer os personagens pintados nas paredes, parou um pouco para conseguir absorver tudo aquilo.

– Garoto você tem quantos anos? – Perguntou o predador sorratamente.

– Dez anos senhor, mas eu já consigo andar sozinho e amarrar meu sapato sem ajuda, minha vó diz que eu já sou um mocinho – disse com um inocente sorriso.

– Sua vó? E quanto aos seus pais?

– Eu não conheci meu pai e minha mãe morreu assim que eu nasci, até meu avô acabou indo embora quando a vovó decidiu ficar comigo, minha família é assim.

– Ora rapaz não fique assim, hoje você vai ser o meu garoto especial tá bom? Atenção crianças, tem mais refrigerante e leite na geladeira, a TV tem todos os desenhos que precisam, tem um banheiro e vários cookies e outros doces para vocês na cozinha. Eu vou subir agora e não quero ser incomodado, doces ou travessuras?

– Doces!

O homem pegou na mão do jovem encantado com o ambiente e o guiou para o andar superior na direção do quarto selecionado pelos espectadores, as câmeras começaram a gravar enquanto o homem fechava a porta e entregava um pirulito para o rapaz se distrair.

– Moço, está muito calor no seu quarto, posso tirar minha camiseta? – falou o rapaz com o pirulito na boca

– Claro minha criança – o homem ficou um pouco assustado, geralmente era bem mais complicado e custoso retirar as vestes dos jovens que chegam aos cômodos superiores.

A criança então retirou a camiseta e sua pele pálida ficou exposta para a câmera, seus olhos negros hipnotizavam os telespectadores que já se colocavam de prontidão para assistir ao conteúdo respirando com sofreguidão.

O homem aproveitou a deixa para se despir também ficando acariciando seu membro antes de se virar para o jovem.

– Sabe, eu tenho uma brincadeira para te mostrar, eu vou te mostrar tudo... – de repente a voz do homem se cala, uma dor angustiante começa a acometê-lo, ele olha para baixo e suas mãos estão envoltas em sangue, seu pênis parecia que havia sido cortado com cerol, uma dor terrível pode ser sentida, uma dor tão profunda que o homem sequer consegue gritar.

– Na verdade sou eu quem ensinará um jogo para ti, se chama destruindo o papai.

– Quem é você?

– Seu filho. Há exatos dez anos atrás você se relacionou com uma garota jovem e plantou nela sua semente, essa garota tentou abrir um processo contra ti, porém, meus avós não permitiram, eles eram muito religiosos e vetaram o aborto. Minha mãe com raiva ofereceu a vida dela e a minha para que você pudesse pagar pelo que fez, se os

céus não ouviram as preces, certamente o inferno ouviu e eu já vim ao mundo consciente de minha missão.

– Seu merdinha, me mata de vez.

– Te matar? Não. Eu vou brincar com você, morrer é rápido.

Nesse momento os espectadores perturbados com a visão tentavam se desconectar e parar de assistir aquilo, porém, o rapaz se virou para as câmeras e fez um gesto com o indicador simbolizando negação.

– Onde vocês pensam que vão? Eu lhes prometi um show de mágica essa noite. Agora observem enquanto eu removo uma espada diretamente do ânus de meu convidado!

A espada longa começa a sair de dentro do ânus do homem que se retorcia no chão, o tapete encharcava-se com o sangue e as fezes expelidas pelo homem.

– Agora eu gostaria de mostrar a vocês como somos todos podres por dentro.

Nesse instante o corpo do homem doce se levanta do chão e suas feridas são curadas, ele respira tranquilamente e sua pele é removida do corpo, por baixo da pele começam a brotar vermes, baratas e aranhas circulando no corpo, sequencialmente a pele é recolocada e o homem solto.

– Não pensem que terminei, todos vocês que estão assistindo essa transmissão saibam que até o próximo 31 de outubro eu irei encontrá-los, são trezentas e oitenta e nove pessoas, fujam, se escondam, tentem me encontrar primeiro, não importa. Meu pai passou anos entretendo vocês, agora vocês vão passar esse próximo ano entretendo a mim.

Nesse instante, chifres proeminentes saltam da cabeça do garoto e ele desaparece por um fogo saindo do chão, o homem doce é deixado agonizando no andar de cima com as criaturas se deliciando de seus órgãos por baixo de sua pele, o barulho é ignorado pela criançada lá embaixo que foi instruída a não interferir, o homem morria sozinho e as crianças se divertiam comendo seus doces e se livrando de futuras travessuras.



BRUMA

DEIA KLEIN

A chuva que despencou, repentinamente, me deixou assustada, arrepiando todos os pelos do meu corpo e causando um pavor que não fazia ideia de onde vinha.

Eram duas e meia da tarde, mas parecia que o fim do dia havia chegado, tamanha escuridão que recaía à frente dos meus olhos.

Assustador!

Quando os pingos se transformaram em pequenas pedras, que me ocorreu serem granizo, horror me percorreu. Gritei ao meu marido:

— Sai da estrada e procura um lugar para nos proteger!

Nisso um caminhão passou a toda velocidade, jogando água no para-brisas e nos cegando. Alex segurou a direção com força, tentando adivinhar o caminho, e graças aos céus não derrapamos.

Por sorte havia um desvio há poucos metros, saímos da via principal, enquanto ele pensava no que fazer. A chuva engrossou, pedras maiores de granizo começaram a cair.

Um automóvel cruzou à nossa frente e em um impulso, Alex o seguiu. Saímos sob um viaduto que não dava para enxergar da autoestrada, ele então desligou o carro, e protegidos da tempestade, suspiramos aliviados.

Não demorou muito e uma neblina começou a baixar. O barulho da chuva havia cessado, e concluindo que tinha passado, ele acionou a chave e pôs o carro em movimento.

Andamos por alguns metros, a névoa baixa, envolvendo tudo e nos causando a estranha sensação de estamos indo para o lugar errado.

— Tem certeza que está no caminho certo, Alex?

— Não tem outro caminho! Saí debaixo do viaduto e *tô* seguindo a estrada. — respondeu com uma careta no rosto.

Percebi a temperatura diminuir e esfreguei os braços. *Era outubro, porra, já não devia estar esquentando?*

Percorremos mais alguns quilômetros e a estrada não dava mostras de quando voltaria para a *BR*. Comecei a me chatear.

— Quem sabe você faz o retorno e volta pelo mesmo percurso, Alex?

Ele fez que não ouviu e continuou pela estrada, que de repente fez uma curva de noventa graus e terminou em lugar nenhum.

— Como assim? Tá de brincadeira! — Resmunguei, aborrecida.

Abri a porta e saí do carro. O nevoeiro tinha sumido. Assim como a estrada. Mas então você me pergunta, “como assim a estrada sumiu?”. E eu fico tipo “dã”. Pois é, a maldita estrada acabou e olhando em volta reparo que não estou mais nas margens da rodovia, e tampouco em um lugar cheio de carros e gente, como há alguns momentos, antes da chuvarada. Boquiaberta, passo a analisar a paisagem.

Alex desce, segura minha mão, e tão espantado quanto eu, começamos a descrever um para o outro o que estamos vendo.

— Zona rural. Um poço, com telhadinho de barro. Gramado a perder de vista. Nenhum animal. Nenhum tipo de plantação. Nada de seres humanos. Nenhum celeiro, trator, serra elétrica. Haha. — Rimos, tentando descontraír a tensão.

Intrigados, andamos até o poço e eu enfio a cara no buraco e grito lá para dentro:

— Helloooo...

— Olá!

Arregalo os olhos e encaro meu marido. Não! Deve ser alucinação, só pode.

— Hellooo! — Grito outra vez.

E o poço responde, de novo.

— Olá!

— Diz para mim que *tô* ficando maluca, Alex — o encaro com olhar assustado.

— Se você está, *tô* também — sussurra com cara de apavorado.

Nos aproximamos juntos e espiamos para baixo ao mesmo tempo. Pisco, pisco de novo, tentando ver algo, e então a neblina que estivera lá fora antes, nos engole e nos suga para dentro do poço. Solto a mão da de Alex enquanto caio, me sentindo a própria *Alice*. E agora, o que vem?

Caí sentada em uma poltrona. Confortável, até. E cada vez mais pasma, procuro me situar. Onde estará Alex?

Levanto-me, passo as mãos sobre o meu vestido listado de azul marinho claro e escuro, tentando desamassá-lo, e percebo que ele não é mais daquela cor. Agora eu visto um vestido com listras vermelhas, que se alternam entre vermelho sangue e um rosado. *Cara, só posso estar vendo coisas!*

Olho ao meu redor. A casa é de madeira. Velha. Bem velha, mesmo. Móveis decrépitos, um tapete puído, quadros com molduras caindo. Passo o dedo sobre uma mesa, pó grosso. Tudo empoeirado, como se há muito ninguém cruzasse por ali.

— E aquela voz? - Me pergunto - E o Alex?

— Hellooo? — Tento.

— Olá! — Respondem, baixinho, como se estivesse longe.

Vejo um corredor e sigo por ele. Ando. Ando muito, parecem quilômetros. E então começo a ouvir um barulho. Música? Apuro os ouvidos. Sim, música.

O corredor faz uma curva e ando um pouco mais. O volume do som aumenta e fica mais próximo.

Chego em um salão amplo, cheio de gente mascarada. Uma festa!

O som agora parece que vai explodir meu cérebro. Risos, barulho de gelo nos copos, passos de dança. Mas que música é aquela? Apuro mais os ouvidos e é como se o próprio cantor estivesse murmurando a letra no meu ouvido. Arregalo os olhos e sacudo a

cabeça, uma pessoa com máscara de esqueleto está a um dedo de distância da minha orelha. Cantando. Saio dali rapidamente. Cadê o Alex, porra?

Estanco o passo em um canto e fico analisando o lugar e aquela gente. Roupas de esqueleto em profusão. De fantasmas, também. Assim como criaturas fantasiadas de *Pânico*, de *Jack Skellington*, *Freddy Krueger*, noiva zumbi, e o *caralho a quatro*.

Me dou conta que é uma festa de Halloween. Que boba! Estava me apavorando à toa. É só uma festinha.

— E as perguntas sem respostas? — Uma voz sussurra no meu ouvido.

Que perguntas? - Indago mentalmente. Um arrepio me percorrendo, repentinamente temerosa de colocar a questão em voz alta.

E então a voz começa a enumerar: a neblina, a estrada que terminou, o poço, a voz no poço, a queda, o corredor sem fim.

Medo me percorre quando viro para olhar quem falava e dou de cara com a *Morte*, sim a *Dona Morte*, de capuz e tudo, segurando sua foice, me encarando numa face vazia e escura. Tremi e prestes a correr, senti meus dois tornozelos sendo presos. Mais uma vez a voz da *Morte* sussurrou:

— Não adianta fugir, garota. A encontrarei seja aonde for.

Juro que só não urinei nas minhas calcinhas porque eu havia bebido quase nada desde essa manhã, mas como não havia problema nenhum com a minha garganta, soltei a voz em um grito repleto de pavor.

Enquanto eu gritava, todos no salão riam. O riso substituiu a música e os demais ruídos. Só havia uma gargalhada enorme na minha cabeça, querendo tomar conta do meu corpo inteiro. Lágrimas escorreram pelo meu rosto. E enquanto eu chorava, percebi ele se derretendo como cera quente, se desfazendo em pingos no chão.

Gritei mais, Tateando a própria cara e então a mão de Alex segurou a minha, uma interrogação nos olhos azuis.

— É o meu rosto, você não está vendo? — Levei uma mão à testa e de repente minha mão se desfazia também. — Alex! Alex!

Ele sorriu. E ele não era mais ele. A mão que segurava a minha era a de um esqueleto. E o rosto... Ah, o rosto era um buraco negro, com uma naja de olhos vermelhos faiscantes me encarando.

— Senhor! — Chamei com olhos lacrimosos. E um *bum* se ouviu. Uma enorme explosão atingiu o telhado e ao invés de aquelas pessoas,

criaturas, coisas ou sei lá o que, correrem, passaram a rir. Um riso cada vez mais alto e apavorante. E enquanto eles riam, fugi dali, me dando conta de que nada mais segurava os meus pés. E corri, e corri, sem olhar para trás, naquele corredor infinito.

Ofegante, mão no peito, olhei para trás. Ninguém. Corri mais e então eu estava na rua, sem ao menos ter cruzado por uma porta. Mas não parei para questionar aquilo, só corri. E a neblina me pegou, recaindo sobre mim e o lugar, tornando difícil ver onde eu estava.

— *Putá que pariu!* Se vocês pensam que vão me vencer, estão redondamente enganados — rosnei, irritada.

Parei para tomar um fôlego, e num repente uma raposa passou correndo por mim. Ouvi sua voz no minha cabeça, me cumprimentando. Foi minha vez de rir feito louca, e enquanto caía ao chão, sem conseguir segurar as gargalhadas, o riso de todo aquele povo que estava na festa se fez presente outra vez. *Pirei, só pode. Cadê o infeliz do meu marido?*

A festa e todos os convidados estavam na rua. Cadeiras se espalhavam pelo gramado, uma banda tocava uma música alta e esquisita, todos se moviam mecanicamente, como robôs, numa dança bizarra.

Jack segurava a noiva zumbi, *Pânico* brandia o facão sobre ele mesmo e eu gargalhava histericamente, prevendo o momento de a ambulância chegar e me levar para um sanatório.

Já me via, sedada, capengando, babando e rindo, tudo ao mesmo tempo, com uma camisola branca, andando por quilômetros de corredores sem fim, os convidados da festa bizarra me seguindo, bebendo, batendo seus copos e rindo.

— Pati, Pati... Acorda, Pati... — reconheci a voz do Alex me chamando. — Acorda, amorzinho...

Abri os olhos, uma onda dolorosa me fazendo fechá-los de novo.

— O que foi? — Perguntei em uma voz que nem parecia a minha, estranha, rascante.

— Finalmente! — Segurou meus dedos e os acariciou, um a um. — Como você está se sentindo?

— Seca. Me dá água, por favor? — Pedi com aquela voz que não era a minha.

— Claro, só um minuto.

Ouvi o barulho dos seus passos, da água caindo no copo, dele retornando.

Recostou o copo em minha boca e segurou minha cabeça.

— Bebe, amorzinho.

Dei uns golinhos. Pequenos, breves, até que senti a secura umedecer.

— Como você está? — Repetiu, ele.

— Com dor de cabeça, acho... — tentei levar a mão, que presa, não foi. — O que foi? Aonde eu *tô*? — Abri os olhos de vez, percebendo os pulsos amarrados, a cama de hospital e Alex.

— Ai, Alex... Senti tanto a tua falta. Aonde você se meteu?

— Eu estava aqui, benzinho. Bem ao teu lado. Segurando a tua mão por quase todo o tempo que me foi possível.

— E que tempo foi esse? — Franzi a testa, sem entender. — Por que eu *tô* num hospital? E presa?

— Você estava muito agitada, acharam melhor que fosse contida para não se ferir. Você se debateu muito, amor.

— Tá, mas o que foi que aconteceu?

— A chuva, naquele dia... O granizo, lembra?

Fechei os olhos e me transportei aquele dia da tempestade.

— Lembro, claro. Da festa também...

— Que festa? — Fez uma cara de incrédulo e depois sorriu. — Você está no hospital, não numa festa. Está internada há quinze dias.

— Por quê?

— Saímos da estrada durante a chuva, perdi a direção, o carro bateu na mureta de proteção e você deu uma pancada com a cabeça no vidro do carro. O cinto de segurança se abriu e você voou longe — fez uma cara de culpado, enquanto me contava o ocorrido.

— E quanto a você?

— Estou bem. Fiquei bem, nada aconteceu comigo. Você é que se deu mal. Desculpa, amorzinho. Desculpa.

— A culpa não foi sua. Foi a chuvarada. E aquele babaca que passou correndo e nos deixou sem visão. — suspirei. — Não quebrei nada? — Perguntei, enquanto tentava mover algumas partes do corpo, sem sucesso, já que até as pernas estavam amarradas.

— Não quebrou, ainda bem. Você está inteira. Quer dizer, a sua cabeça que nos assustou um pouco, mas já que você abriu os olhos agora e está conversando, é sinal de que está bem.

— Acho que sim.

— Você ficou em coma por todo esse tempo, Pati.

— Sério?! — Arregalei os olhos. Puxa, devia ter sido feio mesmo, o acidente.

— Alex, você podia pedir para alguém me livrar dessas contenções, né?

— Por quê?

— Porque sim, ué! Estou bem, acordada, dona dos meus atos e viva, não é mesmo?! Quero poder me mexer, ir ao banheiro, te abraçar — sorri, o encarando como se a resposta fosse óbvia.

E então uma enfermeira entrou. Em um uniforme imaculadamente branco, com uma touquinha sobre seus cabelos pretos e longos, e me fitou com enormes olhos azuis. Tão grandes que pareciam querer sugar minha alma. E ela chegou perto, perto demais do meu rosto, e me farejou. Farejou?

A neblina começou a baixar e os risos chegaram aos meus ouvidos.

Gritei, apavorada.



EXTINÇÃO

GIULLIA OLYMPIO

O Sr. Cruz sabia que o dia 31 de outubro estava chegando, e ficou receoso, coisa que não sentia há anos. Receio de não aprontar o que precisava a tempo. Eram muitos saquinhos de doces, café, chocolate e chás.

Mas ele tinha que seguir seu destino. Tinha feito um trato com aquele homem de preto, com braços longos e capuz, pele branca e olhos que quase não podiam ser vistos. O homem lhe deu algo precioso, a vida de sua filha de volta.

A pequena Livia tinha sido acometida de uma doença rara, tinha apenas 4 anos, um pequeno anjo, e o Sr Cruz fez de tudo para ajudar na sua recuperação e não conseguiu.

Mas um dia, quando passava por uma encruzilhada, viu uma velha senhora rezando perto de coisas espalhadas no chão. Ele olhou,

mas passou adiante. Até que ela o chamou, do nada, no meio da noite com uma voz sussurrante.

Sr. Cruz olhou para trás e parou. A senhora chegou mais perto.

— Sinto que existe dor no seu coração. E eu posso te ajudar a tirar essa dor.

— Como pode fazer isso? – O Sr. Cruz perguntou.

— Posso tirar a doença de sua filha – disse a senhora.

— Como? Como sabe disso?

— Eu sei de muitas coisas, quer ou não quer a saúde de sua filha?

— Claro que quero, mas como...?

— Simples. Você volta comigo para aquela encruzilhada e se oferece como servo, para um serviço simples: você vai em algumas cidades distribuir doces, chás, cafés, chocolates, de forma que englobe toda a cidade, sempre bem pequenas. Sempre no dia 31 de outubro e depois de distribuir tudo, vai embora sem olhar para trás e seguirá para a cidade seguinte, sem perguntas. Em troca sua filha estará curada em menos de uma semana.

— Isso não é possível.

— Sim, é possível, mas você terá muitos sacrifícios a fazer, sentimentos, ética, moral...

— Nada me importa, só quero a saúde de minha filha. Mas só faço qualquer coisa depois que eu receber os atestados de que minha filha está curada.

— Assim será – disse a senhora pegando em sua mão e o conduzindo a encruzilhada.

Ela fez ele se abaixar, fez várias rezas, derramou sobre ele uns líquidos e deu algo estranho para ele ler. E ele tudo fez, não tinha nada a perder.

— Pronto – a senhora disse – espere uma semana e mande fazer os exames de sua filha, ela estará curada, e você irá a esse endereço e eu te passarei as suas instruções. O dia em que você deixar de cumprir seus deveres, sua filha morre.

— Não, vou seguir, mas quero ela curada, quer exames, quero atestados...

— Simples, você terá sua filha curada.

Sr. Cruz ficou sem saber o que dizer, e simplesmente pegou o endereço que a senhora lhe deu e se foi.

Em uma semana, o Sr. Cruz pediu novos exames para sua filha, e descobriu que tudo que havia dentro do seu corpo havia sumido. Não havia mais doença, nada, nem mesmo sequelas. Era incrível.

O Sr. Cruz não sabia o que dizer, ou fazer. Levou sua filha para casa e ela era como uma menina comum, alegre, correndo, rindo, comendo, uma maravilha.

Então o Sr. Cruz se lembrou de que tinha que ir ao um certo endereço, para cumprir o prometido. E ele não pode evitar, não ia correr o risco de ter sua filha de novo no leito de morte.

E chegando ao endereço, um casebre velho e caído, a senhora abriu a porta e foi tudo muito rápido: ela disse que a cada dia 28 de outubro de cada ano, ela passaria a ele um endereço, passagens, e uma hospedagem e dinheiro para comprar doces, chás, cafés em saquinhos e chocolates para ele fazer um determinado número de saquinhos e depois distribuir de porta em porta e sem hesitar, sair da cidade.

Ele achou estranho, nunca tinha ouvido nada igual, era estranho, mas não custava muito, ele arrumaria alguém para ficar com sua filha e iria cumprir a missão. Não queria discutir, nem saber detalhes, queria apenas a saúde e o sorriso da sua filha.

E assim ele esperou chegar o primeiro dia 28 de outubro, recebeu o endereço de uma cidadela entre montanhas distantes, com menos de 200 habitantes e se foi. Chegando lá, se hospedou, já com os ingredientes comprados para os saquinhos e começou a montar os pacotinhos. Na noite de 31 de outubro ele, a meia-noite, passou de porta em porta e deixou um saquinho. Cafés, chocolates, doces, chás. Era impossível que tivesse algo nos pacotinhos que alguém da casa não quisesse. Afinal ele trazia os produtos de longe, nem sempre conhecidos dos habitantes das cidades que ele passou a visitar.

O tempo passou e ele sempre cumpria sua missão.

E naquela noite em específico, a cidadela tinha 450 habitantes e veia a dúvida ao Sr. Cruz:

— E se não desse tempo de espalhar tudo?

Deviam ser umas 150 casas, e a idade dele já estava pesando cada vez mais em seus ombros. Mas ele faria, por sua filha, ele faria.

Os pacotes estavam feitos, mas distribuir, tudo, começando a meia-noite seria difícil até o amanhecer. Mesmo assim ele foi. E cada casa, em meio as brincadeiras e tumulto do dia de Halloween, passou a receber seu pacotinho.

E no amanhecer o Sr. Cruz já estava saindo da cidade, enquanto os moradores experimentavam as guloseimas diversas recebidas, inclusive as deixadas pelo Sr. Cruz.

Mas como sempre acontecia, em apenas algumas horas, os moradores começavam a apresentar vômitos, febre, diarreia, fortes dores abdominais e de cabeça, e sem ter auxílio médico que pudesse atender a todos, devido ao isolamento de cada cidade que o Sr. Cruz visitava, eles acabavam morrendo, uns rápido, outros com um pouco mais de tempo, mas na maioria das vezes deixando suas refeições sobre a mesa, lareiras acesas, tudo como se nada tivesse acontecido, e os corpos, um a um caindo mortos envenenados, deixando cidades inteiras vazias.

E assim seguia, a cada dia 31 de outubro, a caminhada do Sr. Cruz, deixando o que até hoje intriga muitos pesquisadores: cidades vazias, sem ninguém, somente corpos em decomposição, mas sempre eram cidades pequenas, isoladas, quase inacessíveis, mas o Sr. Cruz sempre chegava lá e eliminava um a um os seres humanos, seres esses que geravam inveja e ódio para o senhor das encruzilhadas que agora tinha quem matasse os homens e eliminasse cidades.



REVANCHE

LEO SURCIN

Marquinhos e Leila saem animados de casa para recolher doces. Ele veste uma fantasia de monstro e máscara de abóbora e ela uma de bruxa. A mãe aproveita o belo luar e abre um vinho com seu marido. Leila olha para o irmão com ar sacana:

— Hoje podemos passar das 22h30. Quando eles bebem se esquecem da hora.

Os dois chegam à calçada e percebem a rua lotada de crianças. Marquinhos fica irritado:

— Aff. Tá vendo quanta criança? As pessoas vão ficar de saco cheio se batermos nas portas delas. Isso se sobrar doce, né. Olha lá. Ali não tem criança.

— Claro, nenhum pai deixa os filhos irem. Porque o caminho é pelo bosque. E tá tarde. Tem certeza? – Responde a irmã com medo.

— Fui. Você vem ou vai ficar aí sozinha?

Os dois seguem pelo bosque. As vozes das crianças na rua ficam cada vez mais distantes. Só ouvem sons de bichos que não conseguem identificar. Leila treme e sua apavorada. O irmão a acalma dizendo que tá chegando à estradinha até as casas de campo.

Perto da estrada, Marquinhos se gaba pra irmã:

— Viu, só? Foi fácil. No final a estradinha só tem duas, três casas no máximo.

— Mas..., Mas... Lá que mora a tal bruxa...

— Leila, para de ser criança. Que mané bruxa.

— Mas eu sou criança. E você também é.

— Aff.

Próximo à casa, a estrada se estreita, e o mato forma uma parede verde, escondendo o luar. Na escuridão, eles ouvem o mato se mexendo e eles se abraçam de medo. Do mato saem duas crianças maiores que eles dando-lhe um susto:

— Aha! Pensou que ia fu... Ops. Não é a bruxa. Me desculpem. — diz o menino.

— Meu deusinho, garoto. Você quase me mata de susto. Quem são vocês? — Questiona Leila.

— Somos novos aqui. E vocês, o que fazem aqui? — Pergunta a menina que saiu do mato.

— Sou Leila.

— Marquinhos. Nós viemos pra ir até as casas velhas da estradinha, porque na nossa rua não temos mais espaço.

— Nós também. Então você me entende — fala o menino empolgado.

Os quatro caminham até o final da estrada, e conversam pelo caminho.

— Ninguém quis vir com a gente. O problema é deles. Mas vamos até o fim — diz a menina nova.

— Depois que essa bruxa veio morar aqui, nenhuma criança quer mais brincar no bosque — diz Marquinhos.

— Caraca. Parece eu falando. Desde que ela veio, nenhum amigo nosso quis mais saber de nós — fala o menino novo.

— Mas dessa noite não passa. Ela vai ver só — retruca a menina que deu susto.

— Mas a culpa não é dela. Não são eles que não andam mais com vocês? — Pergunta Leila.

— Ah, ela foi chegando de fininho, como quem não queria nada. E roubou nossos amigos.

Leila prende a barra do vestido numa planta. Ela puxa e rasga.

— Droga. Minha fantasia é nova. A mãe vai me matar. Falando nisso, que fantasia é essa?

— Tá falando comigo? — Pergunta a garota.

— É de sereia, sua lerda. E a dele é de... de... Não sei. — Responde o irmão.

— Tá vendo? É disso que *to* falando. Olha só pra sua fantasia. Quem acredita de verdade em monstro com cara de abóbora?

Eles finalmente chegam à casa da velha. Leila e Marquinhos vão até a porta. As outras crianças ficam escondidas, uma de cada lado da porta. Leila olha ao redor e fala com os três:

— Eu sei que já estamos aqui, mas estou com medo. Acho melhor irmos embora.

— Quê? Viemos de muito longe pra nos vingar. Se quiserem podem ir. Os outros também ficaram com medo. A Iara ia trazer a velha bruxa pra fora, mas já que vocês estão aqui tratem de ajudar e batam na porta — disse o menino com raiva.

Marquinho bate na porta. Após um tempo ela se abre. Uma velha os olha de cima a baixo e fala olhando para Leila:

— Que bela fantasia criança. O que os traz aqui a esta hora da noite?

— Doces ou travessuras! — Diz Marquinhos tentando assustar a velha.

Ela o olha com pena.

— Vocês acham que podem me ameaçar com travessuras? Hahaha. Vou ensinar uma lição.

A velha os pega pelo braço e ameaça puxar para dentro de casa. É interrompida pelas duas outras crianças. A menina se revela, seguida do menino, que a afronta:

— Solte eles, agora!

— Tem mais pirralhos. Que maravilha. Terei banquete para semana toda.

A velha solta Marquinhos e Leila, os jogando no chão e tenta segurar os outros dois. A menina se esquiva e começa a cantarolar. A velha coloca as mãos na cabeça tentando resistir, mas cede e fica paralisada de frente para a menina, que entra na casa sendo seguida pela

velha como fantoche. Leila e Marquinhos se olham assustados e perguntam quem são eles.

— Podem ir embora, nós assumimos daqui. — O menino puxa seu cachimbo e coloca na boca. — Vamos nos vingar dela. Quem ela pensa que é? — Responde o menino se revelando. — Ela vai aprender a não se meter com Saci e Iara.

— Saci? Mas... Você é real? – Pergunta Marquinhos.

— Por isso ela vai ter o que merece. Você consegue acreditar em bruxa e duvidar de nós. Se eu fosse vocês ia agora. Já, já chega Curupira, Boitatá e os outros. E eles ainda estão cheio de raivas dos humanos.

Leila e Marquinhos correm desesperados enquanto ouvem uma sinfonia de terror: golpes e ataques desferidos contra a bruxa em harmonia com o canto da sereia Iara.



PENTAGRAMA INVERTIDO

LÚCIA HELENA GOMES

Naquela noite cheguei ao sítio por volta das vinte horas. Ao abrir o portão que dava acesso a propriedade, levei um gigantesco susto ao me deparar com uma galinha preta morta, dentro de um círculo de sangue, bem no meio da estrada. Enquanto passava com o carro sobre a ave, avistei uma coruja em um pau que crocitou três vezes para mim. Senti um arrepio, já que sei que este animal prenuncia a morte.

Estacionei o meu veículo debaixo de uma árvore ao lado da casa, perto de um poste de luz. Saí do carro e observei que no tronco da árvore alguém tinha pregado uma grande cruz. Acima dela, amarradas com fita vermelha, uma flor lírio-aranha vermelha, que é tradicionalmente associada com a morte na sociedade japonesa, simboliza dor e saudade. Circundando a árvore, velas pretas e vermelhas acesas.

– Que bizarro, credo! – Falei.

Comecei a ficar desconfiada. O que estava acontecendo ali?! Olhei em direção à casa e não enxerguei uma luz sequer em seu interior, apenas um lustre iluminava timidamente um canto da varanda. A calmaria daquele lugar me intrigou. Meus familiares falam e riem alto, e naquele momento o único barulho que se podia ouvir era o coaxar dos sapos ao longe. Tinha algo muito inusitado ocorrendo no sítio, mas eu não queria pensar no pior... Porém pensava...

Trinta e um de outubro. Esta data era muito especial para mim. Será que agora ela seria manchada de sangue, de cheiro da morte? Onde estavam todos? Por que minha mãe não veio me receber com um sorriso nos lábios como sempre fazia? Por que a meninada não brincava pela propriedade?

A lua cheia surgiu detrás da montanha. Até ela parecia conspirar contra mim: estava absurdamente grande e vermelha. Tive a sensação de que, a qualquer minuto, a lua iria explodir e derramar uma cachoeira de sangue que devastaria toda a Terra. O medo me dominou e eu não mais tinha algum raciocínio lógico...

Segurei fortemente a minha bolsa, como se ela fosse um talismã de proteção e fui caminhando lentamente para a casa. Parei a poucos metros da varanda. Gelei. Um homem caído no chão, com o tronco para dentro da varanda e as pernas apoiadas na escada, fez meu coração acelerar e eu soltei um grito de horror.

– Nãaaaaaaaaaaaaooooo!!!!

Acelerei os passos... Ajoelhei ao lado do indivíduo. Constatei que era o Pedro, meu primo querido. Meus olhos ficaram mergulhados em lágrimas. Notei que sua camisa amarela estava repleta de sangue e que seu rosto apresentava cortes profundos. Ele parecia não respirar. Quase desmaiei quando olhei para a esquerda e dei de cara com uma bacia de alumínio toda suja de sangue. Dentro dela um coração humano que provavelmente era do Pedro. Soltei outro grito.

Levantei-me imediatamente e ia voltando correndo para o meu carro quando lembrei da Alexandra, minha filha amada. Não podia abandoná-la, precisava encontrá-la. Retornei à casa, contornei o corpo do Pedro e entrava na casa quando tropecei em algo e olhei para baixo. Vi um gato preto completamente imóvel, de olhos amarelos arregalados. Sua barriga aberta deixava à mostra suas vísceras. Fiz o Sinal da Cruz e adentrei na sala. Desloquei-me até o interruptor de luz e ao acendê-lo presenciei uma verdadeira cena de horror: no sofá de couro azul, todo impregnado de sangue, o meu tio e padrinho Antenor,

com um dos olhos sobre a bochecha esquerda e uma faca cravada no peito. No tapete, de bruços, as minhas irmãs Fabiana e Jaqueline, ambas mergulhadas em poças de sangue. Fabiana tinha uma faca enfiada nas costas. Jaqueline, um dos braços amputados. Encostei na parede e deslizei até o chão. Desesperadamente berrei:

– Meu Deus!!! Quem teve a coragem de fazer esta barbaridade com minha família!!! Alexandra!!! Alexandra!!! Onde você está minha filha!!!

Silêncio absoluto... Pensei que todos estavam mortos e então desabei numa choradeira descontrolada... Escutei um ruído. Parei de chorar. Não ouvi mais nada. Então segui pelo corredor que levava aos quartos. Fui acendendo todas as luzes da residência. Procurei pela minha mãe, meu pai, minha filha... Nos quartos não havia ninguém, apenas pentagramas invertidos nos assoalhos de todos, desenhados com sangue. Em um dos banheiros, encontrei na parede de azulejos brancos outro pentagrama invertido, pintado com tinta preta. No centro deste uma cabeça de bode com a boca aberta, da qual escorria sangue. Estremeci da cabeça aos pés e comentei:

– Caramba! Por que este símbolo do mal está em toda parte?! Vou pirar!!! Aliás, já pirei! Só pode ser isto! Eu enlouqueci! Estou vendo coisas que não são reais.

Escutei um barulho que vinha de dentro da banheira. Então aproximei devagar e... vi que dentro dela tinha várias serpentes, algumas enroladas em uma perna humana. Soltei um palavrão e saí depressa dali.

Ouvi o som de uma cadeira sendo arrastada. Voltei ao quarto dos meus pais e peguei uma bengala para me defender e fui me movendo vagorosamente...

– Quem está aí?! – Perguntei com voz trêmula.

Ninguém respondeu... Continuei andando... Ao chegar na copa, outro susto colossal: no centro da mesa uma travessa com um crânio humano. Ao redor da travessa, pétalas de rosas vermelhas. Em uma das extremidades da mesa um livro de feitiços. Sobre ele uma aranha caranguejeira, estática. Tive a impressão que ela olhou para mim. Nem ousei chegar perto, pois achei que a tarântula estava viva. Pertinho do livro havia um escorpião preto mexendo a cauda. Bati os olhos neste aracnídeo e dei um pulo para trás. Sempre tive um medo descomunal deste artrópode. Na parede, uma frase sinistra escrita com sangue: “Você jamais se esquecerá desta noite.” Em outra parede, morcegos de

asas abertas formavam mais um pentagrama invertido. No centro dele, um sapo. Pendurados no teto, ossos longos humanos: úmeros, rádios, ulnas, fêmures, tíbias, fíbulas.

Eu não aguentava mais ver tantos objetos macabros. E na hora que decidi ir embora, ouvi a voz da minha filha:

– Mamãe, tô aqui! Socorro, mamãe!

A voz da Alexandra vinha do lado externo da casa, então corri para a frente da residência, mas não a encontrei. A única coisa diferente que vi foi uma abóbora de Halloween com um rosto assustador em cima do capô do meu carro.

– Eu não aguento mais!!! – Gritei. – Me entreguem a minha filha, por favor!!!

Ouvi o barulho de um carro se aproximando... Era o Alfredo, meu marido, que chegava. Nem sei descrever a emoção que senti! Ele mal saiu do automóvel e eu me joguei em seus braços.

– Alfredo, aconteceu uma carnificina aqui. Estou apavorada! O Pedro, O tio Antenor, a Fabiana e a Jaqueline estão mortos!

– O que você está dizendo, Beatriz?!

– Olhe você mesmo!!! O Pedro está na entrada da varanda – aponte o dedo indicador da mão direita para onde havia visto o Pedro caído, ensanguentado no peito.

– Onde?! Me leve até ele!!!

– Venha!!!

E a situação ficou mais inusitada ainda. Nós não encontramos o Pedro, nem a bacia com o coração humano.

– Ele estava morto aqui!!! – Falei. – Eu tenho certeza!!! Juro que é verdade!!!

Alfredo me olhou como se eu estivesse maluca e antes que ele dissesse algo, puxei-o pelo braço e o levei até a sala. O cômodo estava inteiramente como de costume. Não tinha nenhum cadáver no recinto. Nada de marcas de sangue.

– Eu não consigo entender – desabafei.

– Beatriz, meu amor, você está brincando comigo? Pare com isto agora! Que brincadeira de mau gosto!

– Eu não estou brincando, Alfredo! Tio Antenor estava morto no sofá, com uma faca no peito e um de seus olhos foi arrancado. No chão, também sem vida, a Fabiana com uma faca nas costas. Ao lado dela a Jaque...

– Chega, Beatriz!!! – Disse Alfredo, irritado. – Você está alucinando! Onde está todo mundo? Onde está a Alexandra?

– Eu não sei!!! – Gritei. – Você viu uma galinha preta morta e uma coruja perto do portão de entrada?

– Nãaaaaooo, Beatriz! Não vi nada! O que eu estou vendo é que minha mulher enlouqueceu! Ai meu Deus!!!

Confusa fui até o carro e não achei a abóbora. Na árvore não tinha cruz, nem flor. Corri para o interior da casa e verifiquei os quartos, os banheiros, a copa. Nada de diferente. Tudo como deveria estar.

– Beatriz, pare de correr! – Falou Alfredo, segurando firmemente minhas mãos. – Você conseguiu me deixar nervoso e preocupado. Onde está a sua família?! Diga, Beatriz! – E Alfredo sacudi minhas mãos.

– Eu não sei!!! Vamos olhar na cozinha e nos fundos da casa – respondi. – Se eles não estiverem lá vamos buscar a polícia. Nenhum celular funciona nesta região.

E quando abrimos a porta da cozinha... encontramos minha família e meus amigos, todos fantasiados, ao redor de uma linda mesa abarrotada de doces em formatos de animais incrivelmente realistas. No centro dela um fantástico bolo, enfeitado com uma casinha colorida de morcegos no telhado. No jardim em frente à casinha, rodeada de sapos, aranhas, corujas e gatos pretos, uma bruxinha segurando uma abóbora iluminada em uma das mãos e uma vassoura na outra.

Eles gritaram juntos:

– Feliz Aniversário, Beatriz!!!

E cantaram “Parabéns” para mim.

– Senti raiva, alívio, alegria... Uma mistura de sentimentos invadiram meu corpo, minha alma. Abracei todos, muito comovida. E no instante em que vi a Alexandra vestida de bruxinha, chorei copiosamente. Dei-lhe um forte abraço e mil beijinhos. Ela me entregou um presente dizendo:

– Mamãe, eu te amo!

Ao ouvir aquela frase da minha pequena, o meu coração só teve espaço para a felicidade.

Quando pude exprimir com palavras o que sentia, pronunciei:

– Vocês são completamente loucos!!! – Era só isto que eu dizia sem parar.

Se meus familiares e amigos queriam que aquela data, trinta e um de outubro de dois mil e dezenove, dia em que completei quarenta anos, fosse inesquecível para mim, eles conseguiram!



AMOR ETERNO

LUCAS BARBOSA

No dia de seu casamento, 31 de outubro, dia de Halloween, o que era para ser o dia mais feliz de sua vida, acabou se tornado um tormento inesperado.

Naquela noite, às 19:30h, a noiva percebera que tinha sido abandonada naquele altar. Aos prantos, ela fugiu.

Dentro de um carro, em passeio pela cidade, ainda chorando, a noiva disse ao motorista que precisava ver a família para assim poder se sentir melhor com o ocorrido. Assustado, o motorista a questiona quanto ao endereço estar certo já que aquela era a localização do cemitério.

– Não há engano nenhum – respondeu a noiva – tudo que me restava era meu noivo e ele me deixou.

– Que data inusitada para se casar – disse o motorista.

– Amanhã seria nosso aniversário de namoro e queríamos nos dar esse presente – replicou a noiva – nós tínhamos tantos planos a ...

– Desculpe interromper, minha senhora – falou o motorista – mas já chegamos, Cemitério da Saudade.

O lugar aparentemente não tem muito movimento e as horas se aproximam muito de 21:35h, por conta do trânsito que pegamos.

– Se importa se eu a acompanhar até seu destino?

– É claro – disse a noiva, alegre por não estar mais sozinha naquela noite.

No Cemitério da Saudade, eles seguiram até uma lojinha para comprar um pano e umas flores e uma bebida e umas velas.

Passaram-se vinte minutos desde que escolhera cuidadosamente os itens para o encontro com sua família, andaram mais um pouco até finalmente chegarem a lápide.

A noiva tira o pano da bolsa da loja e forra o chão para se sentar de frente para o nome de seus pais, coloca as flores para enfeitar e acende as velas e, quando vai abrir a bebida, vê o corpo de seu noivo embaixo de uma mortalha.

Antes que pudesse se levantar e ir em sua direção, o motorista põe uma navalha em seu pescoço e então pergunta: suas últimas palavras

– Meu amor – disse a noiva – você me amou em sua vida e, agora, eu morro ainda te amando.

Então o motorista passa a lâmina pelo pescoço dela, sentindo sua vida se desvair enquanto a deseja um feliz Halloween.

– Agora vocês são dois cadáveres que se amarão eternamente.



OS TRÊS IRMÃOS

MARCO HECKSHER

Aquele trinta e um de outubro corria normal, como em todos os anos naquela pequena cidade do interior. Crianças fantasiadas andando em grupos, às vezes acompanhadas pelos pais, quando ainda muito pequenas, batiam de porta em porta pedindo doces e quase sempre eram atendidas. Apenas um idoso mal humorado não atendia aos apelos dos pequeninos. Como a sua fama já era conhecida, a maioria deles nem se preocupava em passar pelo local. Alguns ainda tentavam, mas eram expulsos aos gritos e palavrões de toda espécie. Mas, alguma coisa estava para mudar.

Passava um pouco das oito da noite, quando três garotos fantasiados foram até a porta do velho para desafiá-lo. Mal a campainha foi tocada, a porta abriu-se e começaram os gritos e xingamentos. Mas os garotos nem se mexeram, ao contrário, partiram na direção do homem, empurraram-no para dentro da casa e começaram uma sessão

de espancamento e tortura. Os gritos do homem eram tão altos, que chamaram a atenção de quem passava pela rua. A porta estava entreaberta, mas ninguém se aventurou para ver o que estava acontecendo.

A polícia foi chamada e chegou ao local em pouco mais de dez minutos. O que encontraram dentro da casa deixou todos estarecidos. No meio da sala, o pouco que restava do corpo do morador. Os membros estavam espalhados pelos cômodos. A cabeça, em cima da mesa de jantar, com o rosto demonstrando um pavor sobrenatural. Não havia mais ninguém na casa. Nas paredes de cada quarto e da sala de estar estava escrito, aparentemente com sangue - depois confirmado – a frase:

“Onde está nosso pai”?

No chão, encharcado de sangue, pegadas mostravam que os criminosos, provavelmente em número de três, tinham saído pela porta dos fundos, mas as pegadas sumiam no quintal.

Não demorou muito tempo para que a polícia recebesse uma nova ligação. A menos de trezentos metros da chacina, outra casa fora invadida, de acordo com as informações, por três garotos fantasiados. Felizmente, ela estava vazia, mas foi quase que totalmente destruída. Nas paredes da sala estava escrita a mesma frase, com um material que a perícia não conseguiu identificar:

“Onde está nosso pai”?

Novo chamado. Na praça principal da localidade, três garotos fantasiados estavam depredando e incendiando carros. Aos gritos, perguntavam aonde estava o pai deles. Era uma cidade pacata, que não estava acostumada a uma noite como aquela. Crianças corriam apavoradas. Seus pais trataram de protegê-las o melhor possível. A polícia chegou e conseguiu detê-los, sem que esboçassem qualquer tipo de reação.

Na delegacia, a única coisa que falavam é que estavam à procura de seu pai. Nem a idade declaravam, aparentavam ter entre doze, quinze anos. Nem de longe o comportamento deles lembrava as horas de terror que protagonizaram. Sentados, quietos, sem nenhuma expressão facial, pareciam seres inanimados. Suas fantasias eram surradas, deviam ser de anos anteriores, de outros Halloweens. Não falavam nem seus nomes, apenas diziam que estavam à procura do pai.

Foram quase três horas de tentativas. Finalmente, um deles falou o nome completo do pai. Três vezes. Nada mais. Os policiais

conseguiram identificá-lo. Tinha se mudado para a cidade há pouco. Morava em uma casa afastada, aparentemente sozinho. Um carro foi até o local. Depois de tocar insistentemente a campainha, um homem abriu a porta. Sua aparência não era das melhores. Cabelo desganhado, barba por fazer, extremamente magro. Parecia embriagado.

Ao ser convidado a comparecer à delegacia para identificar e se responsabilizar pelos atos de seus filhos, soltou uma gargalhada ensurdecadora. Não parava de rir, nervosamente. Aos poucos, o riso transformou-se em um choro convulsivo.

Quando conseguiu se recuperar um pouco, tomou fôlego e contou para os dois policiais. Seus filhos morreram, há exatamente um ano, na noite de Halloween. Naquela noite, os três estavam no banco de trás do carro, fantasiados. iam participar de uma festa em um bairro na cidade onde moravam, no outro extremo do país. Ele estava dirigindo. Tinha bebido bastante, antes de sair. A esposa se dispôs a levá-los, mas ele não deixou.

Estavam um pouco atrasados e, resolveu acelerar um pouco. O carro estava dançando nas curvas. Pelo retrovisor, viu a cara de medo dos filhos e começou a rir, debochando deles. Numa curva mais fechada, o carro simplesmente voou e caiu ribanceira abaixo. Foram várias capotagens. Os garotos foram cuspidos do carro. Tiveram morte instantânea. Ele ficou preso às ferragens, mas foi retirado pelo socorro, milagrosamente, sem um arranhão.

Seu casamento acabou de vez, já não andava muito bom. Tentando fugir de tudo e de todos, resolveu mudar-se para um local no qual ninguém o conhecesse. Aquela história de que seus filhos estavam na delegacia só podia ser uma brincadeira de muito mau gosto, de alguém que descobriu o seu passado. Ante a insistência dos policiais para acompanhá-los, acabou concordando em ir, até porque poderia descobrir quem era o responsável por toda essa armação.

Foi entrar na delegacia e já ficou logo sabendo que os três garotos haviam sumido. Sua raiva só fez aumentar. Reclamou com o delegado sobre esse absurdo, contou novamente sua história e exigiu que fosse levado de volta para casa. Ao desembarcar pediu para que o esquecessem, entrou na casa, batendo a porta com força. Os policiais se foram e um triste silêncio caiu sobre o local.

Passaram-se alguns minutos, quando sua campainha tocou novamente. Desta vez ele veio rápido. Escancarou a porta e quando ia começar a disparar palavrões para todos os lados, deu de cara com os seus três filhos, vestindo as mesmas fantasias da fatídica noite. Caiu de joelhos na mesma hora, incrédulo, aterrorizado. Os garotos deram alguns passos para frente e falaram, em uníssono:

– Boa noite, pai. Gostosuras ou travessuras?

Sem obterem uma resposta do pai, prostrado na sala, os três entraram na casa. E fecharam a porta.



HAPPY HALLOWEEN

MARCUS HEMERLY

Laura abre os olhos após o que parecia um pesadelo, um sonho ruim como outro qualquer. Sua mente tenta resistir à claridade que trespassava as cortinas do aposento branco, como alguém que tenta resistir ao sono que envolve a mente de forma, sedutora, ou a bruma espessa numa noite de inverno. Ela consegue finalmente abrir os olhos e se dá conta de que se encontra no aposento de um hospital, um quarto aparentemente simples, até mesmo ultrapassado, nada do que se espera guarnecer as dependências de um nosocômio, que deveria ser limpo e esterilizado.

A última coisa de que ela se lembra é do jantar compartilhado com o namorado, sem saber precisar há quanto tempo aquilo havia acontecido. Uma noite regada a bom vinho, massa e sexo carinhoso, após assistirem a filmes de terror, comemorando o Halloween.

Uma maratona animada de O Massacre da Serra Elétrica 1, 2 e 3, mais sexo e mais juras de melhoria no relacionamento. Nattan, com quem dividia o apartamento há um ano, não era mais quem parecia ser no início da união. Um comportamento possessivo e agressivo dava sua mostra diária, como que se fosse revelado em pequenas doses, o resultado pareceria indolor, tanto ao corpo quanto à mente.

A derradeira taça de vinho parecia com gosto estranho, mas ela bebeu assim mesmo, achando que poderia ser pelo fato de estar ligeiramente embriagada. A aura do dia das bruxas havia conquistado o casal após brincadeiras de gostosuras ou travessuras entre si, misturadas a risos contidos, como segredos trocados pelos amantes.

Ela fechava os olhos novamente, alternando entre a consciência e o estado nebuloso dos sonhos. Abrindo-os na sequência, percebe que se encontra agora sentada no sofá de sua sala de estar, “graças a Deus”, estava segura em sua casa, apenas sobressaltada pensando em como um drink faria bem naquele momento. Laura se levanta e grita pelo nome do namorado.

– Nattan! É você? responde, seu puto! Detesto essas brincadeiras – assopra as palavras em tom ríspido, mas não afastado de um medo sem razão aparente.

A mulher se levanta e encaminha-se para o banheiro a procura de um analgésico, havia uma pontada incômoda que não cessava na lateral de suas costas. No entanto, as passadas vão ficando cada vez mais pesadas, como se uma bola de cimento estivesse amarrada a seus pés. Na mesma medida, sua vista se desfoca até que uma dor lancinante do lado direito do corpo a desperta.

Retornando ao quarto do hospital, percebe que aquilo não havia sido um sonho afinal de contas, apenas quanto à parte na qual se viu de volta a seu apartamento. Ela leva a mão às costas e sente uma sutura ainda úmida em cima da região renal, quando em pavor crescente, murmura um trêmulo, “mas o que...” e a porta se abre.

– Olá, bela adormecida! Não tenho tempo para explicações, eu iria dar no pé agora, então, sintase feliz que ao menos estou aqui para um *adiós* final, pelos velhos tempos, como falam por aí – diz o homem que por inúmeras vezes havia partilhado sua cama, seu interior, sua vida, enquanto Laura se recusava a acreditar no que estava acontecendo.

Como uma brincadeira de mal gosto, que se mostrava imperdoável, ele continua sua dita explicação.

– Bem, foi um baita dinheirão que esses paraguaios me pagaram pelo seu rim, daí o motivo do espanhol, me desculpe, ainda estou por demais entusiasmado. É uma caralhada de dinheiro – depois de dizer estas últimas palavras, ele desvia o olhar por alguns instantes, retomando em seguida, sua fala em tom de epílogo.

– Tenho de ir, não se preocupe, logo estará tudo acabado, eles virão em pouco tempo pelo seu outro rim, afinal, é sempre melhor sem testemunhas, não é assim?

Ele se curva e a beija na testa, ela pode sentir pela última vez o cheiro de tabaco que brotava de seus lábios, o odor que ela aprendera a deixar de odiar com o passar dos meses. Ela sentiria aquele cheiro em sua mente, por mais alguns minutos até voltar a desfalecer, após ter ouvido bem ao lado de seus ouvidos.

– “Happy Halloween, assim como em um filme de terror”- na voz grossa típica dos fumantes inveterados como Nattan. Será que acordaria novamente desse novo pesadelo...?

Foi seu último pensamento antes do alentador sono eterno sem sonhos.



UMA NOITE DE HALLOWEEN

REJANE MARKMAN

Elvira acordou de um sono profundo, espreguiçou-se e lembrou o sonho que tinha ocupado a sua noite. Havia sido menos um sonho e mais um devaneio romântico que se repetia, noites e noites, e como ocorria sempre, a deixava frustrada e triste ao acordar. Nessas fantasias processadas por sua mente, ela encontrava um jovem que dela se aproximava e que a cobria de beijos e lhe chamava de “meu amor”.

Ela nunca tinha ouvido da boca de um homem uma expressão de carinho e intimamente ansiava que pudesse ouvi-la um dia. Ela não era uma moça feia: tinha belas ancas, herdadas da sua formosa avó negra, cintura fina e seios pequenos. Mas seu rosto era desarmonioso, onde predominava um nariz proeminente que não deixava realçar uns olhos castanhos expressivos. Desde criança, na escola principalmente, ela se contentava em ter o olhar complacente das professoras quando

era chamada de “narigão” pelas outras crianças.

Com o passar dos anos, foi ficando mais e mais retraída. Na adolescência, não fazia parte das rodas de mocinhas do colégio que falavam sobre vestidos, maquiagem e sobre as festinhas para as quais ela não era convidada. O seu complexo de feiura ditava a escolha de roupas discretas e a ausência de pintura. Quando muito, usava um batom de cor clara. O objetivo era não ser notada por ninguém, o que acontecia sempre. Este estilo de vida não era capaz de ensejar a aproximação e nem a conquista de uma relação romântica.

A ausência de vida social reproduziu-se na faculdade. Como tinha um engajamento apenas superficial com os colegas de curso, seu contato com eles se restringia a formação de grupos de estudo para fazer trabalhos. Como ela sempre tinha as melhores notas da turma, sempre era requisitada para compor os grupos, não por ser popular, mas para garantir a nota dos participantes. Sua vida se limitava a estudar e estudar para tornar-se uma boa profissional. Suas excelentes notas no curso foram fundamentais para que fosse admitida para trabalhar em uma empresa de renome, com um belo salário. Embora já beirasse os trinta anos e pudesse se manter financeiramente, continuou a viver na mesma casa da família, junto com os pais, desistindo de dar a sua vida um novo rumo.

Naquela manhã de Halloween, no entanto, ao acordar do sonho sempre renovado a cada noite, ela decidiu que era tempo de arriscar-se para conquistar um namorado, experiência que ela nunca havia provado. No café da manhã avisou aos pais que iria sair à noite para um baile de fantasias que acontecia no clube da cidade.

O pai, pragmático disse:

– Já era tempo!

Enquanto a mãe, mais conservadora, perguntou-lhe:

– Com quem você vai?

– Com algumas colegas do trabalho - mentiu.

A mãe então comentou que ela tivesse cuidado ao voltar para casa tarde pois “existem muitos tarados por aí”!

– Mamãe, e eu tenho sorte de um tarado me pegar? - Elvira retrucou jocosamente, soltando uma gargalhada que foi compartilhada pelo pai.

Ela foi para o quarto improvisar uma fantasia entre peças do seu guarda-roupa. Vestiu uma calça larga, estampada, improvisou um bustiê para cobrir os seios pequenos, um lenço na cabeça e muitos colares

coloridos. Perfumou-se, fez uma bela maquiagem e saiu depois das dez horas, quando a noite já estava alta.

O clube ficava há poucos quarteirões da sua casa e ela foi andando até lá. Encontrou várias crianças fantasiadas, voltando para casa com os pais, cheias de doces que arrecadaram de várias casas. O Halloween era uma festa não muito popular no Brasil, mas a imprensa a divulgava para introduzi-la no gosto da população como mais uma festa que poderia incrementar as vendas do comércio. Os pobres festejavam, em suas comunidades, o dia de São Cosmo e Damião e a classe média agora tinha adotado o modismo do Halloween.

Elvira chegou ao baile, que já estava cheio de vampiros, lobisomens, bruxas e fantasmas que dançavam ao som de uma música animada, em meio a uma decoração em que proliferavam aranhas em suas teias, caveiras, zumbis e monstros horrorosos. Juntou-se aos dançarinos e sentiu-se livre como nunca havia sido, rebolando os quadris, cantando as músicas, completamente integrada a toda aquela alegria. De repente, sentiu uma mão na sua cintura e ao virar-se encontrou um rapaz alto e simpático, vestido de Drácula. Ele tinha um porte atlético, uns olhos penetrantes e uma voz suave que soprou ao seu ouvido:

– Você e a garota que povoa os meus mais ardentes sonhos! Vamos sair deste tumulto e ir para um local mais tranquilo para conversarmos?

Hipnotizada por aquela mão na sua cintura, que ela nunca havia sentido antes e pelas palavras da inusitada apresentação do rapaz, ela apenas anuiu com a cabeça.

Deixou-se levar por ruas movimentadas e por outras mais tranquilas até chegarem a um portão que ele abriu e a fez entrar. A lua reluzia em um céu limpo pintado de azul, sem estrelas e Elvira notou que eles haviam entrado no cemitério.

Ela ficou um pouco intranquila por estar naquele ambiente, mas ele justificou-se por trazê-la ali dizendo:

– Aqui é um local tranquilo e como eu estou fantasiado de Drácula acho que, nesta noite, este ambiente se presta bem a esta fantasia! - Sorriu de tal maneira que Elvira achou que tudo estava bem. Ele disse que era engenheiro e que morava nesta mesma cidade em um bairro vizinho ao da casa dela.

Seu nome era Normando e se sentia muito atraído por ela. Por sua vez, ela falou da sua vida, do seu trabalho, da sua família e

conversaram trivialidades, dos gostos de cada um, procurando conhecer-se um ao outro.

Depois disso, o silêncio pairou entre eles que se olharam demoradamente e, como atraídos por um ímã, caíram nos braços um do outro. Os lábios se uniram e as línguas penetraram nas bocas que sugavam a saliva, sedentos. Pareciam amantes que não se viam há muito tempo e que necessitavam resgatar um longo tempo de ausência. Elvira estava encantada e cada vez mais correspondia ao ardor das carícias do rapaz. Ambos se despiram e foi sobre a lápide de um túmulo que eles se entregaram a um coito sôfrego, profundo e ao mesmo tempo delicado. Nessa hora, a lua escondeu-se nas nuvens, como para não macular a intimidade dos dois. Ele acariciava suas coxas, seus seios com mãos frias pela emoção ou por causa do ar gélido que soprava na quase madrugada. Quando terminaram, eles se compuseram, ainda sob o impacto da emoção e tomando as mãos dela, ele as beijou carinhosamente. Elvira sentiu seus lábios frios e estremeceu de alegria sentindo-se feliz e realizada por ter provocado tanto carinho no coração de um homem.

Seguiram abraçados até a casa dela, desviando-se das ruas mais movimentadas, pois ainda havia gente fantasiada saindo dos bailes, muito animada, brincando de aterrorizar os que passavam. No portão, trocaram beijos e carícias e se prometeram que iriam se encontrar muito em breve.

Elvira caiu na cama ainda vestindo a fantasia e seu sono foi reparador e profundo. Na manhã seguinte, rememorou todos os momentos vividos na noite mágica anterior e depois de um banho prolongado, dispensou o habitual café familiar pois não queria responder as perguntas dos pais sobre o baile. Saiu na manhã fresca, sentindo-se leve e feliz. Afinal, tinha conseguido o namorado tão sonhado!

Resolveu voltar ao cemitério para rever o local onde tinha vivido momentos tão felizes e trocado carícias e afagos tão ardentes, bem melhores dos que ocorriam em suas fantasias. Abriu a porta do campo santo e percorreu as alamedas em busca da tumba sobre a qual havia descoberto o amor. Depois de caminhar uns cem metros, avistou o local e aproximando-se notou sobre a lápide algumas contas de seu colar que se havia rompido, um brinco dourado e um pouco de sangue, evidências concretas do que tinha vivido na noite anterior.

Ela sorriu inebriada ao lembrar os momentos de paixão, a inebriante entrega dos dois e, principalmente, a harmonia e a cumplicidade que se estabelecera entre eles. Teve, então, curiosidade de verificar de quem era a tumba que eles haviam “maculado” com o seu ato de amor e prometeu a si mesma rezar pela alma do finado. Aproximou-se e leu o nome da pessoa que ali estava enterrada:

Normando Luiz de Figueredo - 1956 - 1986.

Elvira ficou perturbada e pensou:

– Que coincidência, o mesmo nome do meu amor!

A dúvida fez seu coração bater mais forte e disse alto:

– Não é possível, devo estar imaginando coisas.

Nervosamente, lançou seus olhos para a fotografia que havia sobre o túmulo. O rosto do rapaz com quem ela havia trocado juras de amor na noite anterior, estava estampado na foto, sorrindo para ela.

Atônita e desesperada, Elvira correu pelas ruas até chegar em casa e trancar-se no seu quarto. Sua mãe percebeu que algo estava ocorrendo com filha. Bateu na porta, mas não obteve resposta e ouviu apenas um choro baixo que vinha do quarto. Achou melhor não insistir, pois conhecia o retraimento dela quando se tratava dos seus sentimentos e emoções, nunca compartilhados com ninguém. Se manteria a espera de ajudá-la se fosse necessário.

Ela ficou na cama até a noite cair, sem encontrar respostas para muitas questões que martelavam o seu cérebro. Não quis comer nada e depois de muito pensar resolveu vestir-se e voltar ao cemitério para olhar outra vez a foto e certificar-se de que não estava ficando louca. A lua cheia brilhava no céu, não ofuscada pelas luzes da cidade e indiferente aos seus sentimentos confusos. Totalmente perturbada pela descoberta do retrato Elvira esgueirou-se entre os transeuntes e chegou ao cemitério. Ali o silêncio era profundo. Sem medo, ela caminhou até a tumba de Normando, o rapaz falecido aos trinta anos, não sabia ela de que.

Debruçou-se sobre a lápide, acendeu uma lanterna que trouxera e olhou nitidamente a fotografia do rapaz. Não teve mais dúvidas: ele era o Normando que a teve nos braços, que lhe proporcionou, com tanta delicadeza, momentos ardentes e apaixonados. Elvira começou a chorar convulsivamente enquanto pensava:

– Eu me entreguei a um cadáver. Mas ele parecia muito vivo! Como isso pode ter acontecido? É uma coisa insana de pensar até mesmo em um pesadelo. Ela estava tão desesperada que começava a

duvidar da sua sanidade mental.

Enquanto ao tentar recompor suas emoções e sua confusão para deixar o cemitério, ela avistou um vulto que se aproximava da tumba. Era ele com a mesma roupa escura, a mesma silhueta esguia e elegante, o mesmo sorriso nos lábios pálidos. Elvira cambaleou, tomada pela surpresa e pelo desespero.

– E você, Normando? Oh meu amor, então é só uma coincidência de nomes, você está vivo e muito vivo, não?

Ele esboçou um sorriso triste e disse-lhe:

– Infelizmente, minha Elvira, sou eu que estou enterrado nesta tumba.

Sem entender ela retrucou:

– Mas como pode ser isso? Você é tão real, de carne e osso, como pode estar morto e como conseguiu voltar a vida?

Ele deu um passo em sua direção e a tomou nos braços:

– Não tenho explicações para o que aconteceu comigo. Entretanto, o amor que eu lhe tenho é muito real e me faz permanecer aqui.

Outra vez eles se deixaram levar pela paixão e Elvira como que hipnotizada, não se negou a compartilhar seu corpo com um cadáver. Depois do ato consumado, ela se deu conta do que acontecera. Saindo de sua letargia, horrorizada com o que consentira, levantou-se da lápide e correu, desesperada, sem olhar para trás. Nunca mais voltou ao cemitério, embora em noites de insônia seu corpo pedisse pelos braços dele, sua boca seca de beijos ansiasse pelos seus lábios.

Passaram-se dois meses e Elvira percebeu que algo ocorria com o seu corpo. Os seios estavam entumecidos, assim como o ventre, suas regras estavam atrasadas e uma sonolência diária lhe tomava e a fazia ter um mau desempenho no trabalho. Logo ela que se dedicava inteiramente as suas obrigações profissionais. Depois de uma semana, como os sintomas não melhorassem, resolveu ir ao médico. Depois de examiná-la e de fazer-lhe algumas perguntas, o médico sorrindo lhe disse:

– Parabéns mamãe, você está grávida de mais ou menos dois meses! Devemos fazer alguns exames para ver como está sua saúde.

A revelação explodiu sobre Elvira, que sem dar a perceber a sua confusão e o seu desespero, saiu do consultório com as prescrições médicas nas mãos trêmulas, atordoada pela revelação.

Saiu do consultório médico e não voltou para casa. Precisava

raciocinar e tentar entender a terrível revelação que ouvira. Muitas perguntas sem respostas martelavam seu cérebro: que estranho fenômeno estava acontecendo com ela? como poderia engravidar de um homem que já morrera? como deveria ser esta criatura que agora fazia parte do seu corpo? que faria agora da sua vida? Confusa e desesperada, ela não sabia a quem recorrer e a quem contar a história inacreditável que estava vivenciando bem como as suas consequências. Elvira vagou a ermo pela cidade e, noite alta, como conduzida por uma força inexorável, seus passos a levaram à porta do cemitério. Um grupo de três rapazes que estavam indo para a farra se entreolharam quando a viram entrar e desaparecer no local.

Esta foi a última vez que alguém a viu com vida e foi este o testemunho que os jovens deram à polícia quando, no dia seguinte, o zelador encontrou o corpo inerte de Elvira, coberto de rosas vermelhas, sobre a tumba de um tal Normando Luiz de Figueredo.

Vancouver, 2019.



O BANQUETE DE HALLOWEEN

REGIANE SILVA

Com a respiração ofegante a jovem se escondeu atrás do velho sofá. Pernas encolhidas, pés e mãos feridos, fantasia de bruxa encharcada de sangue. As lágrimas teimavam em correr pelo assustado rosto. Por que ela não ficou no quarto dela assistindo televisão e comendo pipoca? Saiu para se divertir com as amigas e agora não sabia o que estava prestes a acontecer.

A Malice era uma gentil senhora que morava no bairro há anos. Por opção, não quis se casar e nem ter filhos. Gostava de morar sozinha e de fazer caridades. Um verdadeiro exemplo de boa alma que tinha horror a qualquer tipo de religião. Lembrava-se das bruxas queimadas em fogueira, torturadas, apedrejadas, escaldadas, dentre outras horrendas coisas, por serem classificadas como sendo do mal.

Como alguém pode massacrar uma vida em prol de uma fé que prega o amor? Essas “bruxas” eram mães de família, esposas dedicadas, filhas adoráveis, solteiras, viúvas, enfim, mulheres que queriam viver,

mas que um dia tiveram a desgraça de serem observadas por homens. Homens que decidiram que elas eram do maligno e que deveriam morrer. Sendo o próprio carrasco perdoado por ser rotulado como santo.

A Malice desconhecia casos de homens mortos por serem considerados bruxos. Inclusive, a literatura até exaltava esse ser como dotado de poderes e merecedor de elogios.

Apesar de tudo, a Malice não acreditava em bruxas ou bruxos, apenas em seres humanos bárbaros que apontavam quem merecia viver e quem deveria morrer.

Por medo deles, a Malice não recebia visitas em sua casa, mas deixava o portão aberto para as crianças entrarem durante o dia para comerem as deliciosas frutas do quintal dela. Maçã, banana, laranja, jaca, manga, amora, maracujá, etc. Ela cultivava tudo com muito amor, mas - infelizmente - não podia comer nenhum tipo de fruta. A única coisa que podia comer era carne e outros poucos alimentos. Por isso, se especializou em preparar essa iguaria assada, frita, cozida, no recheio de salgados, à pururuca, ao molho agridoce, em sopas, como petisco, churrasco, salsichas, linguiças, etc. O cheiro perfumava o bairro. Todos salivavam em sentir o delicioso aroma.

Toda noite a Malice saía de casa para adquirir carne fresca. Preparava e comia tudo com muita satisfação. Só não comia carne de vitela.

A vida ia passando assim... sem muitas novidades.

Entretanto, certo dia, olhando-se no espelho, a Malice percebeu que estava horrível e até deu umas risadas ao lembrar da cara de espanto dos adultos que a viam de madrugada. Até ela teria medo! Ah! ah! ah!

A Malice parecia uma personagem de filmes de terror. Cabelos compridos, brancos e despenteados. Unhas dos pés e mãos pontiagudas. Dentes amarelados. Pele sequíssima e enrugada. A maneira dela se vestir também não ajudava. Só usava vestidos longos e pretos. Um chapéu gigantesco e sempre tinha uma vassoura nas mãos.

Então, a assustadora velhinha resolveu mudar de aparência. Queria ficar linda! Iria ao salão de beleza para mudar o visual. Cortar os cabelos, pintar de preto, fazer as unhas e, quem sabe, um dia tentar uma plástica rejuvenescedora!

As amigas da Malice tinham praticamente a idade dela, mas pareciam jovens. Não assustavam ninguém. Pelo contrário, eram aclamadas por onde passavam. Viviam mudando de aparência. Seguindo o fluxo da modernidade. Sabiam dirigir. Cantar. Dançar.

Escrever obras espetaculares. Interpretar... Enfim, conseguiam viver em sociedade.

No entanto, a Malice lembrou que naquele dia era comemorado o Halloween. Então, decidiu esperar mais um dia para mudar a aparência. Afinal, todos amam uma fantasia de bruxa e ela poderia preparar um banquete à moda antiga para as amigas que não via há séculos. De quebra, assustaria muitas crianças na hora do “*doces ou travessuras*”.

Inclusive, a casa da Malice há muito tempo não recebia uma faxina. Por isso, teias de aranha invadiam os cantos da casa. Os móveis pareciam ter mil anos. A madeira, de tão velha, emitia sinistros barulhos. Pareciam gritos de almas aprisionadas em calabouços.

Casa perfeita para uma festa de Halloween! Não precisava gastar com ornamentação interna! Só com doces para atrair a criançada.

Ela estava ansiosa, pois era a primeira vez que abria a casa para o público. Todos tinham medo de entrar. Pensavam que era mal-assombrada. Principalmente, quando a viam nas janelas olhando para os transeuntes.

Depois do Halloween, uma faxina também cairia bem. Contrataria uma firma especializada. Ela odiava trabalhos domésticos.

Apesar da frágil aparência, a Malice tinha uma força sobrenatural. Conseguia levantar um carro apenas com a ponta dos dedos. Por isso, quando precisava levantar uns móveis para varrer o chão, fazia com muita destreza. Só não gostava. Dava muito trabalho.

A Malice foi ao mercado disfarçada e comprou doces de todos os tipos, em formatos variados: balas de barata, aranhas de chocolate, pirulitos de cobra, paçocas de escorpião, maçãs do amor de cérebro, jujubas de olhos, mãos de pipoca, etc., e fez horripilantes saquinhos de teia de aranha para serem distribuídos.

Agora, só faltava adquirir a carne para o banquete. As amigas dela também sofriam da mesma maldição. Só podiam comer carne fresca. A anfitriã conhecia o gosto de cada amiga e sabia que seria trabalhoso fazer tantos pratos em pouco tempo. Era arriscado. As peças de carne ficavam gritando. Gado pra todo gosto. Carne magra e gorda.

Enquanto pensava, o primeiro grupo de crianças bateu na porta dela. Era composto de sete fantasmilhas. O segundo grupo veio logo depois. Dois lindos zumbis. O terceiro, três vampirinhos assustadores. Imagina se o drácula visse esses vampirinhos? Sorriu. Ele era bem rabugento.

– Entrem para brincar crianças. Comam os doces que a tia Malice preparou para vocês. Dizia a cada grupo de crianças.

Todas adentravam e se divertiam naquele casarão. Entravam e saíam dos quartos, salas, sótão, porão, etc. E a melhor parte, levavam muitos doces para casa.

Com muito carinho, a Malice se despedia dos convidados e ia preparar os pratos.

Conseguiu dez peças de carne. Todas saudáveis encontradas pastando no campo e na cidade. Faltavam apenas três peças. Queria fazer treze deliciosos pratos.

Limpou tudo com muita água. Temperou com sal, limão e condimentos mágicos. Segredo de família. Preparou cada carne de uma maneira diferente.

Provou. Estavam uma delícia. A Malice até pensou em abrir um curso de culinária ou um restaurante naquele casarão aparentemente abandonado. Ela não precisava de dinheiro, mas adorava cozinhar.

Os primeiros pratos do banquete estavam preparados. Mesa arrumada.

Uma pausa para descansar.

A cada novo grupo de crianças que chegava, a Malice ia atendê-las. Convidá-las para entrar na casa, visitar os quartos, sala, cozinha. Tudo muito divertido e assustador.

A criançada gritava e ninguém ligava. Era dia de alegria e descontração.

A velha Malice ficou exausta e sentou-se.

Nesse momento, chegou um grupo de jovens fantasiadas de bruxas. Entraram na casa sem pedir permissão. Não disseram “*doces ou travessuras*”. Debocharam da residência da Malice. De sua aparência. Jogaram os saquinhos de doce feitos com tanto esmero no chão. Destruíram os poucos móveis que tinha e foram embora.

A Malice chorou. Não entendeu nada. Não teve reação contra aquelas jovens.

Entrou no quarto e disse que não atenderia mais ninguém. E assim fez. As histórias diziam que as bruxas odiavam crianças, mas na verdade eram os jovens e os adultos.

Ela jogou os saquinhos de doces que restavam na lata de lixo. Fechou as portas. Pensou em desistir do banquete. Adormeceu.

No entanto, dormir fez bem pra ela. Acordou renovada. Decidiu preparar os três pratos que faltavam. Saiu de casa para adquirir as carnes.

Nesse exato momento, o grupo de jovens fantasiadas de bruxas viu a Malice saindo e decidiram entrar na casa da inofensiva velhinha novamente. Agora para comer do banquete. O cheiro estava delicioso.

O anoitecer chegou e afastou a criançada das ruas. Agora, cada família festejava o Halloween internamente com jantares. Só os jovens andavam pelas ruas para perturbar a paz alheia. Naquele bairro, há anos era comemorado da mesma forma.

Uma parte do grupo de jovens ficou com medo dos sinistros barulhos emitidos pelo ranger da madeira velha e saiu da casa antes da Malice retornar. Três ficaram.

Bêbadas, as três encontraram a imensa sala de jantar. O banquete estava lindo. Pensaram em dançar em cima da mesa, beber os vinhos, jogar sal nos doces. Fazer terríveis travessuras. Os olhos delas já estavam ofuscados pela bebida e não viram a verdade em cada prato.

Porém, quando a primeira jovem subiu na mesa, ouviram a porta da entrada batendo. O corpo da Malice voltou. As três jovens se esconderam.

A Malice não ficou zangada com mais uma travessura das meninas. Apenas sorriu. Encontrou a primeira escondida embaixo da mesa de jantar. A segunda estava dentro de um dos banheiros. A terceira correu para o segundo andar, mas foi puxada para a sala de estar, juntamente com as amigas.

A gentil velhinha decidiu dar uma lição naquela garotada. Deu um grito assustador. Na rua, ninguém se importou. Afinal, todos estavam assustando e sendo assustados naquele dia.

A Malice preparou a primeira carne assada ao molho agridoce com tomilho seco e a segunda como almôndegas em uma espetacular macarronada. Todos os órgãos e ossos foram aproveitados. A Malice não poderia correr o risco de qualquer pedacinho ser encontrado. O que fariam com ela se encontrassem? Os humanos eram cruéis.

Além do mais, doce de ossos com creme de chantilly deixavam os convidados extasiados. A base da sobremesa foram as cabeças que poderiam ser degustadas no final. Os pertences pessoais das carnes e os cabelos foram queimados e o cheiro servia como incenso. O que não pode ser queimado seria lançado ao mar durante o passeio com vassouras.

Com a respiração ofegante a terceira jovem se escondeu atrás do velho sofá. Pernas encolhidas, pés e mãos feridos, fantasia de bruxa encharcada de sangue das amigas. As lágrimas teimavam em correr pelo assustado rosto. Por que ela não ficou no quarto dela assistindo televisão e comendo pipoca como tinha planejado? Saiu para se divertir com as amigas e agora seria o *carpaccio* servido como aperitivo.

O banquete de Halloween foi amplamente degustado. No entanto, em treze casas, apenas na manhã seguinte as carnes seriam procuradas. Há séculos que aquelas verdadeiras bruxas não se reuniam e mereciam um jantar regado.



CEMITÉRIO ESQUECIDO

VANESSA NUNES

A família Monteiro era somente mais uma família daquelas que saíram de sua própria casa para tentar viver em um bairro diferente, depois de um escândalo de Pedro com a dona da empresa na qual trabalhava.

Ele foi demitido, sua esposa aceitou a traição, porém devido a vergonha que sentia por todos os conhecidos do casal cochicharem sobre eles, decidiram mudar-se para uma nova cidade.

Viram algumas ofertas de imóvel na Internet e encontraram um imóvel que conseguiam pagar. Ficava próximo a escolas e era em um bom bairro segundo algumas pesquisas via aplicativo de busca.

No dia combinado, a família se mudou. A empresa de mudança que contrataram para levar seus móveis só poderiam ir no dia seguinte, mas tudo bem, a irmã de Sarah ficou de despachar tudo para que a irmã

não se estressasse mais. Ela amava o marido e estava disposta a seguir a sua vida perdendo-o, se isso a faria feliz, então ela estava de acordo.

Seus dois filhos, Adriana e Alberto não estavam felizes em deixar os amigos. O menino, aos 4 anos era mais maleável, a menina aos 13, só se aborrecia e reclamava desde que a ideia fora plantada para eles.

Chegando na nova casa, uma pessoa da imobiliária os aguardava para assinatura da documentação e a visitação da casa. O casal queria ver se estava tudo certinho antes de efetivarem o aluguel. Era um ambiente realmente muito agradável, da janela, eles tinham a visão de um lindo campo de futebol, onde as crianças teriam mais espaço e poderiam brincar, do outro apenas casas, porém Alberto ao entrar não conseguia tirar os olhos da árvore em seu novo quintal.

Ela não era bonita ou delicada, muito pelo contrário, algo parecia errado nela, e ele não entendia o porquê de pensar assim, talvez se contasse aos seus pais eles entendessem melhor, a mãe por vezes dizia que ele era pequeno demais para entender algumas coisas.

Enquanto o casal era apresentado a casa, Adriana foi conhecer os quartos. Ela era uma quase adolescente e poderia passar o tempo todo trancada no quarto, não queria se mudar e já tinha combinado com as amigas que passaria o dia inteiro na Internet falando com elas. De saudade, ela não morreria.

Alberto fora conhecer o outro quarto, onde sua irmã apontou dizendo que seria dele, ele era menor, mas ele não ligava. Sua irmã tinha muitas coisas de menina, precisava de muito espaço. Quando Adriana chegou na porta do quarto de Alberto, o ouviu conversando com o armário e perguntou com quem ele estava falando. Ele levou um susto, e saiu alegando que não falava com ninguém e foi atrás de seus pais dizendo que tinha adorado a casa.

Adriana abriu a porta do guarda-roupas quando seu irmão saiu, porém nada estava lá dentro além de muitas aranhas e poeira. Ela fechou a porta e desceu as escadas para encontrar os pais e o irmão. Com a casa aprovada, toda a documentação fora assinada, e agora eles eram os novos moradores.

Alguns pequenos defeitos eram visíveis: a escada, por exemplo, parecia magnética, e por vezes, alguém encostava em algo e levava um choque, ou tocava em uma maçaneta e seus cabelos arrepiavam, o que virou uma brincadeira para as crianças.

Certo dia, Adriana encontrou uma bola vermelha pendurada enquanto arrumava suas roupas no armário embutido de seu quarto, e quando puxou-a, caíram muitas coisas de uma prateleira quase em sua cabeça.

O que mais a assustou fora um palhaço muito sinistro de brinquedo, aquela bola era seu nariz que era uma espécie de corda, e ela saiu gritando quando o palhaço soltou uma gargalhada sombria e apavorante por conta daquela cordinha, e no fim, a bola voltara ao lugar de nariz daquele bicho horrendo.

Enquanto isso, Alberto passava muito tempo em seu quarto brincando com os seus carrinhos e falando sozinho próximo ao guarda-roupas, em seu próprio mundo, quando alguém chegava perto, ele parava.

E nas ocasiões em que sua mãe perguntava sobre o assunto, ele respondia que eram seus amigos, afinal, eles moravam na casa, mas não gostavam de estar lá e queriam voltar para casa.

Sua irmã mais velha se incomodava com aquilo, mas os pais não ligavam, achavam que o filho tinha amigos imaginários, e era bem provável que isso era birra por conta da casa nova ou pela falta de amigos.

Conforme o tempo ia passando, algumas coisas esquisitas começavam a aparecer.

Uns dias antes da noite de Halloween, de madrugada, luzes piscavam como se alguém mexesse em um tipo de *dimmer*, brinquedos eletrônicos ligavam e desligavam sozinhos, celulares acendiam e apagavam até queimar e a única explicação que a família encontrou, foi a possível falha no sistema de eletricidade.

No dia seguinte chamaram um eletricista que deixou a casa alegando que nada estava errado, embora a casa estivesse de fato com algumas coisas bem estranhas, ele não descobrira a causa.

Nesse mesmo dia, Adriana desceu as escadas porque ouviu um barulho na sala. O que ela encontrou a deixou apavorada, seu irmão conversava com a televisão que estava ligada e com um chiado altíssimo enquanto as luzes piscavam freneticamente. Ele conversava com a TV dizendo que era legal ali e que eles poderiam vir para ficar com ele e sua família, dizia também que ele era um menino muito corajoso, mas que sua irmã cuidava dele quando ela não estava sem paciência. E após alguns segundos calado, Alberto perguntou como

faria para voltar pra casa, se ele estivesse perdido e que mesmo assim teria que pedir a mamãe dele para sair de casa.

Ele então encostou as mãos na TV e Adriana começou a gritar, pedindo que ele não fizesse isso, implorando para que ele se afastasse da TV, nesse momento, outras mãos começaram a aparecer do outro lado, uma de cada vez. Ela apavorada e sem saber o que fazer, correu e tentou desconectá-la da tomada, quando uma onda de choque percorreu seu corpo e jogou-a longe. Desorientada ela olhou para seu irmão, quando então seus pais desceram a escada perguntando o que estava acontecendo. Foi então que Alberto olhou para eles e disse:

- Eles estão vindo.

Os pais correram e tiraram o menino de frente a TV que logo desligou-se e a família respirou.

No dia seguinte, após algumas pesquisas no aplicativo de busca, e com tudo isto acontecendo, resolveram chamar um especialista em fenômenos paranormais para avaliar.

E na noite de Halloween tudo aconteceu: a família Monteiro recebeu os técnicos Aimee, Josh e a responsável pelo projeto, Priscilla, que depois de analisar toda a casa com calma se convenceram com votação unânime acerca do fenômeno que existia naquela residência e explicaram a todos, incluindo as crianças que já estavam comprometidas com o que estava acontecendo.

- Senhores, sei que é difícil de acreditar, mas eu estou aqui para ajudar. O que vocês tem aqui não parece com uma assombração clássica. Parece mais um fenômeno chamado *poltergeist* - começou Priscila explicando.

- Qual a diferença entre eles? - Sarah perguntou.

- Fantasmas geralmente são aparições inofensivas. *Poltergeists* são o oposto. Eles são barulhentos, atacam, são violentos... - Respirou fundo após a explicação e complementou:

- Eles aparecem de maneira repentina, desaparecem da mesma forma. Algumas pessoas acreditam que existem níveis diferentes de realidade. Nós, seres vivos estamos no plano físico. Porém, quando morremos, os espíritos vão para outro lugar, como se fosse um plano espiritual. Que seria como estar aqui e não estar ao mesmo tempo.

Pedro saiu repentinamente da sala transpirando, tudo aquilo era inacreditável. Era um maldito pesadelo, só podia ser. Foi até o armário da cozinha, ele precisava de um gole de bebida para se acalmar um pouco. Serviu-se de um pouco de vodca que a sua esposa tanto gostava.

Fechou os olhos e tentou se acalmar quando algo começou a incomodá-lo. Correu para a pia e foi então que, quando cuspiu o líquido, olhou para dentro da pia e constatou que saíram larvas de sua boca. Cada vez que o vômito vinha, aqueles bichos vinham de maneira desenfreada. Quando se olhou pelo reflexo cromado da torneira, desesperou-se, saíam bichos de seu nariz e ouvidos, junto a uma gosma escura.

Não ouvira passos em seu momento de pânico, por isso quando sua esposa pôs as mãos em seu ombro, ele gritou, e percebera que tudo não passava de uma visão maluca. Algum tipo de alucinação que sua própria mente estava pregando nele. Possivelmente, tudo isso era por causa de todo o estresse. Só podia ser. Ele não podia se descontrolar, sua família precisava dele.

– Amor você está bem? Está branco igual a papel - perguntou Sarah

– Estou. Estou bem.

Os paranormais conectaram cada cômodo da casa a muitas câmeras espalhadas e agora cabeavam o sistema.

– Hey Josh, já pendurou o sensor de calor no fundo do armário do quarto?

– Não. Eu estava com dificuldade de pendurar porque não sei onde prender.

– Ué, pendura ele na parede. Eu hein... - E assim Aimee deixou Josh falando sozinho e saiu pisando forte e chamando o amigo de louco.

Quando Josh viu o melhor ponto para forçar a parafusadeira, ela não funcionou. Ele foi até o outro lado do quarto e ligou na outra tomada. Então conseguiu conexão, porém quando a broca encostou na parede, ela abriu um enorme buraco e de alguma forma, uma rajada de vento levou a parafusadeira de suas mãos junto com todo o fio que estava inclusive conectado a tomada enquanto ele olhava incrédulo a tudo que tinha acontecido.

Após alguns minutos, ele se acalmou e por algum motivo insano foi colocar suas mãos no buraco da parede para resgatar seu objeto de trabalho. Após apalpar algumas vezes, encontrou. Porém, ao puxar foi bloqueado. Algo do outro lado, do qual ele não conseguia ver, começou a puxar seu braço e o prendeu. Sem ter como se mexer, ele começara a gritar por ajuda, foi quando ouviu o barulho da parafusadeira sendo ligada do outro lado, onde não deveria conter nada.

Ele começou a gritar sem parar, foi quando viu a broca saindo da parede próximo aos seus olhos, a broca foi retirada e quem estava do

outro lado começou q fazer muitos buracos próximo a atingi-lo. De repente, ele conseguiu arrancar seu braço e saiu correndo. Quando voltou, o buraco não estava lá. A única prova que existia do que aconteceu era a marca de mão em seu antebraço, onde fora agarrado.

Quando chegou onde seus amigos estavam, não conseguiu contar o ocorrido escondendo o seu braço onde restara a marca, teve vergonha, afinal ele debochou e desacreditou todo o tempo naquela família.

Conseguiram com marteladas abrir o guarda-roupas, onde Adriana conversava com ninguém e onde Josh fora puxado e quebraram toda a parede a marretadas, e o que viram lá dentro era uma espécie de casa igual à que estavam, porém muitos espíritos estavam nela, tantos que não seria capaz de mensurar esta quantidade. Espíritos com raiva e perdidos por estarem há tanto tempo sendo injustiçados. Dentro daquela parede, dava a impressão de que relâmpagos, por vezes, avermelhados, por vezes, azuis eram incessantes. E a cada relâmpago viam-se as almas atormentadas na claridade lutando a tropeços e cotoveladas para sair. E o pior, parecia que a cada minuto que se passava, a casa era destruída e engolida por algo que nem ao menos se conseguia ver.

Em uma busca pelo arquivo geral da cidade, eles descobriram a planta da casa, e a história dela, que inclusive era bem conhecida. Era relatado que embaixo daquela casa existia um cemitério. E que o governo alegava que havia sido transferido para outro lugar, porém, eles desconfiaram que os patifes haviam enviado apenas as lápides para o novo cemitério e vendido o terreno em volta para uma construtora, assim eles não gastariam tanto com a locomoção. Então eles não são apenas espíritos chateados. São muitos espíritos presos e desesperados que precisavam de uma espécie de luz para seguir com a suas vidas após a morte, e esta luz, aparentemente era o caçula da família Monteiro.

Eles decidiram ir embora, tudo aquilo era assustador demais pra deixar de lado, mas os espíritos escondidos tinham outras ideias, e estas eram muito mais assustadoras. Quando entenderam a intenção dos moradores, eles tentaram a possessão, aquela criança não podia partir, ela era sensitiva, e por isso era a luz que eles precisava, para irem para um lugar melhor. Sem mais opções, só restou a família uma saída...

No dia seguinte após arrumar a maior parte de suas coisas, Pedro encheu a casa de gasolina e Sarah sem pena acendeu um fosforo e jogou

no caminho que haviam feito. Este era o único jeito, depois se resolveriam com seguro e polícia. Naquele momento, só queriam mesmo era afastar o mal de suas vidas, e da vida dos seus pequenos.



O AÇOUGUEIRO

VITOR GAGLIARDO

Nanda está no quarto arrumando os livros. O telefone toca. Era Tomás.

– O que você quer? – Questiona.

– Por que você não responde minhas mensagens? – Tomás indaga.

– Eu nem vi! Estou arrumando meu quarto.

– Vou chegar aí por volta das 21h.

– Nem adianta. Eu não vou!

– Esteja pronta!

– Já te falei que não gosto dessa *coisa* de Halloween. Eu tenho medo!

– Não quero saber. Até mais tarde! Tchau!

Nanda suspira. Ela sabe que Tomás vai perturbá-la. Não tinha muito tempo. Acabou de arrumar os livros e foi separar a fantasia.

O interfone toca. É Tomás. Nanda manda subir. Estava acabando de se arrumar. Ele está fantasiado de Frankenstein.

– Meu Deus! – Ele se assusta.

– O que foi? Não gostou da minha fantasia? – Ela questiona.

– Você está de ‘Noiva Cadáver’? Melhor seria se fosse de ‘Encalhada Cadáver’! – Ele ri.

– Ridículo! Já acabou a gracinha? Estou pronta!

A festa era em um casarão no bairro de Vargem Grande, zona oeste do Rio de Janeiro. Do lado de fora, era impossível saber o que acontecia dentro da casa.

Tomás tocou o interfone. Alguém atendeu. Ele disse apenas a palavra “sacrifício”.

– “Sacrifício”? O que isso quer dizer? – Nanda questionou.

– É o código para entrar! – Ele explicou.

– E por quê?

– A gente precisa fazer sacrifícios na vida ...

O lugar é sombrio. Há um quintal enorme e uma casa de dois andares. Pessoas fantasiadas andavam por todo o lado. Nanda calculou, mais ou menos, uns 50 participantes. Ela estava assustada. Nunca gostou de filmes de terror. Achava que a qualquer momento levaria um susto. E levou.

Tomás foi pegar uma bebida para os dois.

– Não demora! – Ela gritou.

Apavorada, Nanda fica sozinha por alguns segundos. Uma mulher vestida de vampira se aproxima de Nanda. Seu nome é Sasha.

– É a sua primeira aqui, certo?

– Está tão na cara assim?

– Muito ... você parece calouro no primeiro dia de faculdade com medo de tomar trote.

Tomás se aproxima das duas.

– Já vi que você está fazendo amizades. Nanda, essa é Sasha!

Os três estão conversando. Um homem com um motosserra se aproxima por trás de Nanda sem ela perceber. Em uma ação ágil, o rapaz liga o equipamento e dá um grande susto na menina. Em seguida sai em procura de outra vítima. Ela está brava e assustada. Os demais estão rindo.

A música, que não estava alta, para. Todos se colocam em posição de continência. Sete anciãos passam por um corredor formado

pelas pessoas. Nanda não entende nada, mas imita Tomás e Sasha. O que mais chamou sua atenção foi a devoção do olhar dos presentes.

Todos se dirigem para o interior da casa. Cada recebe um copo com um líquido.

– O que é isso? – Nanda questiona.

– Basta beber! – Tomás é taxativo.

– O que está acontecendo? – Nanda pergunta já aflita.

– Vai ter uma cerimônia do amor – explica Sasha.

– Oi? O que é isso? – Nanda está angustiada com vontade de sair correndo daquele lugar.

– Silêncio! – Tomás sentencia.

O ancião levanta o copo e faz um pronunciamento.

– Estou aqui para dar boas-vindas a todos! Está aberta a nossa cerimônia do amor. Aqui todos são aceitos. Não fazemos nenhum tipo de distinção. O que queremos é o respeito e a devoção de vocês. Vamos beber esse líquido e purificar a nossa alma. Que as impurezas todas fiquem lá fora. Aqui só há espaço para o amor. Viva o amor! Um brinde.

Todos gritam “Viva o amor!” e, em seguida, bebem o líquido.

– Quem está aqui pela primeira vez? – O ancião questiona.

Tomás ergue a mão e aponta para Nanda.

– Por que você fez isso? – Ela questiona.

Nanda está assustada com o semblante de Tomás. Ela é a única novata do dia.

– Venha cá, minha filha. Vamos começar o seu processo de iniciação.

– Processo de que? Eu não quero iniciar nada. Tomás?

– A resistência é a indicação de que seu corpo precisa se libertar e aceitar o seu caminho. Levem ela.

Os anciãos pegam Nanda pelo braço e a tiram da sala. Ela grita e se debate. Tomás só observa. Sasha parece preocupada. A música é ligada e a festa continua.

Nanda é trancada em um quarto. Ela bate na porta com força, mas ninguém parece ouvi-la. Passam alguns minutos, o ancião entra com um copo.

– Eu quero sair daqui!

– Você vai sair assim que for purificada!

– Eu não estou amaldiçoada!

– É o que todas falam! Beba esse líquido.

Nanda joga o copo com o líquido verde na parede.

– Não vou beber droga nenhuma. Quer saber? Já chega dessa palhaçada! Vou ligar agora para a polícia.

– Tenta ...

Ela pega o telefone, mas percebe que o aparelho está sem sinal.

– Isso aqui é um presídio?

– Eu diria que é um recanto. É um espaço onde as pessoas encontram a felicidade.

– Cadê o Tomás?

– Você tem sorte de tê-lo como amigo.

O ancião chama os demais. Com a mão, ele sinaliza para que eles segurem Nanda pelos braços e pernas. Ela grita, se debate, mas é em vão. Sua boca é aberta à força e o líquido é jogado em sua garganta.

– Que a sua alma seja purificada! – Sentencia o ancião.

A vista de Nanda fica embaçada. Ela é solta pelos anciãos. Sua última lembrança é a saída deles do quarto deixando a porta aberta. Seus olhos fecham.

Algumas horas se passam. Nanda está zozna. Ela olha para o relógio – quase seis horas da manhã. Com muita dor de cabeça consegue ficar sentada. A casa está em silêncio. Percebe que Tomás está ao seu lado deitado de bruços. Tenta chamá-lo uma, duas vezes, mas ele não responde.

Assustada, percebe que ele está sem pulsação. Nanda entra em desespero. Seu amigo está morto. Há um corte profundo em seu pescoço.

Ela se levanta. Percebe que sua roupa está ensanguentada.

– Meu Deus! O que aconteceu? O que será que eu fiz?

Lentamente, anda pela casa. Não há ninguém. Tudo está organizado. A porta da sala que leva para o quintal está aberta. Ela pega o telefone, mas está sem bateria. O portão da casa, também, está aberto. Nanda sai em busca de ajuda.

Escuta de longe algumas sirenes. Carros da polícia passam por ela. Os policiais entram na casa. Nanda está tão assustada que só pensa em sair dali.

– Tomás está morto!

Nanda consegue um táxi e vai para casa. Ela mora sozinha, mas, naquele momento, só queria estar próxima dos pais. Ela coloca o telefone para carregar e entra no banho. A água bate no seu corpo e ela chora a morte do amigo. Sofre, também, pela angústia de não saber o que, de fato, aconteceu.

Mesmo com pouca bateria consegue mexer no telefone. A notícia da morte de Tomás se espalha. Uma equipe de televisão está no local. A polícia está investigando o caso e vai periciar a câmera de segurança da casa.

Nanda tomou remédio e dormiu o restante do dia.

O enterro de Tomás foi no dia seguinte. Nanda está desolada. Não para de chorar. Na saída é abordada por um investigador.

– Fernanda Menezes?

– Isso!

– Meu nome é Cristóvão Duarte. Sou investigador da Polícia Civil. Gostaria de conversar sobre a morte do Tomás. Você pode passar amanhã na delegacia?

– Posso sim!

– Esse é o meu telefone. Vou aguardar sua mensagem para agendarmos um horário. Descansa!

Nanda guarda o cartão na bolsa. O seu telefone toca. É um número privado. Ela atende.

– Que noite agitada você teve, hein?

– Quem está falando? – Nanda pergunta com a voz trêmula.

– A pessoa que sabe exatamente o que aconteceu há duas noites.

– E o que aconteceu?

– Você vai ter que descobrir.

A ligação termina. Agitada, Nanda repara que Sasha não foi ao enterro de Tomás. Ela busca o contato através das redes sociais do amigo. Consegue encontrá-la. Manda uma mensagem.

– Sasha, aqui é a Nanda. Nos conhecemos na festa do Halloween. Você já sabe o que aconteceu com o Tomás, né? Preciso muito falar com você!

Nanda anda pela casa de um lado para o outro. Aguarda o retorno de Sasha. Pega o cartão do investigador. Pensa em ligar. O seu telefone toca. Novamente o número privado.

– Já descobriu o que você fez com seu amigo?

– Quem é você?

– Pode me chamar de Açogueiro.

– Açogueiro? Meu Deus, só pode ser um pesadelo.

– E ainda nem começou. Eu posso te contar o que aconteceu.

– Então conta!

– Não é tão fácil assim! Você vai ter que seguir minhas instruções. A primeira delas é não ligar para o investigador que te abordou no cemitério.

O Açougueiro desliga o telefone. Nanda tem uma crise de choro. Ela percebe que está sendo seguida. Afinal, como ele poderia saber do investigador?

O telefone toca novamente. Ela olha achando que era mais uma ligação do Açougueiro. É um número desconhecido.

– Fernanda?

– Isso!

– Aqui é o investigador Cristóvão. Já definiu o horário de amanhã?

– Ainda não!

– Prefere que a gente vá a sua residência?

– Não! Eu já te confirmo.

Ela olha a mensagem que mandou para a Sasha. Não foi visualizada. Se sente encurralada. Pega o telefone e faz uma ligação a Cristóvão.

– Eu topo me encontrar amanhã. Mas pode ser em um lugar público?

– Tem um shopping bem próximo à delegacia. Vou te mandar as coordenadas por mensagem.

Nanda não consegue dormir. Ela não entende como foi se meter em toda aquela confusão. O olhar de Tomás durante a cerimônia não saía da sua mente.

O dia amanhece e o telefone de Nanda toca. Era o Açougueiro. Ela resolve enfrentá-lo.

– Qual vai ser a ameaça da vez?

– Você sempre acorda nervosa?

– O que você quer?

– O que eu quero eu ainda vou conseguir e você vai saber. Eu só quero que você saiba que toda decisão tem uma consequência. Eu te avisei para não falar com a polícia.

Antes de pensar em retrucar, o Açougueiro desligou o telefone. Nanda respira fundo. Ela olha a mensagem de Cristóvão. O encontro está marcado para as 10h.

Ao sair de casa, Nanda se depara com uma caixa. Curiosa, ela abre e para sua surpresa encontra uma boneca vestida de noiva com a

roupa manchada de sangue. Junto foi deixado um bilhete com os dizeres:

– “Cuidado! A noiva pode virar viúva!”.

– Isso só pode ser coisa do tal Açougueiro – pensou ela.

Nanda pega a caixa e leva consigo. Ela fica dentro da portaria esperando um táxi que chamou pelo aplicativo. O porteiro está ao seu lado. O carro, finalmente, chega e ela entra.

Ela olha fixamente para o motorista. Nanda se sente em um filme de terror. Todos parecem suspeitos. O Açougueiro pode ser qualquer um. Para piorar, ele descobriu o seu endereço. Está aterrorizada.

Nanda chega ao shopping. Ela vai em direção à praça de alimentação, no segundo andar. Cristóvão está sentado à sua espera. Eles se encontram. O investigador vai direto ao ponto.

– Nós temos as câmeras de segurança da casa. Tudo foi apagado. A única imagem que temos é você saindo da casa onde encontramos o corpo do Tomás.

– Eu não sei o que aconteceu. Eu fui dopada e quando acordei o meu amigo estava morto. Eu fiquei com medo, sem saber o que fazer.

– Nós sabemos!

– Como assim vocês sabem?

Nesse momento, a detetive Renata aparece e se senta ao lado dos dois.

– Sasha? – Nanda questiona.

– Na verdade, meu nome é Renata e sou detetive.

– Gente, o que está acontecendo? Nada mais faz sentido.

– Nós estamos há quase um ano investigando essa organização

– Cristóvão explica.

– Organização? Eu achei que estava indo apenas para uma festa.

– Tudo fachada. Essa organização é conhecida por sequestrar mulheres e colocar à venda em um mercado paralelo para os países do Leste Europeu. – Renata explicou.

– Meu Deus!

– Em geral essas mulheres são vendidas para um mercado de prostituição. Caso não tenha nenhum comprador, elas são mortas e seus órgãos são vendidos. – Cristóvão complementa.

– Mas como que eu entrei nessa história?

– O Tomás queria entrar na associação. Ele não sabia que se tratava de uma organização criminosa. O que foi dito para ele é que

cada homem deveria trazer uma mulher, e somente mulher, para o grupo. Mas como uma condição? – Explica Renata.

– E qual é essa condição?

– Ele deveria estar apaixonado por essa mulher. – Renata continua a explicar.

– Apaixonado? O Tomás?

– Sim, o Tomás era apaixonado por você. A ideia que a associação vendia é que a cerimônia do amor purificava a alma das mulheres e eles se sentiriam apaixonadas pelos seus pares. Você não deve ter reparado, mas embaixo do copo do brinde, tinha o nome do Tomás – Renata esclarece.

– Eu não *to* acreditando. Mas como você estava lá então? Como entrou?

– Você lembra do cara fantasiado de motosserra que te deu um susto? Eu mesmo! – Diz Cristóvão.

– Chocada! Mas o que aconteceu depois que eu fui levada para o quarto? Eu só lembro de ser dopada e desmaiar.

– O Tomás achou que ia entrar em seguida para se declarar. Só que ele foi barrado pelos anciãos. O líder da organização, que se define como Açougueiro, contou toda a verdade. O menino entrou em desespero e foi executado – Renata explica.

Nanda está aos prantos. Tomás, que sempre achou que era um grande amigo era, na verdade, apaixonado por ela. E agora ele está morto. Assassinado ao tentar defendê-la.

– Esse tal de Açougueiro está me perseguindo. Ele me liga o tempo todo. Deixou essa caixa em frente ao meu apartamento.

– Ele é muito perigoso. Provavelmente deve estar aqui nesse shopping espionando a gente – Cristóvão sugere.

O telefone de Nanda toca. É o Açougueiro. Ela coloca no viva-voz.

– Os policiais já te contaram toda a verdade?

– Você é um monstro!

– Você acredita que o seu “amiguinho” achou mesmo que ia te conquistar?

– Lava a sua boca para falar do Tomás.

– Olha que audácia ... ele tentou me agredir! Tive que executá-lo. Espero que você tenha guardado a sua fantasia. Aquele sangue era do seu amigo ou do seu amor, se preferir.

– Cala a boca!

– A cena foi bonita. Os últimos passos do Tomás foi para ficar ao seu lado.

– Para!

– E sabe quais foram as últimas palavras?

– Quais?

– “Nanda, eu te amo”! Que patético!

– Seu nojento! Eu te odeio!

– Eu só vou sossegar quando acabar com você e esses dois policiais de quinta categoria.

– Você não vai conseguir!

– Vou te contar um segredo. Para ser um bom açougueiro é preciso ter boa visão, as mãos firmes, habilidade com faca, ser paciente e concentração.

– E daí?

– Você vai me responder!

Açougueiro, de fato, está no shopping. Ele está no andar superior à praça de alimentação. Com precisão, atira a faca em direção ao Cristóvão. O investigador é atingido na barriga.

– Cristóvão? – Nanda gritou.

Renata pegou a arma e começou a apontar na direção. Ela concluiu rapidamente que a faca veio de cima. Começou uma enorme confusão dentro do shopping.

O telefone de Nanda permanece ligado.

– O que você achou dessa facada? Fui preciso?

– Quando você vai parar?

– Eu quero você!

Renata começa a falar com Açougueiro.

– Seu maldito eu vou acabar com você.

– Cuidado para uma faca não te acertar!

Açougueiro desliga o telefone. A equipe médica do shopping chega para socorrer Cristóvão.

– Fica com ele. Eu tenho um plano – Nanda diz para Renata.

– Não! É muito perigoso! – Renata retruca.

– Eu sei o que estou fazendo.

– Eu vou te dar cobertura!

Nanda acena positivamente, se afasta e grita em voz alta.

– Açougueiro? Você tá aí? Estou pronta para você. Venha me buscar!

Ela continua andando em linha reta e se afastando de Renata.

– Açougueiro? Apareça!

Uma faca é lançada e acerta a pilastra logo à frente de Nanda. O telefone toca.

– A próxima vai te acertar!

– Você venceu! Eu me entrego! Pode reparar que não tem ninguém comigo e não estou armada.

– Boa menina ... vai andando em linha reta e suba na próxima escada rolante.

Ela para e olha uma vitrine com roupas.

– Por que você parou? Quem mandou você parar?

– Pena que o shopping está fechado.

– Por quê?

– Queria comprar uma roupa bem bonita para te encontrar.

– Vamos fazer um acordo? Eu dou as ordens por aqui.

– Você gosta de mandar?

– Eu sempre mando!

Nanda segue em linha reta. Ela para e olha uns sapatos.

– Eu já mandei você seguir em linha reta.

– Você está muito nervoso. Estou olhando um sapato para ficar bonita para você.

Açougueiro dá um grito e atira uma faca em direção à Nanda. Mas ele erra o alvo. Ela percebe que seu plano está dando certo. Ao ser contrariado, Açougueiro perde a concentração.

– Você me jogou uma faca? É isso mesmo?

– Você me desobedeceu!

– Eu querendo ficar bonita e você me trata assim ...

– Sobe logo! É uma ordem!

– Você ainda tem muitas facas?

– O suficiente!

Nanda para em frente à outra vitrine. Dessa vez, ela olha bolsas.

– Sua maldita!

Açougueiro joga mais uma faca. Dessa vez, ele atinge a vidraça da loja. Nanda machuca o braço com os estilhaços. Ela está assustada. “Será que ele ainda tem muitas facas?”. Decide continuar com seu plano.

Sem saber se vai dar certo, ela pega a faca e esconde no casaco.

– Você já decidiu o que vai preparar para o nosso primeiro jantar? – Nanda questiona.

– Não tenho a menor ideia.

– Como assim? Não é para ser uma noite especial?

– É sim!

– Como você, um homem que imagino que seja nobre, habilidoso com as facas, observador como já me disse, não pensou em um cardápio especial?

– O que você gosta de comer?

– Agora sim você está agindo como um cavalheiro. Pedindo a minha opinião. Acho que a gente vai se entender bem. Já que a noite vai ser especial, vou dar uma olhada na maquiagem.

– Maquiagem?

– Claro! Já falei ... quero ficar bem bonita para você.

Ela ficou mais afastada da vidraça com medo que ele atirasse mais uma faca. Mas não atirou.

Cristóvão foi levado para o hospital público mais próximo. A polícia cercou todos os acessos do shopping. Renata decide dar a volta pelo outro lado. Ela sabe que Açougueiro está no andar de cima.

Nanda, finalmente, chega até a escada rolante. Ela está subindo. Açougueiro permaneceu calado por uns minutos. Ela sai da escada.

– O que devo fazer agora?

– Vire para o lado esquerdo e siga em frente.

– Combinado. Posso fazer mais uma pergunta?

– Tenho opção?

– Você já pensou na bebida para nosso primeiro jantar?

– Meu único pensamento é sair imediatamente daqui!

– Por que tanta pressa?

– Cala a boca e anda mais rápido.

Nanda acredita que o Açougueiro está sem faca. Ela passa por uma saída de emergência e é surpreendida. Ele a agarra. Renata escuta o grito. Percebe que foi bem próximo. Acelera o passo.

– Finalmente você é minha!

Nanda repara que o Açougueiro é o ancião chefe do dia da festa. Ele começa a tocar o seu rosto.

– Você é tão linda!

– O que você vai fazer comigo? Vai me vender? Vai me matar para vender meus órgãos?

– Nada disso! Se fosse para te matar, eu teria finalizado o serviço no dia da festa.

– E por que não fez?

– Você lembra a minha mãe! Eu tenho ódio dela.

– Por quê?

– Ela me abandonou ainda criança para fugir com um homem.

É uma vagabunda.

Açougueiro tinha sangue nos olhos ao falar da mãe.

– E o que você vai fazer comigo?

– Vou te privar da vida. Vai ser minha escrava e me satisfazer sempre que eu quiser.

– Isso é uma loucura! Eu não vou ser sua escrava!

– Você vai me rejeitar igual àquela vagabunda? Ninguém me rejeita!

Ele, de forma agressiva, começa a apertar o pescoço de Nanda com força. Com muita dificuldade, ela consegue puxar a faca e a crava, com o pouco de força que lhe resta, na barriga do agressor.

Açougueiro sente o golpe, mas continua apertando o pescoço de Nanda que já está sem forças para reagir.

– Larga ela agora! – Grita Renata com uma arma apontada para Açougueiro.

– Mais uma incapaz para me enfrentar.

– Acabou Açougueiro! O prédio está cercado pela polícia.

– Eu jamais serei preso por uma mulher. Jamais!

Renata, com uma precisão cirúrgica, acerta um tiro no abdômen de Açougueiro. Ele solta Nanda e se ajoelha. Junta o restante de sua força e se atira do terceiro andar do shopping. Renata corre e observa o corpo do ancião estirado no chão. As duas se abraçam.

– O pesadelo acabou! – Disse Renata abraçada a Nanda que estava aos prantos.

– Eu dei uma facada nele.

– Ele provou do próprio veneno.

– Mas eu participei da morte dele ...

– Fique tranquila. Para fins de investigação, ele se matou.

O corpo de Açougueiro foi retirado. A imprensa estava do lado de fora aguardando alguma notícia. Renata foi conversar com os jornalistas.

– A polícia estava investigando há quase um ano uma organização que traficava mulheres para o Leste Europeu. Essa mesma organização também fazia tráfico de órgãos. Em uma ação da inteligência nós chegamos ao líder da organização. Seu nome é Francisco Batista que tinha a alcunha de Açougueiro. Pelo menos 30 mulheres foram traficadas ou assassinadas. Essas mulheres eram

captadas em festas de fantasias. Na verdade, eles se vendiam como uma seita que valorizava a vida, o amor. Nós descobrimos que o Açougueiro tinha ódio das mulheres após ser abandonado pela mãe quando ainda era criança. Infelizmente, o criminoso tirou a própria vida.

Nanda está em casa. Ela acompanha todas as matérias. Pegou o celular e foi ler as mensagens. Viu a última encaminhada por Tomás. Ele tinha enviado à foto dos dois na festa do Halloween. A legenda era um coração e a palavra ‘eterno’.

Dias depois, ela tatuou no braço direito a letra “T”, um coração e a palavra “eterno”.



INGREDIENTE SECRETO

VITOR MACHADO

Norberto amassou mais uma guimba no cinzeiro já cheio. O gesto traía uma irritação crescente, que periodicamente o assaltava em momentos assim. Podia pressentir que a ligação telefônica logo chegaria e aquele ridículo toque "Over the Rainbow" do celular faria o ódio extravasar. Sempre que se atrasava na entrega dos produtos, a pressão do atravessador logo se fazia sentir. A demanda do mercado era permanente e suas obras, modéstia à parte, incomparáveis. Considerava-se um artesão, um artista mesmo, e que, portanto, deveria estar acima dessas pressões meramente comerciais. O problema é que o mundo real lá fora não concordava muito com Norberto.

Realmente seus produtos eram da mais alta qualidade e, principalmente, durabilidade. Por essa razão alcançavam os preços

exorbitantes que o mercado concordava alegremente em pagar. Entretanto, a cadeia logística que levava do artista ao consumidor final era longa e, como sabemos, o mercado precisa de previsibilidade em todo o processo. O artigo em questão era altamente perecível e a concorrência oferecia itens que mal duravam seis meses. Os seus não! O do ano passado com certeza estava ainda perfeitamente funcional. Por mais pressão que lhe fizessem, não era possível concluir a obra em menos de um ano. Nem em mais... Seu processo artesanal fora aperfeiçoado por anos e após a agonia típica do artista no processo de criação, a cada noite de 31 de outubro eis que um novo exemplar estava pronto para seguir seu caminho.

"Somewhere, over the rainbow, way up high..."

– Maldito celular! Demorou...

– Alô? Sim, é ele. Sim, sim, claro... Como sempre. Está pronta, claro. Sim, sim. A menos que você não pare de me encher o saco! Eu sei que hoje já é dia 30, cara! Quê? Duvido muito..., Mas, me deixe trabalhar! Até mais... sim, até!"

– Puta que o pariu! Como um artista pode criar com um pé no saco desses? E esse papo de opção? Claro que está se referindo ao Gustavo, meu antigo assistente. Aprendeu tudo comigo, mas nunca chegará aos meus pés! Depois de todos esses anos e ainda me vem com ameaças... Eles que procurem algo como as minhas meninas. Duvido muito...

Ao contrário do que se podia esperar, a ligação inoportuna teve o dom de quebrar a inércia de Norberto e lançá-lo de volta ao trabalho. Não gostava de admitir, mas sabia que estava atrasado. O diferencial de seus trabalhos era justamente o ingrediente final, só possível de se obter e aplicar exatamente à meia-noite do dia 31 de outubro. Sem ele seus produtos seriam tão perecíveis como os da concorrência, mas ainda havia alguns detalhes pendentes. Olhou para o velho relógio na parede da sala e soltou outro improperío. Já passava das quatro da manhã do dia 30 e estava longe do fim. Meditou por alguns minutos sobre que caminho adotar: dormir para recuperar as forças e voltar ao trabalho já descansado ou tocar direto até acabar? Decidiu-se pela segunda opção, pois corria o risco de dormir pesado demais e acabar sem tempo para concluir a obra.

Há meses vinha dormindo irregularmente e não era nada raro permanecer em sono profundo por muitas horas. "Obrigação antes da devoção" era o que sua mãe sempre dizia... Além do mais o material

sempre necessitava de algumas poucas horas de repouso antes da aplicação do ingrediente derradeiro. Assim resolvido, Norberto encaminhou-se para a escada ao lado da cristaleira, mergulhando nas entranhas da casa. Em sua mente febril o ranger dos passos nos velhos degraus de madeira pareciam rir dele, provocando pisadas mais pesadas numa instintiva retaliação.

Ao final da escada encarou-o uma brilhante porta de aço, cujo reflexo agregava algum brilho à penumbra predominante naquele porão. Antegozando o prazer do trabalho artístico à sua frente, o mestre sentiu-se calmo e focado no que tinha por fazer. Considerava um desafio alcançar um resultado ainda superior aos anteriores. Afinal, tinha uma matéria prima da melhor qualidade. Chamava-se Sandra.

Abrindo a porta, liberou um guincho metálico que por sua vez acionou uma série de murmúrios e lamentos desarticulados, provenientes do interior da sala. Tal efeito de agonia sonora foi ainda maior quando as luzes brancas e geladas foram acesas. Revelou-se então uma sala cirúrgica amadora, porém adequadamente arrumada, com seu centro ocupado por uma maca ladeada da mesa de instrumentos, localizada bem abaixo de uma lâmpada. Na mesa um pequeno volume de não mais de um metro de comprimento, agitava-se sob os lençóis. Além da mesa de operações, bem na parede oposta, uma porta fechada.

O homem alcançou na parede ao lado do interruptor seu velho jaleco verde água e calçando as luvas de borracha, aproximou-se da mesa de operações. A cor da roupa causou em seu cérebro uma tranquilizadora associação de ideias, evocando as tranquilas águas de Bonito. Em resposta aos movimentos e à aproximação de Norberto, o volume sob os lençóis aumentou seus movimentos e murmúrios. O homem postou-se ao lado da mesa e contemplou sua obra incompleta, ou melhor, os excessos já retirados da matéria prima original que repousavam numa grande bacia de aço inoxidável ao lado da maca: pernas, braços, além de uma língua habilmente extraída pela raiz. Norberto frequentemente comparava sua arte à escultura.

Gostava da imagem de que o escultor revelava uma forma pré-existente na pedra, apenas retirando paulatinamente os excessos do material. Ele também se imaginava expondo um ser destinado a outra vida, pela eliminação cuidadosa de tudo que fosse excessivo, inútil ou perigoso para suas novas funções. Repassou mentalmente as etapas por realizar nessa verdadeira tarefa de dar à luz uma nova criatura. Checou

a evolução da cicatrização dos pontos de onde extraíra material "excedente", fez o checklist do material a ser empregado para embalar as novas formas corpóreas e, batendo na testa, murmurou... "como fui esquecer dos dentes! Justo o mais perigoso a retirar!! Estou ficando velho mesmo...". Em poucas horas e uma reluzente e ensanguentada arcada dentária foi deitar-se junto ao resto do material desnecessário. Após um reforço na dopagem, o novo ser foi então vestido com elegante roupa de couro negro, dotada de apêndices especialmente desenhados para proteção dos pequenos cotos que se projetavam do tronco, onde outrora existiram braços e pernas. Uma exótica máscara, igualmente de couro (branco, porém), encobria e disfarçava os ferimentos na boca ainda inchada pela extração dos dentes. Perfeito. Emocionado pelo resultado alcançado, Norberto atirou-se na cama ao lado da porta dos fundos e mergulhou num sono profundo e agitado.

Uma sensação quase de pânico assaltou Norberto ao voltar subitamente do profundo sono. Estava coberto de suor e seu coração batia agitado. Teria perdido a hora? Além da janelinha da porta dos fundos, só escuridão. Consultando o celular, porém, acalmou-se. Faltavam ainda vinte minutos para a meia-noite, tempo suficiente para concluir o processo. Após checar as condições vitais da ex-Sandra, deuse por satisfeito e encaminhou-se para a porta dos fundos, abrindo-a completamente. Levava nos braços a banheira metálica, cheia dos despojos humanos encharcados de sangue. O cheiro úmido e vegetal da noite acariciou suas narinas e um vento frio invadiu a sala cirúrgica. No lado de fora a noite abraçava um terreno de grama alta, onde se destacava um grande carvalho, alguns metros adiante.

Tendo depositado a oferenda no solo em frente da grande árvore, Norberto voltou à sala e encaminhou-se a mesa de operações, assobiando desafinadamente "Over the Rainbow". Era sua forma de relaxar, pois mesmo após tantos e tantos ritos ao longo dos anos, nunca se acostumara nem conseguia olhar para o ápice da celebração. Às suas costas, oriundos do jardim, lhe chegavam os familiares ruídos de galhos se arrastando, entrechocando-se, cada vez mais próximos. Em seguida o repulsivo ruído de ossos sendo mastigados e um gorgolejo semelhante à sopa quente sendo sorvida. Sem jamais voltar-se, aproximou seu rosto da máscara branca quase tocando-a. O par de olhos por trás do couro parecia esbugalhado além do fisicamente possível. Não fitavam a face de Norberto, mas algo atrás dele. A experiência de assistir a lenta passagem da sanidade para a loucura através da janela da alma das

vítimas era sempre fascinante para ele. Em minutos sua "obra" estaria terminada pela ação daquele demônio, visitante de nosso mundo a cada noite de Samhain. No fim de tudo restaria sobre a maca apenas uma valiosa boneca viva, desprovida de razão, consciência e alma. Uma benção, já que aquele corpo sobreviveria em tais inumanas condições por longo tempo.

O gozo de contemplar a captura da mente e alma da moça, porém, foi subitamente interrompido para Norberto. Os olhos daquilo que fora um dia um ser humano, nublaram-se para sempre. O tronco adornado em couro negro arqueou-se em agonia uma última vez. O maltratado coração não suportara o suplício. No último minuto, o corpo e a alma da menina escaparam de seus horrendos destinos. A frustração do Demônio do Samhain preencheu a sala como uma avassaladora onda de ódio e não restou a Norberto nenhuma alternativa exceto voltar-se e contemplar o Horror.

Os dois homens chegaram à casa de Norberto na manhã do dia primeiro. Vinham em busca da mercadoria prometida, mas encontraram algo totalmente inesperado. Na sala de cirurgia, cujo soalho estava coberto de folhas secas e gravetos, a Lolita encomendada não era mais que um cadáver inerte sobre a maca. O primeiro e único fracasso da carreira de Norberto. Este, jazia sobre a cama junto à porta dos fundos. Expressão vazia e distante, o único sinal vital aparente era a recorrente convulsão que agitava seu corpo a cada par de minutos.

– Que merda terá acontecido aqui?

– Não sei, mas o prejuízo está feito... Como explicar ao cliente que a boneca dele está morta? Negócio pago antecipado! Puta merda!! Logo uma Lolita feita pelo Norberto. Feita *prá* durar... Nosso nome vai pro ralo....

– Espere, acho que nem tudo está perdido meu caro...

– Como, Gustavo?

– Fui assistente dele, o senhor sabe.

– Sim?

– Posso produzir outro exemplar. Só não garanto a durabilidade igual as bonecas do Norberto. É um segredo que ele nunca revelou. E agora não revela mais, hehehe...

– Mas como encontrar a "matéria prima"? Não temos tempo...

– Tudo que preciso está aqui mesmo. Não seria uma grande ideia oferecermos um boneco vivo? Como chamá-lo? Dorian, que tal? Na certa tem mercado....

Realmente foi uma ótima ideia. E o primeiro Dorian sobreviveu por longos anos, tendo trocado de dono algumas vezes. Diziam que seu único defeito era que chorava silenciosamente de tempos em tempos ... Quanto à carreira de *doll maker* de Gustavo, não foi longe. Os novos produtos não duravam nada, pois o ingrediente secreto de Norberto nunca foi descoberto.